

Beatriz Gil

O gênero acadêmico: resumos nas áreas de Antropologia, Linguística e
Ciência Política

São José do Rio Preto
2014

Beatriz Gil

O gênero acadêmico: resumos nas áreas de Antropologia, Linguística e
Ciência Política

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Linguística Aplicada, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Solange Aranha

São José do Rio Preto
2014

Beatriz Gil

O gênero acadêmico: resumos nas áreas de Antropologia, Linguística e
Ciência Política

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Área de Concentração – Linguística Aplicada, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Solange Aranha

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Solange Aranha
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Anna Flora Bruneli
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Débora de Carvalho Figueiredo
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

São José do Rio Preto
2014

Dedico este trabalho à minha família, ao meu noivo e aos meus amigos,
simplesmente por existirem.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por ter me dado força e resiliência ao longo desta jornada

Ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, pela excelente estrutura e pelos ótimos profissionais que permitiram a execução desta pesquisa.

A FAPESP, pelo apoio financeiro e pela oportunidade de ter realizado este mestrado na modalidade sanduiche.

A minha orientadora, Solange Aranha, por todo o amparo teórico e pessoal, correções, incentivos, e por estar sempre disponível e aberta em todos os momentos de necessidade.

A minha família, pelo apoio incondicional e por participarem de mais essa conquista.

Ao meu noivo, por todas as palavras de carinho e apoio, pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar mais a minha pesquisa e por me ajudar nos momentos de fraqueza.

Aos meus amigos, pela cumplicidade e por estarem sempre presentes.

A todos que participaram direta ou indiretamente desta conquista, o meu muito obrigado.

There are no facts. Only interpretations.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

O objetivo deste trabalho é comparar 71 *abstracts* de artigos de pesquisa retirados de seis publicações Qualis A1 das disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Linguística, a fim de observar se há diferenças retóricas e linguísticas na materialização do gênero *abstract* entre disciplinas. Para tanto, utiliza-se o modelo Gil (2011) na análise das estruturas retóricas. Os resultados apontam para um agrupamento retórico no corpus que não segue a divisão das disciplinas. Dos seis periódicos analisados, três deles (dois de Linguística e um de Antropologia) apresentam características similares, com recorrência alta dos Movimentos de Metodologia e Resultados, uso de métodos quantitativos, calcados em análises laboratoriais e microscópicas, e descrição longa e detalhadas de resultados. Os outros três (dois de Ciência Política e um de Antropologia) apresentam exemplares com Movimento de Estruturação, métodos qualitativos e resultados menos detalhados e mais interpretativos. Esses resultados salientam a heterogeneidade das disciplinas e sugerem que as subdisciplinas e suas fronteiras de ocupação na área tem grande influência na materialização do gênero *abstract*.

Palavras-chave: *abstracts*, gênero entre disciplinas, Ciências Humanas e Sociais, estruturas retóricas, fronteiras disciplinares.

ABSTRACT

The purpose of this research is to compare 71 research article abstracts taken from six Qualis A1 journals of Anthropology, Political Science and Linguistics. Our intention is to observe possible rhetorical and linguistics differences of the genre abstract among the disciplines. As methodology, Gil's model (2011) was used to analyze the rhetorical structures. The results show a rhetorical grouping that does not follow the disciplinary division. On one hand, three journals (2 Linguistics, 1 Anthropology) present similar characteristics: high recurrence of Methodology and Results moves, use of quantitative methods, with lab and microscopic analysis, and detailed description of results. On the other hand, the other three journals (2 Political Science, 1 Anthropology) present Step-by-step Move, interpretative and qualitative methods, and less detailed results. These results highlight the heterogeneity among disciplines and suggest that the subdisciplines and their borders have great influence on abstracts.

Key-words: abstracts, genre across disciplines, Humanity and Social Sciences, rhetorical structures, disciplinary borders.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Figura 1: Repropósito do Gênero a partir do texto (Fonte: Biasi-Rodrigues e Bezerra, 2006, p. 240)	p. 42
Figura 2 – Repropósito do Gênero a partir da situação (Fonte: Biasi-Rodrigues e Bezerra, 2006, p. 241)	p. 42
Figura 3 – Colônia de Gêneros promocionais (BHATIA, 2004, p. 62, tradução nossa)	p. 50
Figura 4 – O triângulo retórico de Aristóteles.....	p. 54
Figura 5 – Stance e Engagement	p. 73
Figura 6 – A organização retórica do artigo de pesquisa.....	p. 81
Figura 7 – Qualis e áreas de avaliação de JHE	p. 102
Figura 8 – Qualis e áreas de avaliação de CA	p. 104
Figura 9 – Qualis e áreas de avaliação de APSR.....	p. 105
Figura 10 – Qualis e áreas de avaliação de JOP	p. 106
Figura 11 – Qualis e áreas de avaliação de BL	p. 107
Figura 12 – Áreas de avaliação de BL de acordo com o Science Report	p. 107
Figura 13 – Qualis e áreas de avaliação de JPh.....	p. 108
Figura 14 – Quantidade de palavras por periódicos, áreas e no corpus	p. 110
Figura 15 – Ferramenta WordList	p. 116
Figura 16 – Ferramenta Concord.....	p. 117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Recorrência de M1 por disciplina.....	p. 120
Gráfico 2 – Recorrência de M1 por periódico	p. 121
Gráfico 3 – Recorrência de M2 por disciplina	p. 133
Gráfico 4 – Recorrência de M2 por periódico	p. 134
Gráfico 5 – Recorrência de M3 por disciplina.....	p. 142
Gráfico 6 – Recorrência de M3 por periódico	p. 143
Gráfico 7 – Recorrência de M4 por disciplina.....	p. 153
Gráfico 8 – Recorrência de M4 por periódico	p. 153
Gráfico 9 – Recorrência de M5 por disciplina.....	p. 161
Gráfico 10 – Recorrência de M5 por periódico	p. 162
Gráfico 11 – Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos	p. 171
Gráfico 12 – Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (Grupo 1).....	p. 172
Gráfico 13 – Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (Grupo JOP).....	p. 173
Gráfico 14 – Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (Grupo 2).....	p. 173
Gráfico 15 – Porcentagem de <i>stance, hedge e booster</i> no corpus	p.179
Gráfico 16 – Porcentagem de <i>stance, hedge e booster</i> pelo agrupamento retórico do corpus	p. 180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo CARS (SWALES, 1990, tradução de Aranha, 1996))	p. 34
Quadro 2 – Agrupamento de disciplina (BECHER AND TROWLER, 2001)	p. 65
Quadro 3 – Modelo de Bhatia (1993, p.) para o gênero <i>abstract</i> de artigo científicos ..	p. 85
Quadro 4 – Modelo de Swales e Feak (2009, p.) para o gênero <i>abstract</i> de artigo científicos	p. 86
Quadro 5 – Modelo Gil (2011) para o gênero <i>abstracts</i> de artigos científicos.....	p. 92
Quadro 6 – Comparação entre os três modelos de análise.....	p. 93
Quadro 7 – As publicações por área.....	p. 100
Quadro 8 – Resumo das principais características de cada periódico	p. 109
Quadro 9 – A organização do corpus	p. 111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Recorrência do Movimento 1 no corpus	p. 120
Tabela 2 – Quantificação dos tipos de sentenças que iniciam os abstracts.....	p. 123
Tabela 3 – Recorrência do Movimento 2 no corpus	p. 132
Tabela 4 – Recorrência do Movimento 3 no corpus	p. 141
Tabela 5 – Recorrência do Movimento 4 no corpus	p. 152
Tabela 6 – Recorrência do Movimento 5 no corpus	p. 160
Tabela 7 – Recorrência do Movimento E no corpus.....	p. 166
Tabela 8 – Quantidade de movimentos retóricos utilizados.....	p. 174

SUMÁRIO

Introdução	p.15
Capítulo 1 – Fundamentação Teórica	p. 26
1.1 Análise de Gênero	p. 28
1.2 Nova Retórica	p. 53
1.3 <i>Genre across disciplines</i> : a influência das áreas e disciplinas de conhecimento no gênero	p. 63
1.3.1 As disciplinas e as fronteiras	p. 63
1.3.2 <i>Stance e Engagement</i> no discurso acadêmico	p. 66
1.4 O discurso acadêmico e o artigo de pesquisa	p.77
1.5 O gênero abstract	p.81
Capítulo 2 - Metodologia	p. 94
2.1 As áreas de pesquisa.....	p. 94
2.1.1 Antropologia	p. 94
2.1.2 Ciências Políticas	p. 96
2.1.3 Linguística	p. 98
2.2 Coleta e organização de dados	p. 99
2.2.1 Critérios para seleção de revistas e coleta de dados	p. 99
2.2.2 Características dos periódicos escolhidos	p. 101
2.2.2.1 Journal of Human Evolution (JHE)	p. 103
2.2.2.2 Current Anthropology (CA)	p. 105
2.2.2.3 American Political Science Review (APSR).....	p. 106
2.2.2.4 Journal of Politics (JOP)	p. 108
2.2.2.5 Brain and Language (BL).....	p. 110
2.2.2.6 Journal of Phonetics (JPh).....	p. 105
2.2.3 Organização dos dados	p. 107
2.3 Métodos de Análise	p. 113
2.3.1 Análise Retórica.....	p. 113
2.3.2 Análise Linguística	p. 115
Capítulo 3 – Análise e Discussão de dados	p. 118
3.1 Os movimentos retóricos	p. 118
3.1.1 Movimento 1 (M1): Contextualização	p. 119
3.1.2 Movimento 2 (M2): Objetivos.....	p. 132
3.1.3 Movimento 3 (M3): Metodologia	p. 141
3.1.4 Movimento 4 (M4): Resultados.....	p. 151
3.1.5 Movimento 5 (M5): Conclusões.....	p. 160

3.1.6 Movimento de Estruturação (ME).....	p. 166
3.1.7 Hierarquia dos movimentos.....	p. 170
3.2 Stance: a emersão da personalidade autoral	p. 175
Capítulo 4 – Considerações Finais.....	p. 182
REFERÊNCIAS	p. 189
ANEXO I	p. 194
ANEXO II	p. 196
ANEXO III	em CD
ANEXO IV	p. 198
ANEXO V	p. 199
ANEXO VI.....	p. 203
ANEXO VII.....	p. 214

INTRODUÇÃO¹

“O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são”. (Aristóteles)

Publish or perish. Dentro do contexto acadêmico, são incontáveis os textos e artigos científicos que utilizam esse provérbio para introduzir, discutir ou justificar a necessidade da divulgação de pesquisas e resultados, uma vez que todo pesquisador deve publicar ou não alcançará relevância dentro de sua área de pesquisa. Apesar de, a primeira vista, o provérbio parecer cruel, ele demonstra a importância da escrita de textos científicos para a ciência, uma vez que é por meio desses textos que a comunidade acadêmica toma conhecimento dos estudos que estão sendo conduzidos, seus resultados e consegue traçar novos rumos e interesses de pesquisa. Nesse sentido, Aranha (2004, p.12-13) afirma que:

A divulgação escrita de trabalhos científicos acadêmicos expande as possibilidades de partilha e discussão de pesquisas que, de outra forma, ficariam ignoradas ou restritas a pequenos grupos ou a determinadas regiões geográficas. A publicação de trabalhos acadêmicos é o cerne do avanço de conhecimento científico, além de favorecer a projeção do pesquisador dentro de sua comunidade acadêmica.

Flowerdew (2008) defende que essa necessidade de o pesquisador escrever e publicar cada vez mais é resultado dos fenômenos de globalização e mercantilização da universidade fazendo com que a troca de informações aconteça em maior quantidade e velocidade, agregando novas características a essa prática, como, por exemplo, o conhecimento também como uma moeda de troca e uma forma de auto-promoção:

Há cinquenta anos, os pesquisadores não sentiam tanta pressão como sentem agora para publicar em periódicos internacionais (que são invariavelmente em inglês). Com a globalização e a mercantilização acadêmica, esse não é mais o caso – exceto em alguns países e em disciplinas específicas.²

¹ Esta pesquisa foi realizada com apoio da agência de fomento FAPESP, processo 2011/ 16.680-5

² Fifty years ago scholars did not feel such pressure as they do now to publish in international journals (which are invariably in English). With globalisation and the marketisation of the academy, this is no longer the case – except in some countries and specific disciplines. (FLOWERDEW, p. 77, 2008)

Com a modificação das práticas e das demandas acadêmicas atuais, grande parte dos cientistas passa a se agrupar e se comportar de forma a se encaixarem nos chamados grupos urbanos, como afirma Swales (2004), pesquisador expoente de umas das perspectivas teóricas com as quais este estudo se alinha, Análise de Gênero na linha sociorretórica. Esses grupos são compostos por um número elevado de pesquisadores, oriundos de diversas partes do planeta e que estão em constante contato, compondo comunidades internacionais. Outra característica desses grupos é o constante desenvolvimento de pesquisas inovadoras, o que os coloca e as suas instituições de pesquisas dentro dessa comunidade internacional.

Motivado por essa demanda pela rapidez e pelo volume das pesquisas acadêmicas, Swales (2004, p.15) argumenta que as publicações deste grupo “são tipicamente curtas, com enfoque de citações de trabalhos recentes, múltipla autoria [...]”.³ Um dos gêneros que alcança maior relevância neste contexto é o artigo de pesquisa, atendendo aos requisitos de um texto de menor extensão e que, ao mesmo tempo, permite expor os procedimentos utilizados e principais descobertas de um estudo. O autor ainda argumenta que é inegável o prestígio desse gênero no contexto acadêmico, com a publicação de milhões de exemplares do gênero por ano.

Outra prática diretamente vinculada com a questão da publicação de artigos é a escolha de veículos que atinjam o maior número possível de pesquisadores e estudiosos da área, isto é, a publicação em periódicos de alto impacto.⁴ Em nível mundial, mede-se a relevância de uma publicação por meio do Fator de Impacto. Votto (2012) define o

³ [...] publications are typically short, citations focus on recente work, multiple authorship is the norm [...]” (SWALES, 2004, p. 15)

⁴ Ao longo do texto, as palavras “periódicos”, “revistas” e até mesmo “publicações” são usadas como sinônimas, em referência ao vocábulo *journal* do inglês.

Fator de Impacto como uma “medida que reflete a média do número de citações dos artigos publicados em determinada revista”.⁵

Para calcular o fator de impacto de determinada revista no ano de 2014, por exemplo, deve-se dividir o número de vezes que artigos publicados por ela nos anos de 2012 e 2013 foram citados em outras revistas do ano de 2014, pelo número de “itens citáveis”, incluindo artigos, revisões e ensaios. Ilustrando a discussão com um exemplo criado, se uma revista publicou 2000 textos entre os anos de 2012 e 2013, e estes foram citados 5000 vezes por outros periódicos durante 2014, o fator de impacto da revista no ano de 2014 é 2,5 (5000/2000). Atualmente, é por meio do *Journal Citation Reports* (JCR), uma publicação anual do *Institution for Scientific Information* (ISI), que é possível avaliar e comparar as publicações científicas de 3.300 editores, em cerca de 200 disciplinas, e 60 países.

Em nível nacional, a ferramenta utilizada para medir a relevância de um periódico em determinada área é o *Qualis Periódicos*, patrocinado pela Capes e que apresenta uma estratificação da produção científica. De acordo com o site *WebQualis*, o Qualis é “o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Foi concebido para atender às necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados.”⁶

A classificação da Capes distribui os periódicos em oito estratos, em ordem decrescente de valor: A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, sendo que o critério para essa estratificação é dependente do fator de impacto do periódico. Observa-se, portanto, que os periódicos Qualis A1 são os mais relevantes para a área, com alto fator de impacto,

⁵ <http://bibliotecaucs.wordpress.com/2012/06/27/o-que-e-o-fator-de-impacto/>

⁶ <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>

reconhecidos e consagrados internacionalmente enquanto os Qualis C são considerados de menor relevância.

Outro aspecto intrinsecamente relacionado com a questão das publicações acadêmicas e impacto é a adoção de uma língua comum à academia, internacional e transcultural, permitindo que um maior número de pesquisadores e cientistas tenha acesso aos jornais e aos artigos nele publicados. Como afirma Tardy (2004, p.247):

[...] o acesso e gerenciamento da informação se torna crucial em níveis individuais, institucionais e nacionais. Essa comunicação internacional e transcultural pode ser facilitada pelo uso de uma língua comum. Devido a circunstâncias históricas, combinação de planejamento e promoção, acaso e/ou acidente, o inglês domina cada vez mais o acesso internacional a comunicação e a informação.⁷

Tardy (2004), baseada em outros autores, como Benesch, 2001, por exemplo, argumenta que por motivos históricos, econômicos e tecnológicos, a língua que desponta como língua franca da ciência, atendendo ao pré-requisito de criar uma ponte entre as comunidades acadêmicas ao redor do globo, é o inglês. Para Hyland (2006), essa hegemonia do inglês é fruto do legado do colonialismo americano e britânico, expansão do mercado comum, além do aumento de organizações mundiais, das corporações transnacionais e do advento da internet.

A questão supremacia da língua inglesa na academia é controversa, sendo vista tanto como positiva, ou seja, o inglês como uma língua neutra, franca e que permite a livre troca de informações de maneira mais rápida e confiável; quanto negativa, ou seja, o inglês como um *Tyranosaurus Rex* (SWALES, 1997; TARDY, 2004, HYLAND, 2006), que impede o desenvolvimento de outras línguas no contexto acadêmico e cria uma barreira para os pesquisadores não nativos de inglês penetrarem e se firmarem na academia.

⁷ [...] information management and access become crucial at individual, institutional, and national levels. Such international, cross-cultural communication may be facilitated by use of a common language. Due to historical circumstances, concerted planning and promotion, chance, and/or accident, English has increasingly dominated international communication and information access.

Independente de ser benéfica ou não, Nida (1992) e Swales (1990) já afirmavam que a maioria da produção textual científica é publicada em língua inglesa. Hyland (2006) complementa a discussão da hegemonia do inglês na academia apontando para o fato de que mais de 90% dos periódicos de algumas áreas são impressos em inglês. Apesar de essa influência do inglês ser maior em algumas áreas do que outras, é cada vez mais difícil encontrar publicações de prestígio em outras línguas. Tardy (2004, p.250) também apresenta estatísticas de que, no ano de 1995, o inglês já era o idioma de 95% dos periódicos anexados no *Science Citation Index*, sendo os outros 5% divididos em outras línguas como francês, alemão e russo. Björkman (2011) argumenta que atualmente o inglês não é só o idioma das publicações, mas também vem se tornando a língua utilizada para instrução em um grande número de universidades não americanas ou britânicas.

Considerando o contexto acima, o meio mais eficaz de alcançar projeção dentro de uma comunidade de pesquisa acadêmica parece ser cumprir a tríade: publicar *artigos de pesquisa em língua inglesa* e em *revistas de alto fator de impacto*. Entretanto, essa tarefa pode ser mais árdua do que aparenta, oferecendo inúmeros obstáculos para todos os pesquisadores, inclusive para os nativos dessa língua, uma vez que, apesar de existirem falantes nativos de inglês, “não existem falantes nativos de inglês acadêmico”,⁸ isto é, a linguagem acadêmica é uma linguagem “única”, e só a proficiência da língua não é suficiente para interagir e publicar neste contexto.

Para os pesquisadores não nativos de inglês e iniciantes em pesquisa científicas compete a posição de “tripla desvantagem de precisar ler, pesquisar e escrever em outra língua” (Van Dijk, 1994, p.276 *apud* Flowerdew, 2008, p.78), exigindo o dobro de tempo e de esforço na condução da pesquisa em segunda língua. Tardy (2004) alega

⁸ “There are no native speakers of academic English” (MAURANEEN et al., 2010, p.184)

que, frequentemente, os investigadores se sentem mais confortáveis em ler textos em inglês do que produzi-los, o que acaba por excluí-los da participação central da comunidade acadêmica internacional. A autora afirma que, além do conhecimento linguístico, é necessário conhecimento dos gêneros, letramentos acadêmicos e convenções estabelecidas. No caso dos pesquisadores iniciantes, a desvantagem é agravada porque eles ainda não desenvolveram totalmente uma consciência de seus deveres e direitos dentro da academia, das dinâmicas que os envolvem, tornando mais difícil essa adequação acadêmica em outra língua.

Essa característica da comunidade acadêmica faz com que o Brasil se enquadre em um contexto de países com atividade científica considerável, mas com um volume de publicações ainda insuficiente para os padrões internacionais. A reportagem *Produção científica cresce 56% no Brasil*,⁹ publicada no caderno Ciência, do jornal “Folha de São Paulo” (2009), destaca que o investimento em ciência e em tecnologia no Brasil vem crescendo progressivamente. O volume de publicações brasileiras no cenário mundial também vem aumentando, porém ao compará-los em quantidade e, principalmente qualidade¹⁰ com as publicações de outros países, esse número ainda continua “abaixo da média mundial”. Pesquisas conduzidas pelo *site Science Watch* em 2011 coloca o Brasil como o 20º país com mais pesquisas citadas, com destaque nas áreas de Agricultura e Ciências, mas ainda distante dos países que encabeçam o ranking.¹¹

⁹ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561181.shtml>

¹⁰ A noção de qualidade empregada aqui relaciona-se com os critérios internacionais que se baseiam no impacto do artigo para o meio, ou seja, quantas vezes foi citado por outros pesquisadores.

¹¹ <http://archive.sciencewatch.com/ana/fea/09julaugFea/> e <http://archive.sciencewatch.com/dr/cou/2012/12janALLgraphs/>

Outro dado alarmante trazido pelo site Pesquisa Mundi (2013), com base em reportagem do jornal Folha de São Paulo,¹² é o fato de que no período de 10 anos, 2001-2011, o Brasil subiu de 17º para 13º lugar quanto ao volume de textos publicados, entretanto, a relevância das publicações brasileiras caiu de 31º lugar para 40º, mostrando que a qualidade da produção brasileira não acompanha o ritmo das publicações. Essa discrepância entre a pesquisa científica e a publicação parece estar relacionada ao fato de os textos brasileiros não alcançarem a qualidade exigida internacionalmente, uma vez que, de acordo com os dados apresentados, o motivo para o aumento nas publicações brasileiras foi a ampliação do número de periódicos brasileiros anexados nas bases de dados (de 62 periódicos para 270), e a razão da queda foi que esses periódicos são pouco lidos por outros pesquisadores, seja pelo fator de impacto ou pela questão do idioma, apresentando menor impacto no cenário mundial.

Na reportagem publicada pela Revista Fapesp “Cientistas precisam saber escrever”,¹³ de 2012, um dos pesquisadores afirma que “é preciso mostrar aos graduandos e pós-graduandos a importância de se *escrever bem* um artigo científico [em inglês], sob o risco de o trabalho não ter a repercussão que merece”. Diversos autores (ARANHA, 2004; BAZERMAN 2006, 2009; BHATIA 1993, 2004; SWALES, 1990, 2004; TARDY, 2004; entre outros) argumentam que esse *escrever bem* não se limita somente a ter proficiência em língua inglesa e suas estruturas gramáticas e sintáticas. O conhecimento da língua em si é somente um dos pilares que sustenta essa dinâmica de escrita e publicações dos dias atuais, ou seja, a proficiência em língua estrangeira não garante a elaboração de um texto adequado aos padrões exigidos.

¹² <http://www.pesquisamundi.org/2013/04/producao-cientifica-do-brasil-aumenta.html> e <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/105099-producao-cientifica-do-brasil-aumenta-mas-qualidade-cai.shtml>

¹³ <http://agencia.fapesp.br/15832>

Aranha (1997, 2004) e Flowerdew (2011) salientam que as causas da recusa de muitos artigos submetidos por não nativos não são os erros gramaticais e escolhas inadequadas de palavras, mas sim a falta de consistência e estrutura entre as partes do texto, a descontinuidade argumentativa e ainda a falta de um posicionamento e uma voz autoral mais atuante. Bhatia (2004) considera primordial para que o pesquisador alcance sucesso nesta prática integrar *competência textual* – construção e interpretação de textos em contexto -, *competência genérica* - habilidade em explorar um “grupo” de gêneros relacionados a sua prática profissional de forma a cumprir as atividades diárias e alcançar os propósitos e objetivos específicos de sua comunidade -, *competência social* - habilidade em usar a língua de forma mais efetiva interagindo em diversos contextos sociais e institucionais -, e, por fim, conhecimento das disciplinas e suas práticas consagradas.

Considerando o panorama traçado acima, este estudo se justifica pela necessidade de investigações acerca do uso dos gêneros acadêmicos nas diversas disciplinas do conhecimento. Para o pesquisador considerado iniciante, tanto em sua língua materna quanto em língua estrangeira, pesquisas com esse enfoque oferecem subsídios para que ele possa entender melhor o contexto acadêmico e as diversas práticas que lhe subjazem, além de instrumentalizá-lo na produção de textos mais adequados ao esperado em seu meio de pesquisa, conscientizando-o do status dos gêneros, sua forma e conteúdo esperados, e permitindo também que este conhecimento aliado com a prática ajude na manipulação dos gêneros de forma mais efetiva e criativa.

O objetivo desta pesquisa é analisar e comparar a materialização do gênero *abstract* em diferentes disciplinas do conhecimento, seus padrões retóricos e lexicogramaticais esperados pelas comunidades científicas nas quais esses textos circulam e outras características que definem este gênero. Como perspectivas teóricas,

serão usados conceitos da Análise de Gênero, na linha sociorretórica, Nova Retórica e Gênero entre Disciplinas. O corpus é composto de 71 *abstracts* retirados de publicações classificadas como Qualis A1 pela Capes, das disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Linguística. Nesta pesquisa, considera-se o *abstract* gênero do discurso acadêmico por causa de sua complexidade e dinamicidade, como tentaremos mostrar ao longo deste trabalho.

Além disso, objetiva-se comparar os dados encontrados no levantamento de possíveis diferenças e/ou semelhanças entre o resumo de as disciplinas escolhidas, e tentar compreender o que motiva as discrepâncias e similaridades. O modelo Gil (2011) para *abstracts* foi escolhido em detrimento de outros modelos mais consagrados na área pela pertinência que apresentou em pesquisa anterior e que objetiva-se verificar se os resultados anteriores se aplicam a este corpus.¹⁴

Considerando os objetivos traçados, as pergunta de pesquisa que norteiam esta pesquisa são:

1. Em que medida o modelo Gil (2011) descreve a estrutura retórica do corpus e se torna pertinente para os *abstracts* das disciplinas em questão?
2. Quais são as semelhanças e diferenças retóricas e linguísticas encontradas nos *abstracts* das diferentes disciplinas?
3. Em que proporção as disciplinas e suas práticas influenciam na estrutura genérica e nas escolhas linguísticas do texto? E por quê?

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos: Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise e Interpretação de Dados e Considerações Finais. Esta introdução teve a função de traçar o contexto no qual a pesquisa se insere, seus objetivos e suas justificativas. O capítulo seguinte, Fundamentação Teórica, tem por objetivo a

¹⁴ Posteriormente, o referido modelo será melhor explicado e sua escolha justificada.

apresentação e a discussão da fundamentação teórica que nos embasa. Ele está dividido em três eixos: a abordagem da Análise de Gênero (em 1.1), na linha sociorretórica, calcada especialmente na leitura de textos de Bhatia (1993, 2004), Swales (1990, 1002, 2004), Swales e Feak (1994, 2009); a abordagem da Nova Retórica (em 1.2), na linha sócio-interativa, na qual priorizamos as discussões desenvolvidas por Bazerman (1998, 2006, 2009, 2010) e Miller (1984); e estudos na perspectiva dos Gêneros entre disciplinas (seção 1.3), com foco na influência de diferentes disciplinas na materialização dos gêneros acadêmicos. Destacamos, em especial, as contribuições de Hyland (1998, 2002, 2005, 2012), com o estudo de *Stance e Engagement* na reflexão da estrutura genérica e seus aspectos sociais, e Becher e Trowler (2001) na questão das disciplinas e suas fronteiras.

O segundo capítulo, Metodologia, descreve e justifica as escolhas metodológicas feitas, assim como descreve os traços mais importantes e fundamentais para o entendimento do *corpus* e da interpretação dos dados. Dessa forma, a seção 2.1 apresenta as características das três disciplinas analisadas nesta pesquisa, enquanto 2.2 não só enumera todos os critérios utilizados para a escolha dos periódicos e *abstracts* e organização do *corpus*, como também discute as regras editoriais e escopo de pesquisa das publicações analisadas. A última seção, 2.3, relata os procedimentos e métodos eleitos para a análise.

O terceiro capítulo, Análise e Discussão de dados, é dividido em duas partes. A primeira, 3.1, reflete sobre as estruturas retóricas recorrentes no corpus, sobre a pertinência ou não do modelo Gil (2011) e sobre aspectos, como as características de cada disciplina e as regras editoriais de cada publicação influenciam na materialização do gênero *abstract*. A segunda subdivisão, 3.2, apresenta um estudo voltado para a superfície textual dos *abstracts* com enfoque na questão de *Stance*, de Hyland (1998,

2002, 2005, 2012). Por fim, no quarto capítulo, uma retomada dos principais argumentos construídos ao longo do texto é feita, assim como encaminhamentos e possíveis aplicações desta pesquisa no futuro.

Capítulo 1 – Fundamentação Teórica

Quanto mais aumenta nosso conhecimento, mais evidente fica nossa ignorância. (John F. Kennedy)

O crescimento na produção de pesquisas científicas em todo mundo, inclusive no Brasil é um fato inegável. Esse aumento deve ser acompanhado por uma produção acadêmica compatível com o número de resultados obtidos, especialmente por meio de artigos científicos e outros textos destinados à propagação da ciência. Dentro desse contexto de publicações que são veiculadas notadamente em língua inglesa - língua franca do meio acadêmico - dificuldades emergem para os pesquisadores em geral, mas, principalmente para aqueles que não possuem a língua inglesa como língua materna ou que são membros novatos da academia, portanto, não conhecem as regras das comunidades que fazem ou desejam fazer parte e nem o que é esperado deles.

Este capítulo inicia-se com uma resenha teórica de pilares conceituais da Análise de Gênero, na perspectiva sociorretórica. Para a explicação dos conceitos e apresentação das características dessa abordagem são utilizadas as noções trazidas principalmente por Bhatia (1993, 2004), Swales (1990, 1992, 2004), Swales e Ashkave (2001), Swales e Feak (2009), Aranha (1997, 2004), Biasi-Rodrigues (2012), Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012), Biasi-Rodrigues *et all.* (2009), entre outros.

Na sequência, inserem-se algumas ideias e noções exploradas por outra abordagem nos estudos do gênero, a Nova Retórica, perspectiva teórica que juntamente com a Análise de Gênero teve grande importância neste trabalho por oferecer subsídios para a reflexão dos elementos que subjazem o processo de escrita acadêmica. Sua discussão, neste trabalho, centra-se nos pesquisadores Bazerman (1998, 2006, 2009, 2010) e Miller (1984). Por fim, as investigações conduzidas por Becher e Trowler (2001) e Hyland (1998, 2002, 2005, 2012) são apresentadas na questão da abordagem

dos Gêneros entre Disciplinas. Delimita-se, então, o escopo da pesquisa, com reflexões acerca do discurso acadêmico, do gênero artigo de pesquisa e do gênero *abstract*.

Antes da apresentação dos pilares teóricos nos quais esta pesquisa se embasa, cabe pontuar algumas noções básicas e que são compartilhadas por todos os pesquisadores e abordagens discutidas ao longo do capítulo. Hyland (2004, p.50-51) elenca alguns traços que são recorrentes nas abordagens aqui apresentadas:

- os gêneros se desenvolvem como resultado de formas recorrentes pelas quais as pessoas realizam atividades em seus grupos sociais;
- como esses grupos são relativamente estáveis, os gêneros produzidos nessas e por essas instituições sociais alcançam certa estabilidade ao longo do tempo, ajudando a dar coerência e significado a experiência social;
- os gêneros têm características linguísticas específicas que não são totalmente determinadas pelo contexto ou pelo gênero, mas não estão, tampouco, sob o controle total dos indivíduos;
- textos não são simplesmente produzidos por indivíduos expressando sentidos interiores, mas são influenciados por comunidades ou culturas – em termos de produtos e processos – e, portanto, mudam em resposta à mudança de necessidades;
- um entendimento do gênero engloba tanto forma e conteúdo, incluindo um senso de o que é apropriado para um propósito particular ou contexto;
- a linguagem dos textos deve sempre ser ensinada em conjunto com as funções que o texto normalmente desempenha em contextos específicos;
- os gêneros têm uma origem social, e diferentes gêneros carregam diferentes graus de poder e status;
- conhecimento das características dos textos e seu poder social devem formar parte de qualquer currículo de escrita.

Em suma, a linguagem não é somente um mero instrumento para transmissão de ideias, ela é considerada uma característica central no comportamento humano, e somente por meio dos gêneros, é possível construir significados em contextos sociais específicos.

1.1 A Análise de Gênero

Dentro da Linguística Aplicada, várias vertentes teóricas utilizam o estudo do gênero para o entendimento do funcionamento da língua, seja de forma mais geral ou em um contexto mais específico. A aplicação do estudo do gênero em uma perspectiva linguística pode iluminar questões como o porquê de um texto em particular ser escrito de uma forma e não de outra. Ao longo do primeiro capítulo de seu livro, Bhatia (1993) discute a importância de um estudo sobre os gêneros que alie aspectos socioculturais e psicolinguísticos. De acordo com ele, uma das abordagens que combina esses aspectos e pode ser valiosa para o entendimento das razões pelas quais os gêneros textuais são escolhidos e como são materializados é a Análise de Gênero (Genre Analysis, ou seja, a análise de gênero com base sociorretórica). Vale ressaltar que a Análise de Gênero é voltada para fins pedagógicos e aplicada em contextos mais específicos de comunicação, como o contexto acadêmico.

Em 1990, Swales publica o livro *Genre Analysis*, cujo principal objetivo é apresentar uma abordagem de ensino de inglês que possa ter aplicação prática, ou seja, que seja pragmática para acadêmicos e pesquisadores. Na concepção do autor, há três conceitos fundamentais na teoria: os conceitos de comunidade discursiva, gênero e tarefa. Como objetiva-se a aplicação dos conceitos na análise do gênero *abstract*, o enfoque será nos conceitos de comunidade discursiva e gênero, uma vez que o conceito

de tarefa é voltado para a aplicação da abordagem por meio da criação de aulas/cursos sobre escrita.

Para sua elaboração do conceito de gênero, o analista utiliza noções retiradas de diferentes áreas do conhecimento: folclore, literatura, linguística e retórica. Apesar dos diferentes usos e definições de gênero em cada uma dessas disciplinas, segundo Swales (1990, p.44) é possível delimitar alguns pontos de intersecção entre elas, tais como a consciência de uma estrutura genérica, o reconhecimento do gênero como uma ação social e situada dentro de comunidades e com propósitos comunicativos específicos e a noção de que o gênero é capaz de integrar o passado e o presente de uma realidade. Assim, Swales define gênero como:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, e seus membros devem compartilhar os propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva, e por meio disso, constitui-se a prototipicidade do gênero. Essa prototipicidade configura as estruturas do discurso, o prestígio e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo tanto é um conceito importante quanto uma forma de manter o escopo do gênero como estreitamente concebível na ação retórica. Em adição ao propósito, exemplares de gênero exibem vários padrões em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público destinado. Se todas as condições forem realizadas, o texto será visto como prototípico da comunidade discursiva. O léxico do gênero é herdado e produzido pelos membros da comunidade discursiva, e incorporados por outros como um instrumento valioso de comunicação, mas normalmente precisa de maiores validações. (SWALES, 1990, p.58 tradução de Aranha, 2004).¹⁵

Swales (1990, p.44-57) esmiúça o conceito, postulando alguns pontos fundamentais para o entendimento da definição:

¹⁵ A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by the discourse communities, and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation. (SWALES, 1990, p.58, tradução de Aranha, 2004)

- um gênero é uma classe de eventos comunicativos: o autor coloca evento comunicativo como um evento no qual não só a língua é fundamental, mas também o discurso, os participantes e todos os elementos subjacentes a essa interação, como a produção, a recepção e os aspectos históricos e culturais envolvidos;
- a característica principal que transforma eventos comunicativos em gêneros é o compartilhamento de propósitos comunicativos: os gêneros são “veículos para o cumprimento de objetivos”,¹⁶ portanto um gênero se modela em função de um conjunto de propósitos comuns. Esses objetivos, por sua vez, só se transformam em gênero se forem partilhados por um grupo de pessoas;
- exemplares ou instâncias do gênero variam em sua prototipicidade: apesar de apresentar uma estrutura prototípica e características próprias, elas podem variar sem alterar o gênero de um texto;
- a lógica por trás do estabelecimento do gênero restringe as contribuições possíveis em termos de conteúdo, posicionamento e forma: uma vez estabelecido um gênero há uma série de convenções inerentes que devem ser seguidas e respeitadas. Dentre essas convenções podemos citar, em nível gramatical, o registro (formal ou informal) e a escolha lexical (termos especializados ou não) a serem usados. O autor salienta que essas convenções não são estáticas e podem se modificar ao longo do tempo e das interações entre os membros;
- a nomenclatura da comunidade discursiva para gêneros é uma fonte importante de ideias: os membros mais ativos e antigos de uma comunidade tendem a nomear os eventos comunicativos que reconhecem como sendo importantes para o grupo. Essa nomenclatura ajuda os membros na percepção da ação retórica a ser desenvolvida para cumprimento do conjunto de objetivos veiculados ao gênero.

¹⁶ “genres are vehicles for the achievement of goals” (Swales, 1990, p. 46)

Para um melhor entendimento do gênero, é essencial a explanação do conceito de propósito comunicativo, uma vez que ele é a razão pela qual se define não só o gênero, mas também a comunidade discursiva. O propósito comunicativo é definido como:

Reconhecidos pelos membros especializados da comunidade discursiva original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável. (SWALES, 1990, p.58, tradução de BIASI-RODRIGUES E BEZERRA, 2012, p.234).

Pela definição, vê-se que o conceito de propósito comunicativo é central na teoria (*razão subjacente, critério privilegiado*). É por meio dele que se determina a forma, o conteúdo e a função do gênero. Além disso, ele é o que mantém a comunidade discursiva, definida por Swales (1990) como:

Comunidade discursiva é uma rede sociorretórica formada a fim de trabalhar por objetivos comuns. Uma das características que os membros dessas comunidades devem apresentar é familiaridade com os gêneros específicos usados por essas comunidades na realização dos propósitos comunicativos. Como consequência, os gêneros são próprios das comunidades discursivas, isto é, os gêneros pertencem às comunidades discursivas e não aos indivíduos ou a outro tipo de comunidade mais ampla. (SWALES, 1990, p.9, tradução Aranha, 2004).¹⁷

O critério principal que define a comunidade é o fato de ser composta por membros que compartilham *objetivos comuns*, isto é, que apresentam os mesmos propósitos comunicativos.

¹⁷ Discourse communities are sociorhetorical networks that form in order to work towards sets of common goals. One of the characteristics that established members of these communities possess is familiarity with the particular genres that are used in the communicative furtherance of those sets of goals. In consequence, genres are the properties of discourse communities; that is to say, genres belong to discourse communities, not to individuals other kinds of grouping or to wider speech communities. (SWALES, 1990, p.9, tradução Aranha, 2004).`

Para Aranha (1996), o conceito de comunidade discursiva é fundamental, uma vez que é dentro dela que os propósitos comunicativos são formados e é ela que cria as possibilidades de sucesso para o alcance dos propósitos. Segundo a pesquisadora, há uma relação de auto-alimentação entre a comunidade discursiva e o propósito e, por sua vez, dela com o gênero:

[...] o gênero se estabelece dentro de uma comunidade discursiva e ela torna-se responsável por ele. Poderíamos sugerir que existe um processo de auto-alimentação: a comunidade discursiva desenvolve determinados gêneros e a existência de gêneros específicos configura grupos sociais como comunidades discursivas por compartilharem propósitos comunicativos efetivados através dos gêneros pertinentes a ela. (ARANHA, 1996, p. 17).

A fim de facilitar o entendimento do conceito, Swales (1990, p.24-27) enumera seis critérios para definição de uma comunidade discursiva:

1. Uma comunidade discursiva tem um amplo conjunto de objetivos públicos comuns;
2. Uma comunidade discursiva tem mecanismos de intercomunicação entre seus membros – esses mecanismos variam entre as diferentes comunidades;
3. Uma comunidade usa seus mecanismos essencialmente para promover informação e *feedback*;
4. Uma comunidade discursiva utiliza e possui um ou mais gêneros no avanço comunicativo de seus propósitos;
5. Além de possuir gêneros próprios, uma comunidade discursiva apresenta terminologia específica;
6. Uma comunidade discursiva tem membros com um grau desejável de conteúdo e domínio discursivo.

O livro de Swales (1990) alcançou determinado status dentro da teoria da Análise de Gênero não só pelos conceitos expostos, mas também pela sua proposta de um modelo pedagógico que contempla a argumentação por meio de movimentos

retóricos para auxiliar na escrita da introdução de trabalhos acadêmicos, o CARS (*Create a Research Space*). Hemais e Biasi-Rodrigues (2007, p.109) observam que o termo “modelo” não é utilizado pelo autor em referência ao CARS. Esta terminologia foi empregada posteriormente por outros analistas e estudiosos da área para sinalizar “a representação da visão e do conjunto de conceitos delineados por Swales, principalmente no livro de 1990.”

O CARS é formado por três movimentos. Utilizando a definição de Aranha (2004, p. 47), tem-se que:

O termo *movimento* será entendido aqui como o conteúdo encontrado (ou que se deve encontrar) em uma determinada parte de um texto, organizado de uma forma específica, sem menção à sua estrutura linguística propriamente dita. É o tipo de informação julgada pertinente a determinado propósito comunicativo.

Para Motta-Roth (1998, p.27):

um movimento pode ser definido como um bloco de texto que pode se estender por mais de uma sentença, realizando uma função comunicativa específica e que, juntamente com outros movimentos, constitui a totalidade da estrutura informacional que deve estar presente no texto para que esse possa ser reconhecido como um exemplar de um dado gênero do discurso

No CARS o conteúdo parte de um espaço maior e mais genérico, chamado território (Movimento 1) que pode ser estabelecido por meio informações genéricas sobre a área de pesquisa e/ou sua importância assim como pesquisas anteriores. Este território mais amplo é afinado por meio de M2, que delimita um nicho menor dentro do território, por meio de uma brecha ou concordância com pesquisas anteriores, por fim, ocupa-se esse nicho, apresentando os objetivos da pesquisa, os achados principais e/ou a estrutura do artigos (Movimento 3). O quadro abaixo mostra a configuração do CARS, em 1990.

Movimento 1 Estabelecendo um território

Passo 1 Reivindicando centralidade

e/ou

Passo 2	Tecendo generalização(ções) sobre o tópico e/ou
Passo 3	Revedo pontos de pesquisas anteriores
Movimento 2 Estabelecendo um nicho	
Passo 1A	Apresentando alegações em contrário ou
Passo 1B	Indicando uma brecha ou
Passo 1C	Levantando questões ou
Passo 1D	Continuando a tradição
Movimento 3 Ocupando o nicho	
Passo 1A	Esboçando os objetivos ou
Passo 1B	Anunciando a presente pesquisa
Passo 2	Anunciando os achados principais
Passo 3	Indicando a estrutura do Artigo de Pesquisa (AP)

Quadro 1: Modelo CARS (SWALES, 1990, tradução de Aranha, 1996)

Cada um dos três movimentos retóricos pode ser cumprido pela sequência de um ou mais passos mostrado pelo autor, sendo os passos excludentes ou não entre si. Swales (1990) não define o conceito de passos, apenas identificando-os como “diferentes seções que desempenham diferentes funções retóricas” (Swales, 1990, p. 136).

Em linhas gerais, o primeiro movimento, de estabelecimento do território de pesquisa, pode ser realizado por três passos diferentes. Ele pode ser realizado mostrando a importância da pesquisa para a área na qual se insere (passo 1); elencando informações consideradas essenciais para que o leitor entenda e se situe sobre a área da pesquisa (passo 2); e revisando resultados de pesquisas anteriores a sua (passo 3). Como os passos aqui não se excluem, é possível combiná-los de diferentes formas, pode-se usar tanto os três passos de forma individual (apenas o passo 1, 2 ou 3) ou realizar uma combinação entre eles, como, por exemplo, a utilização passo 1 e 2, ou 2 e 3, e assim por diante.

O segundo movimento pode ser realizado por quatro passos distintos e excludentes, isto é, dos quatro deve-se escolher apenas um para estabelecimento do território. Esses quatro passos são a negação de alguma afirmação anterior (1A); indicação de uma falha no campo da pesquisa, mostrando tópicos mal ou não explorados, por exemplo, (passo 1B); levantamento de questões que precisam ser melhor investigadas (passo 1C); ou continuação da argumentação em concordância com o que foi dito no movimento anterior, sem apontar “problemas” (passo 1D).

O terceiro e último movimento pode ser realizado em três passos distintos e não excludentes, isto é, o autor pode decidir pelo uso de apenas um dos passos, ou combiná-los de formas distintas. O primeiro passo deste movimento, entretanto, pode ser realizado de duas formas diferentes e excludentes, para o início da ocupação do nicho pode-se esboçar os objetivos da pesquisa (passo 1A) ou anunciar a pesquisa em si (passo 1B); elencar os principais achados da pesquisa (passo 2) ou mostrar a estruturação do artigo, quais as partes que o leitor pode encontrar no decorrer da leitura e sua função (passo 3).

Aranha (2004, p.53-57), com base em Swales (1990) e Swales e Feak (1994), descreve as evidências linguísticas que ajudam no estabelecimento de cada movimento. Assim, em M1 seria fundamental o conhecimento de sintagmas nominais e regência nominal e verbal. Ela exemplifica a algumas das ocorrências que seriam consideradas comuns a esse movimento:

— *recently, there has been growing interest in...* (Recentemente, há um crescente no interesse em...);

— *the development ofis a classic problem in.....* (O desenvolvimento de ... é um problema clássico em...);

— *the well-known..... phenomena..... have been favorite topics for analysis in.....* (O conhecido ... fenômeno ... é um dos tópicos preferidos de análise em ...);

- *knowledge of.....has a great importance for.....* (Conhecimento sobre ... apresenta grande importância para ...);
- *a central issue in is.....* (Um problema central em ... é...);
- *X is well-known.* (X é conhecido ...).

Na introdução de M2 e da falha de pesquisa são utilizados verbos cujo significado remetem a brechas, restrições e/ou erros, e normalmente em tempo passado: *disregarded, failed, ignored, misinterpreted, neglected, lacked, underestimated*. Além de conjunções adversativas (*however, nevertheless, although*), termos negativos (*no, none, few*), e adjetivos que também expressam brechas e restrições, como *controversial, incomplete, unconvincing, unsatisfactory*.

Em M3 é comum o uso de dois tipos de estruturas retóricas diferentes: ou pelo uso de vocábulos como *this, the present, reported, and here* ou pelo uso de pronomes pessoais *I/we*.

O modelo CARS é considerado até hoje como “a das maiores contribuições de Swales aos estudos de gêneros, em termos analíticos-metodológicos e pedagógicos.” (BIASI-RODRIGUES ET ALL, 2009, p. 32), e é aplicado em diversas pesquisas na área, das quais podemos citar Aranha (1997) na análise de introdução de artigos da área de Química Inorgânica, Aranha (2004) na análise de introduções de artigos na área de Biologia. Ainda há adaptações do modelo CARS e aplicação para outros gêneros acadêmicos, tais como Motta-Roth (1998) na análise de 60 abstracts das áreas de Química, Economia e Linguística e Yahkontova (2006) no estudo de 100 abstracts de conferência de Matemática Aplicada, ambos por meio de adaptações do CARS para os gêneros em questão. Salienta-se que este modelo é pautado na padronização que é recorrente no gênero introdução ao mesmo tempo em que se caracteriza por uma certa flexibilidade, ao permitir escolhas para o autor.

Outro pesquisador fundamental no desenvolvimento da teoria, agregando reflexões teóricas e metodológicas na abordagem da Análise de Gênero na linha sociorretórica é Vijay Bhatia. Em seu livro de 1993, *Analysing Genre*, por exemplo, ele tece algumas considerações teóricas sobre o assunto, chegando a sua própria definição de gênero:

[gênero] é um evento comunicativo reconhecido e caracterizado por uma série de propósitos comunicativos identificados e mutuamente entendidos pelos membros da comunidade profissional ou acadêmica na qual regularmente ocorre. Na maioria das vezes, é altamente estruturado e convencionalizado com restrições em termos de propósito, posicionamento, forma e valor funcional. Essas restrições, entretanto, geralmente são usadas pelos membros da comunidade discursiva a fim de alcançar intenções particulares dentro do âmbito dos propósitos socialmente reconhecidos. (BHATIA, 1993, p. 13, tradução nossa)¹⁸

Resumindo, cada gênero é uma instância da realização bem sucedida de um propósito comunicativo específico usando conhecimento compartilhado e estratégias discursivas. (BHATIA, 1993, p. 16, tradução nossa)¹⁹

O pesquisador afirma que alguns pontos de sua definição precisam de maiores elaborações. O autor reitera a importância da delimitação do propósito comunicativo, entretanto seu posicionamento quanto a essa questão traz a primeira diferenciação em relação à visão defendida por Swales (1990). Como já afirmado por Swales em 1990, o propósito comunicativo é o critério essencial para o estabelecimento do gênero, moldando sua forma, conteúdo e estilo, e qualquer mudança em sua concepção refletiria na criação ou na utilização de outro gênero. Já Bhatia (1993), um dos críticos dessa visão de 1990, apesar de compartilhar a noção de que é o propósito comunicativo que molda o gênero, afirma que há outros fatores de influência, como a audiência, conteúdo

¹⁸ [genre] is a recognizable communicative event characterized by a set of communicative purpose(s) identified and mutually understood by the members of the professional and academic community in which it regularly occurs. Most often it is highly structured and conventionalized with constraints on allowable contributions in terms of their intent, positioning, form and functional value. These constraints, however, are often exploited by the expert members of the discourse community to achieve private intentions within the framework of socially recognized purpose(s). (BHATIA, 1993, p.13)

¹⁹ To sum up, each genre is an instance of a successful achievement of a specific communicative purpose using conventionalized knowledge of linguistic and discursal resources. (BHATIA, 1993, p. 16, tradução nossa)

e suporte. Defende ainda que somente mudanças grandes alterariam o gênero, mudanças menores nos propósitos não acarretariam em outro gênero, e sim *subgêneros*. Essas mudanças menores seriam provenientes do espaço de ação do autor entre uma estrutura obrigatória do gênero e outra.

Outro ponto de (re)elaboração de Bhatia (1993) em relação ao proposto por Swales (1990) diz respeito à estrutura interna do gênero. Ele argumenta que a forma pela qual os membros da comunidade interagem reflete na forma e na convencionalização do gênero.

É no processo cumulativo resultante da longa experiência e/ou do treinamento dos especialistas dentro da comunidade que o gênero se molda e convencionaliza uma estrutura interna. (BHATIA, 1993:14)²⁰

As estruturas internas do gênero, como Bhatia (1993) menciona em sua definição, são restritas por vários fatores. Esses fatores também selecionam as escolhas possíveis para a materialização de um gênero. Mesmo que o membro da comunidade tenha alguma liberdade de escolhas linguísticas dentro do sistema, ele tende a optar por alguns elementos léxico-gramaticais específicos, além de certos posicionamentos retóricos. Caso não siga essas “convenções” do gênero, o texto resultará estranho para os outros membros da comunidade. Aranha (2004, p.18) expande essa discussão afirmando que são

essas restrições inerentes a cada gênero [que] tornam possível o rápido discernimento entre, por exemplo, um texto acadêmico direcionado aos membros de determinada comunidade discursiva e uma publicação científica em uma revista de circulação nacional direcionada ao público em geral.

Entretanto, a pesquisadora alerta que, apesar da importância do conhecimento sobre as restrições do gênero, é importante que os autores não estruturem seus artigos, por exemplo, sempre da mesma forma, até como uma medida preventiva contra o plágio

²⁰ It is cumulative result of their long experience and/or training within the specialist community that shapes the genre and gives it a conventionalized internal structure.(BHATIA, 1993, p.14, tradução nossa)

e o ideal seria um esforço para equilibrar tanto os traços esperados do gênero quanto um estilo mais individual de escrita.

Para ilustrar essa discussão, pensemos que é recorrente e esperado em determinada comunidade discursiva que se inicie a introdução de um artigo científico com uma revisão de pesquisas anteriores relacionadas ao tema, e que uma das estruturas gramaticais comuns seja o uso de todos os verbos no tempo passado. Mesmo que o autor desta comunidade tenha outras opções de escolha, se ele iniciar seu texto mostrando por que seu trabalho é importante e utilizando verbos no tempo presente causará certo estranhamento em outros membros, por estar fugindo do convencional e do esperado. No entanto, ele pode tentar individualizar sua escrita agregando outros elementos aos considerados “esperados”.

Um segundo contraponto entre a concepção de Swales (1990) e a de Bhatia (1993) é o papel do indivíduo na materialização do gênero. Bhatia (1993) alega que o “domínio” dos gêneros usados por uma comunidade permite que os membros os utilizem de forma mais criativa a fim de alcançar não só os propósitos comunicativos internos ao gênero, mas também algum objetivo particular, traço não considerado inicialmente por Swales. Bhatia (1993), portanto, prioriza as seguintes noções dentro da teoria da Análise de Gênero: a noção de subgênero, a noção da interação entre os membros modelando e modificando as estruturas do gênero e sendo fator de delimitação de escolha para os autores e, por fim, a noção de “domínio” do gênero como fator de sucesso comunicativo ou não, e manipulação do gênero pelo indivíduo para o alcance de objetivos pessoais.

O analista ainda frisa que apesar da importância de Swales para suas reflexões acerca do gênero e que, apesar de conseguir uma fusão interessante de aspectos linguísticos e sociológicos, a teoria de Swales em 1990 não contempla aspectos

relacionados a fatores psicológicos, que desempenham um papel importante na dinâmica social que subjaz aos gêneros. Bhatia, então, estabelece três orientações para a análise de gênero, a saber:

- orientação linguística: no sentido de analisar, principalmente, quais traços linguísticos são recorrentes em um gênero e não em outro;
- orientação sociológica: analisar como um gênero em particular pode definir, organizar e mostrar uma realidade social;
- orientação psicolinguística: relacionada com estratégias utilizadas a fim de atingir uma intenção e com a relação entre os propósitos comunicativos e as estruturas retóricas, como o primeiro influencia o segundo e o como o segundo define o primeiro.

Bhatia (1993) não foi o único crítico dos conceitos de 1990. Biasi-Rodrigues *et al* (2009) e Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012) afirmam, com base na discussão levantada na época, que tanto o conceito de propósito comunicativo quanto o de comunidade discursiva receberam fortes críticas.

A principal crítica em relação ao propósito discursivo é a sua centralidade na teoria. Na proposta de 1990, o propósito comunicativo seria o princípio definidor do gênero, ou seja, apenas após a identificação do propósito é que seria possível conceituar o gênero. Dessa forma, o propósito seria o responsável por definir a forma, o conteúdo e os aspectos estilísticos do gênero. Além disso, ele também seria o responsável pela formação da comunidade discursiva e seria a motivação para a realização dos eventos comunicativos.

Outro problema é a de que nem sempre é fácil detectar os objetivos de um propósito comunicativo é que, muitas vezes, ele apresenta mais de um objetivo. Uma consequência teórica dessa simplificação foi que alguns pesquisadores interpretaram o

propósito comunicativo como uma intenção individual do falante e não como um processo social.

Posteriormente, em texto publicado em co-autoria com Askehave, e Swales (2001) admite que anteriormente simplificou a teoria ao postular que o propósito comunicativo é o que modela o gênero. Biasi-Rodrigues (2012) argumenta que nesta reavaliação da teoria o propósito é entendido como

menos visível do que a forma e que, portanto, dificilmente servirá como um critério básico e fundamental para o reconhecimento de um gênero. Além disso, consideram que, embora os membros de uma comunidade discursiva tenham grande conhecimento dos gêneros, eles podem não estar absolutamente de acordo com o propósito de um determinado gênero e reorientar a sua finalidade. Assim, o propósito comunicativo é mantido, não de forma predominante ou evidente, mas como um critério privilegiado em função do resultado da investigação sobre o gênero. (BIASI-RODRIGUES, 2012, p.730)

Em 2004, em seu livro *Research Genre*, Swales retoma a questão do propósito, argumentando que a sua identificação é complicada, principalmente pelo fato de que um gênero abarca múltiplos propósitos, que não são evidentes imediatamente. Para evitar a armadilha do propósito comunicativo, Swales (2001, 2004) afirma seu caráter social dentro da teoria e mostra a “reproposta” de gêneros, um esquema cíclico para se pensar a função e as estruturas do gênero. Esse esquema pode ser tanto orientado no sentido da análise textual quanto da situacional. Para se propor o propósito comunicativo por meio da análise do texto, primeiramente se identifica o gênero por meio de sua estrutura, estilo, conteúdo e propósito e, após essa identificação, volta-se a análise do contexto para repropor o gênero com base em suas relações com outras práticas e outros gêneros, realinhando-os com a rede de gêneros. Já na análise situacional, identifica-se primeiramente a situação comunicativa e a comunidade discursiva, depois se faz o levantamento dos valores, objetivos e expectativas dessa comunidade, e do repertório de gêneros utilizados por ela para adequar o propósito do gênero a essa realidade. O esquema abaixo ilustra a reproposta dos gêneros a partir do texto e da situação:

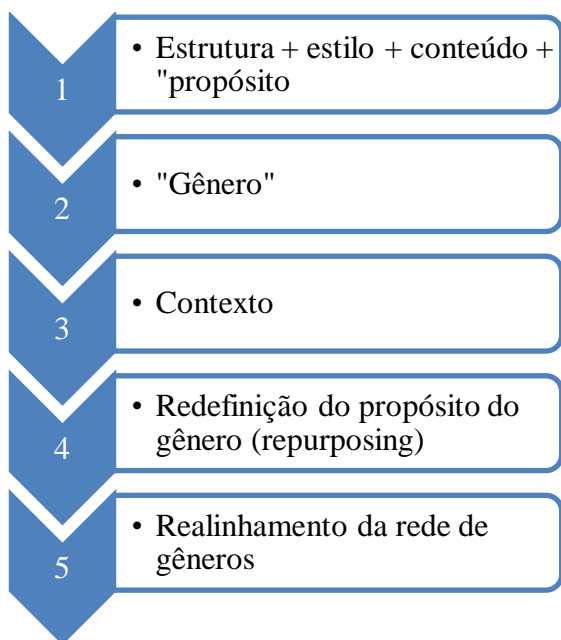


Figura 1: Repropósito do Gênero a partir do texto
(Fonte: Biasi-Rodrigues e Bezerra, 2006, p. 240)

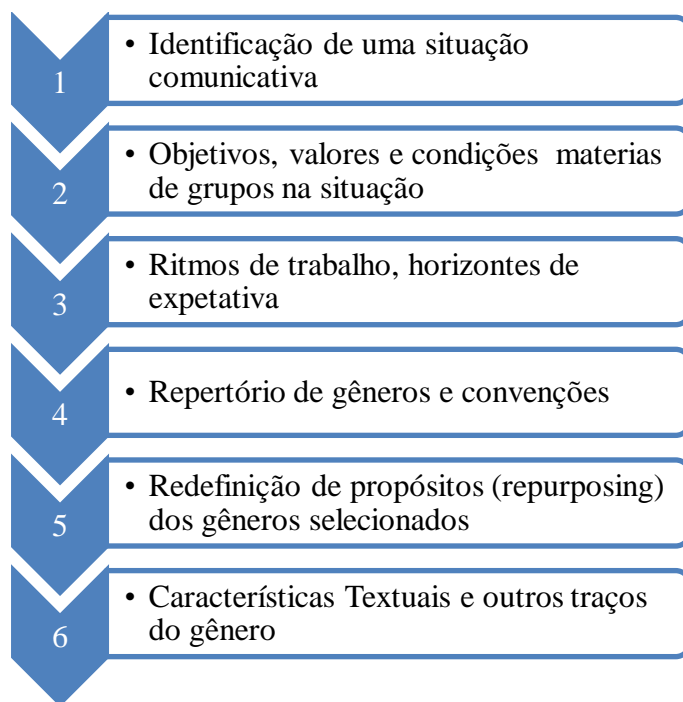


Figura 2: Repropósito do Gênero a partir da situação (Fonte: Biasi-Rodrigues e Bezerra, 2006, p. 241)

De acordo com Biasi-Rodrigues *et all* (2009), no que tange ao conceito de comunidade discursiva, o problema é que o conceito envolve uma idealização da comunidade e dos membros, considerando apenas um grupo já formado e estável, e excluindo grupos em formação.

Em resposta às críticas, Swales, em 1992, também propõe a reformulação deste conceito. Para Aranha (1996), Swales (1992) passa a considerar os seguintes critérios na definição do critério de comunidade discursiva:

- a evolução do gênero;
- a entrada e ascensão de novos membros para manter a hierarquia da comunidade;
- a mudança da terminologia específica - a todo o momento há novos termos sendo criados e outros sendo esquecidos;
- manutenção das crenças da comunidade;
- a forma pela qual os objetivos são estabelecidos dentro da comunidade.

Um dos pontos de mudança que deve ser destacado na reformulação proposta por Swales em 1992 para o conceito de Comunidade Discursiva é que essa adquire maior dinamicidade nas interações que a caracterizam, passa a ser considerada a ascensão de novos membros, a consciência que novos gêneros podem surgir, outros podem ser desconsiderados e a terminologia empregada está sempre se renovando. Há também uma mudança de posição em relação à separação entre a comunidade de fala e a comunidade discursiva. Em 1992, o autor admite que os conceitos, na verdade, estão interligados “uma vez que as comunidades discursivas influenciam, interagem e contribuem para uma comunidade de fala (*speech community*) mais ampla.” (ARANHA, 1996, p. 14).

Apesar de a teoria ter sido constantemente reformulada por Swales nos anos seguintes à publicação de *Genre Analysis* (1992, 1998, 2001), é seu livro de 2004, *Research Genre*, que reúne todas as reformulações feitas pelo autor ao longo dos anos que separam as duas publicações. Adicionalmente à reformulação dos conceitos de propósito e comunidade, o analista, com base em outros pesquisadores como Bazerman (1997) e Devit (1997), também traz novas considerações a respeito da definição de gênero e do contexto acadêmico atual, atualizando o conceito.

Em 2004, Swales aponta um aumento substancial nos estudos do gênero, principalmente aplicados ao ensino de linguagem especializada e ao desenvolvimento de habilidades comunicativas específicas e profissionais. Baseado nos “aspectos da vida contemporânea” (SWALES, 2004, p.4-11), dos quais cita uma maior formalização das práticas acadêmicas, levando a uma expansão nos usos do gênero (*generification*); maior uso de tecnologias modificando as interações pessoais, logo as acadêmicas; a mercantilização da academia para finalidade de levantamento de fundos e a globalização, o gênero passa a ser visto dentro de um espaço maior e mais complexo, no

qual todos os gêneros apropriados por uma determinada comunidade discursiva, tanto orais quanto escritos, coabitam e são colocados em relação. Esse espaço de coabitação de gêneros é conceituado como “constelação de gêneros”. Dentro da constelação, os gêneros podem ser colocados em diferentes tipos de relação, tais como:

— hierarquia: dentro da constelação de gêneros utilizados em um universo de pesquisa, os gêneros não apresentam valores iguais, ou seja, há gêneros mais recorrentes e de maior status do que outros. Por esse motivo, podemos colocar os gêneros em hierarquia. Essa hierarquia não é absoluta e recorrente em todos os universos de pesquisa, pelo contrário, cada universo apresentará uma hierarquia diferente de importância de gêneros. O autor exemplifica que, apesar de o artigo de pesquisa parecer ser um dos gêneros mais importantes para grande parte das disciplinas, há algumas em particular nas quais ele não alcança esse status. É o caso da Biologia Sistemática cujo gênero de maior prestígio é a monografia.

Dois conceitos que parecem influenciar essas diferenças de hierarquia entre as disciplinas são os conceitos de “grupos urbanos” e “grupos rurais” propostos por Becker (1989 *apud* Swales, 2004, p.15). A escolha dessa terminologia é uma metáfora feita pela apropriação das características do estilo de vida rural e do estilo de vida urbana para qualificar as relações acadêmicas. Os grupos urbanos se referem a grupos mais próximos, em contato por e-mail, conversas face a face e em grande concorrência entre si, suas publicações centram-se em textos mais curtos e baseados em trabalhos mais recentes, muitas vezes com múltipla autoria. Para esse grupo, os gêneros de maior prestígio serão aqueles que cumprem o objetivo de apresentar a pesquisa de forma não muito longa, como é o caso do gênero artigo de pesquisa. Já os grupos rurais se referem a indivíduos trabalhando em temas amplos e complexos. As publicações, portanto, tendem a ser longas, com bases teóricas em trabalhos antigos, e os gêneros de maior

prestígio seriam gêneros mais extensos, que permitem detalhar a pesquisa de forma completa, como, por exemplo, as monografias;

— cadeias de gêneros: é possível colocar os gêneros em uma ordem cronológica na qual é possível ver como eles se sucedem;

— conjuntos de gêneros: a constelação de gêneros, como já dito, seriam todos os gêneros utilizados por um universo de pesquisa. Entretanto, com base em Devitt (1991), Swales (2004) argumenta que cada comunidade discursiva faria uso de apenas um conjunto de gêneros. Dessa forma, cada comunidade seleciona dentre todos os gêneros existentes apenas aqueles que permitem o cumprimento de suas funções sociais. Pensando no propósito maior de a comunidade acadêmica buscar o diálogo entre os pares e o avanço da ciência por meio de publicações, por exemplo, ela selecionaria apenas gêneros que permitam essa prática. O gênero “poesia”, em um primeiro momento, não cumpria esse propósito, não fazendo parte deste universo;

— redes de gêneros: um conceito importante dentro da ideia de rede de gêneros é o da intertextualidade. A proposta da rede de gêneros é observar como um gênero se relaciona constitutivamente com outros, ou seja, como um gênero foi criado pela transformação de gêneros anteriores a eles. Bazerman (1983), por exemplo, mostra que o artigo de pesquisa tal como o conhecemos hoje foi uma evolução de cartas trocadas por pesquisadores a fim de discutir ideias e pesquisas científicas, mostrando a rede entre o gênero carta e o gênero artigo de pesquisa.

Outros pesquisadores, como Bazerman (1997), Devitt (1997) e Fishelov (1993), tiveram um papel primordial na reelaboração da ideia de gênero. A proposta de Swales (2004) não é mais pensar em gênero como um conceito finalizado e completo e sim como metáforas, propondo seis para avaliar o gênero.

A primeira metáfora é pensar gêneros como *frames*. Para exemplificar essa ideia, utiliza a definição de Bazerman (1997):

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, jeitos de ser. Eles são molduras das ações sociais. Eles são ambientes para aprendizagem. Eles são locais dentro dos quais a significação é construída. O gênero modela os pensamentos que formamos e as comunicações pelas quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares que usamos para ações inteligíveis de comunicação e os guias que usamos para explorar o familiar. (BAZERMAN, 1997, p.19 *apud* SWALES, 2004, p.61, tradução minha).²¹

O gênero, portanto, caracterizaria as atividades e as interações de uma comunidade. Sua apropriação seria a forma mais eficaz de integração entre membros, além de revelar um pouco das rotinas dessa comunidade. Essa noção também implica que o gênero é um início, um andaime, e somente a sua existência não é garantia de que uma ação retórica efetiva será alcançada. Em outras palavras, ele é só uma pequena peça no jogo do discurso e só funcionará efetivamente quando combinada com outros aspectos, como o conhecimento sociocultural do contexto de veiculação do gênero, por exemplo.

A segunda metáfora é o gênero como padrão. Ao se escolher um gênero, automaticamente são selecionados alguns padrões linguísticos e retóricos inerentes a ele. Entretanto, a existência de uma estrutura reguladora não exclui a possibilidade de escolhas para escritor. Mesmo que se pré seleccione traços característicos e constitutivos do gênero, permite-se ainda que o escritor tenha liberdade de escolha dentre as restrições do gênero. A consciência desse traço paradoxal, dos espaços de regulamento e liberdade, é que difere um novato de um membro perito na comunidade discursiva. Devitt (1997, p.54 *apud* SWALES, 2004, p.63) argumenta que “somente quando entendermos gêneros tanto como restrição e escolha, regularidade e caos, inibição e

²¹ Genres are not just forms. Genres are forms of life, ways of being. They are frames for social actions. They are environments for learning. They are locations within which meaning is construct. Genres shape the thoughts we form and the communications by which we interact. Genres are the familiar places we go to create intelligible communicative action with each other and the guideposts we use to explore the familiar. (BAZERMAN, 1997, p.19 *apud* SWALES, 2004, p.61).

permissão é que seremos capazes de ajudar os estudantes a usar criticamente e efetivamente o poder do gênero”.²²

A terceira metáfora é dos gêneros como espécies biológicas, fazendo referência a um “ciclo de vida” dos gêneros que evoluem, difundem-se e depois entram em declínio. O autor se apropria de dois termos da biologia para pensar duas formas de conceber o gênero: os termos “divisores” e “agregadores”.²³ Os primeiros defendem a separação dos seres em categorias distintas enquanto o segundo defende seus agrupamentos. Trazendo essa discussão para o mundo de pesquisa, especificamente para o artigo de pesquisa, Swales (2004) exemplifica que a primeira seria a ideia de separar os diferentes tipos de artigos de pesquisa existentes postulando assim gêneros distintos (artigo de revisão teórica, artigo de resultados, etc.) e o segundo seria a agrupação “guarda-chuva”, na qual dentro do termo geral “artigos de pesquisa” poderíamos encaixar suas diversas realizações textuais.

A quarta metáfora é dos gêneros como famílias. Assim como em uma família, os gêneros apresentam características próprias (prototipicidade) e podem ser colocados em uma escala de “poder”, ou seja, em uma relação hierárquica na qual um gênero detém mais importância para determinada comunidade do que outros. O autor também postula o que talvez se possa chamar de “genética” dos gêneros – a característica evolutiva que permite que um gênero se transforme e dê origem a outro, como, por exemplo, as cartas trocadas entre pesquisadores que evoluíram e deram origem ao que conhecemos hoje como artigos de pesquisa.

A quinta metáfora apresenta o gênero como instituição, ou seja, o gênero não é apenas um produto final, ele em si é uma instância complexa que envolve processos de

²² Only when we understand genres as both constraint and choice, both regularity and chaos, both inhibiting and enabling will we be able to help students to use the power of genre critically and effectively. (DEVITT, 1997, p.54 *apud* SWALES, 2004, p.63)

²³ Os termos originalmente usados são “splitter” e “lumper.”

produção e recepção. “Gêneros são principalmente instituições literárias, ou contratos sociais entre um escritor e um público específico, cuja função é especificar o uso apropriado de um artefato cultural específico.” (JAMESON, 1981, p.106 *apud* SWALES, 2004, p.66).²⁴ Apesar de ter certa estabilidade em sua concepção, o gênero só será completamente compreendido quando contextualizado na dinâmica das relações da comunidade em que circula, nas expectativas, na relação autor-leitor, entre outros aspectos.

A sexta e última metáfora é dos gêneros como atos de fala. O autor argumenta, com base em Bazerman (1994), sobre essa ser uma noção de difícil aplicação em textos escritos. Seria “o princípio de organização pelo qual o texto pode ser descrito em termos de situações comunicativas distintas” (FISHELOV, 1993, p.149 *apud* SWALES, 2004, p.67).²⁵

Assim como Swales (2004), Bhatia (2004) também publica um livro, *Worlds of Written Discourse*, apresentando uma modernização do proposto anteriormente em 1993. Em 2004, ele propõe um estudo do gênero menos teórico e mais voltado para o mundo real. Essa proposta de Bhatia (2004) para estudo do gênero não deixa de conter uma crítica a todas as abordagens e pontos de vista que colocam o gênero dentro de um contexto ideal, com falantes ideais e não consideram a complexidade, a dinamicidade e as mudanças do tempo e da história que, indubitavelmente, influenciam o gênero em sua caracterização.

Bhatia (2004) frisa dois aspectos fundamentais ao se pensar o gênero: primeiro, ele ocorre em situação e contextos específicos que permitem a existência de uma estrutura relativamente estável e reconhecível e, segundo, ao mesmo tempo em que

²⁴ “Genres are essentially literary institutions, or social contracts between a writer and a specific public, whose function is to specify the proper use of a particular cultural artifact”. (JAMESON, 1981, p.106 *apud* SWALES, 2004, p.66)

²⁵ “the organizing principle of the text can be described in terms of a distinct communicative situation”.(FISHELOV, 1993, p.149 *apud* SWALES, 2004, p.67)

possui essa estabilidade, não é algo fixo, sendo passível de mudanças e alterações, aproximando essa discussão com a desenvolvida por Swales (2004).

Essa tensão entre estabilidade e mudança é algo que, segundo o autor, gera temas complexos, como o uso do gênero por membros *experts*, que por apresentarem “domínio” conseguem modelar os gêneros de forma a cumprir intenções privadas, criando novos padrões; a questão do processo de hibridização que os gêneros sofrem no mundo real; e a variação do gênero entre diferentes disciplinas do saber. Apesar de em 1993 Bhatia refletir sobre essas questões, elas, em linhas gerais, são apenas citadas, e não desenvolvidas como em 2004.

Todas essas questões são relevantes no cenário atual de discussão dos gêneros, e a tendência é de que as pesquisas se centralizem nessas questões. Este estudo, em particular, preocupa-se com todos os aspectos citados, isto é, volta-se para a observação da forma pela qual os *experts* modelam e materializam o gênero em língua inglesa e até que ponto diferentes disciplinas influenciam neste modelamento e materialização, tanto em nível retórico quanto em nível linguístico.

A proposta de Bhatia (2004) é que o gênero seja visto em toda sua complexidade, descaracterizando os gêneros como isolados e estáticos, prezando a relação que estabelece com outros gêneros, seja em forma de conflito, encadeamento ou sobreposição. Com base em autores como Devitt (1991) e Bazerman (1994), ele observa os gêneros em sistemas e conjuntos, ou seja, o inventário de gêneros utilizados por uma determinada comunidade. Novamente, as ideias pontuadas sobre a relação entre os gêneros aproximam-se com a discussão elaborada por Swales (2004). No entanto, apesar de ambos terem recebido influência dos mesmos pesquisadores, Swales (2004) desenvolve mais a discussão, trazendo os conceitos de hierarquia e rede de gêneros, não contemplados por Bhatia (2004), e que me parecem fundamentais no estabelecimento

dos gêneros por situá-los com mais propriedade dentro das comunidades acadêmicas. Com características convencionalizadas, o gênero adquire caráter dinâmico. O autor transcende a discussão do gênero dentro de domínios específicos e a leva para “entre” domínios, explorando a noção de colônias de gêneros. Para tal, ele utiliza a ideia de “super” gêneros - textos reconhecidos e que apresentam grandes similaridades mesmo através de fronteiras das profissões e das disciplinas. Esses super-gêneros podem ser agrupados em colônias - grupos de gêneros relacionados e que cumprem propósitos comunicativos similares, o que, segundo o pesquisador, facilita a identificação do gênero e a percepção de suas relações com outros gêneros. Por relacionar gêneros que estão entre domínios, essa noção torna possível observar como eles são explorados e modificados, criando formas híbridas e cumprindo propósitos individuais ou institucionais. A fim de ilustrar a ideia das colônias de gênero, segue-se esquema proposto pelo autor (p.62):



Figura 3: Colônia de Gêneros promocionais (BHATIA, 2004, p. 62, tradução nossa)

Bhatia (2004) também enfoca a questão da integridade – ou não – dos gêneros. Nessa perspectiva, o gênero é socialmente construído, interpretado e usado em diversos

contextos, apresentando identidade individual. Entretanto, o autor argumenta que um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em todos os domínios é a hibridização dos gêneros, ou seja, a apropriação de traços característicos de um gênero por outro. Outra tendência é a materialização do gênero de forma a cumprir intenções particulares, desviando-se do cumprimento somente do propósito comunicativo padrão do gênero. Geralmente essa modificação é feita por membros mais experientes de uma comunidade, que, por apresentarem “intimidade” com a forma convencional do gênero, são capazes de transformá-la, criando novos padrões. Ele atesta, mais uma vez, que os gêneros “não são estáticos, fixos ou prescritos, mas sim flexíveis, negociáveis ou, algumas vezes, contestáveis” (BHATIA, 2004, p.123).²⁶

Outro ponto discutido pelo autor é a competência genérica e *expertise*. De acordo com ele, é a competência em gêneros que permite ao pesquisador “construir, interpretar e usar gêneros apropriadamente” (p.142).²⁷ Além disso, é a forma pela qual o gênero é usado que determina se um membro de uma comunidade apresenta domínio para se comunicar efetivamente com outros membros ou não. Ele diferencia três tipos de competências diferentes:

— competência textual: é a competência para construir e interpretar textos adequadamente em um contexto. Dentro da competência textual, é imprescindível o “domínio” de uma competência linguística na língua na qual se está escrevendo ou falando;

— competência genérica: relacionada com a capacidade de resposta a situações retóricas convencionais e novas por meio do uso e da interpretação das convenções do gênero inseridas em disciplinas, culturas e contextos, como, por exemplo, os

²⁶ “It is not static, fixe or prescribed, but is often flexible, negotiable or sometimes contested.” (BHATIA, 2004, p.123, tradução nossa).

²⁷ “[...]to construct, interpret and use genres appropriately” (BHATIA, 2004, p.123, tradução nossa).

acadêmicos e profissionais diferentes. Em outras palavras, é a habilidade de explorar um “grupo” de gêneros relacionados a sua prática profissional de forma a cumprir as atividades diárias e alcançar os propósitos e objetivos específicos de sua comunidade;

— competência social: relaciona-se com a habilidade em usar a língua de forma mais efetiva interagindo em diversos contextos sociais e institucionais por meio de processos sociais.

A *expertise* profissional, segundo Bhatia, integra três aspectos: competência discursiva (a soma das três competências anteriores), conhecimento da disciplina e prática profissional. Essa “aquisição” de conhecimento profissional pode ocorrer por meio de treinamento profissional, treinamento de habilidades comunicativas específicas, na prática do trabalho ou ainda por meio de cursos de *English for Specific Purposes*, um atalho principalmente para os iniciantes que querem se familiarizar de forma rápida com as práticas recorrentes e esperadas da comunidade.

Ao comparar a abordagem sociorretórica conforme discutida nos anos 90 e a sua posterior reformulação, principalmente em 2004, nota-se um considerável salto na teoria e a proposta de muitas modificações na forma de conceber o gênero e outros conceitos intrinsecamente relacionados a ele, uma verdadeira evolução que conseguiu problematizar o gênero dentro das relações atuais. Apesar da marca desta abordagem ser a consideração da questão da influência do social nos gêneros e na escrita e a dinamicidade que subjaz essa prática, nas reformulações fica muito mais claro o status dinâmico do gênero. Tanto Swales (1990) quanto Bhatia (1993), por exemplo, salientam a questão da padronização dos gêneros, sendo comum a discussão e aplicação de modelos retóricos a fim de sistematizar o conteúdo e a organização retórica esperada nos gêneros acadêmicos. Na década seguinte, o esforço teórico vem no sentido de discutir mais a variação do gênero do que sua padronização. Os dois autores estudados

expandem a noção de gênero e procuram valorizar as discussões em torno da “estabilidade instável” dos gêneros e os diversos fatores que os modelam ou não. O foco é no paradoxo em tentar compreender o gênero tanto como regularidade e mudança, e como a compreensão dessa dinamicidade diferencia um membro efetivo e *expert* de um membro iniciante ou de um leigo.

1.2 A Nova Retórica

Além dos fundamentos da Análise de Gênero, na abordagem sociorretórica, utiliza-se o auxílio de outra abordagem dos gêneros denominada Nova Retórica. Carvalho (2007) explica que as abordagens da Nova Retórica e da Análise de Gênero compõem a chamada escola de estudos de gênero norte-americana e apresentam como ponto de contato o interesse pela natureza social do discurso.

Os principais conceitos da Nova Retórica expostos aqui foram estudados, essencialmente, por meio de duas coletâneas de textos do pesquisador Charles Bazerman feitas por pesquisadores brasileiros e publicadas nos livros *Gênero, escrita e agência* (2006) e *Gêneros textuais, tipificação e interação* (2009), assim como outros textos originiais escritos por Bazerman, tais como *Shapping Writing Knowledge* (1988) e *The Informed Writer* (2010), o artigo *Genre as a social action* (1984), e, por fim, uma publicação online de uma entrevista com Bazerman e Miller em 2011.

Carvalho (2007) alega que a retórica clássica sofreu um processo de revitalização nos Estados Unidos na década de 70, aproximando os conceitos da retórica antiga com o mundo moderno, criando a Nova Retórica. Em entrevista concedida em 2011, Miller pontua com mais propriedade o surgimento da abordagem, explicando a origem da nomenclatura “Nova Retórica” pela distinção do conceito da retórica antiga. Os primeiros estudos sobre retórica foram feitos por Aristóteles nos tempos da Grécia Antiga. Essa “antiga” retórica, como colocado pela autora, preocupava-se com a

linguagem política, e como um orador poderia usar o seu discurso como uma estratégia de manipulação de seu público. Essa retórica antiga considerava três vértices: o *ethos*, relacionado com a figura do locutor, que deve corresponder às expectativas de um sujeito crível e de confiança; o *pathos*, o papel do público, ou seja, quais suas emoções e valores; e o *logos*, quais os argumentos e a lógica que permitem ao locutor despertar o *pathos* desejado e reafirmar seu *ethos*. Até hoje, o triângulo retórico de Aristóteles, como visto na figura abaixo, é usado no ensino da escrita nas escolas e universidades.

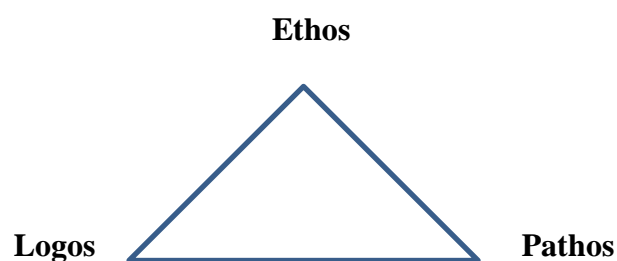


Figura 4: O triângulo retórico de Aristóteles

O primeiro contraponto colocado pela autora entre as duas retóricas é a questão da consciência na construção da argumentação a fim de convencer o outro. Na retórica antiga, se o orador tivesse completa consciência de como manipular os vértices do triângulo a seu favor e a favor de seu discurso, conseguiria deliberadamente alcançar seus propósitos. Já na Nova Retórica, essa completa consciência de nossas intenções retóricas é impossível, já que muitas vezes utilizamos o discurso com intenções desconhecidas por nós mesmo, além de existir uma dimensão persuasiva que pode não estar inteiramente sob nosso controle.

Outro contraponto para distinguir as duas é o fato de que na retórica antiga, o foco volta-se especificamente para a questão política e o discurso de um orador para as massas, enquanto a Nova Retórica se preocupa com diferentes formas de interação com diferentes públicos, “trata-se da abertura da retórica para uma variedade de possibilidades de comunicação simbólica e uma abertura da retórica para além do uso

deliberado, consciente ou estratégico da linguagem.” (BAZERMNAN AND MILLER, 2011, p. 68). Bazerman (2011) também expande essa questão argumentando que o propósito nem sempre é de persuasão, podendo ser de cooperação, por exemplo. Dessa forma a questão central não seria a manipulação, mas a influência do orador ou escritor no seu leitor ou ouvinte.

Para a elaboração e construção de sua perspectiva, Bazerman utilizou influência de diversos campos, dos quais se destacam: a influência dos estudos do ser humano como criaturas ativas, comunicativas e simbólicas, o pragmatismo americano, a tradição fenomenológica; elementos trazidos da sociologia e teorias de letramento e oralidade. A perspectiva defendida por ele propõe a relação do gênero com as esferas de atividade em que circulam, aprofundando-se na questão social, oferecendo subsídios para se observarem e compreenderem os gêneros em suas relações mais complexas, como a relação que estabelece com outros gêneros, ideia essa apropriada por Swales (2004) na reformulação das suas concepções sobre gênero, e, principalmente, como a utilização de um gênero reflete as relações e estruturas de uma sociedade ou comunidade. Em linhas gerais, pode-se afirmar que uma das ideias que norteia a Nova Retórica é “como as pessoas criam novas realidades de significação, relações e conhecimento, fazendo uso de textos” (BAZERMAN, 2009, p. 19).

Em outras palavras, o estudo dos gêneros se transforma em uma forma de entender a organização e as rotinas das sociedades, as realidades em que vivemos. Neste ponto, podemos destacar uma diferenciação entre a Nova Retórica e a Análise de Gênero. Enquanto a segunda reconhece as características das comunidades e as práticas comuns a ela como uma forma reconhecer os gêneros e seus traços constitutivos, a primeira aprofunda-se na questão do social e por meio dos gêneros reflete sobre a organização das comunidades e da sociedade.

Além disso, a Análise de Gênero estabelece a relação entre gênero e evento comunicativo, enquanto para Bazerman e Miller só há sentido pensar em gêneros ao aplicá-los em situações e usos reais, revelando um dos principais conceitos dessa perspectiva: a *tipificação*, definida como “a regularidade com que os textos executam tarefas reconhecidamente similares, e para ver como certas profissões, situações e organizações sociais podem estar associadas a um número limitado de tipos de textos” (BAZERMAN, 2009, p. 19).

O conceito de tipificação foi inicialmente desenvolvido por Miller (1984). Para a pesquisadora, as noções-chave do conceito de gênero são *situação retórica* e *recorrência*. A situação retórica compreende, na leitura de Carvalho (2007, p.133), “não só as características do contexto ou das demandas situacionais identificadas pelos usuários e dentro dos quais operam, mas também a motivação dos participantes do discurso, assim como os efeitos por eles pretendidos e/ou percebidos.” Para Miller (1984), a partir da recorrência dessas situações retóricas podemos perceber relações de semelhança, ou seja, podemos *tipificá-las*. É por meio da identificação de uma situação nova como sendo análoga ou semelhante a uma situação retórica já conhecida que somos capazes de selecionar um tipo de resposta adequada à situação.

Para entender a complexidade das relações propostas por Bazerman e Miller e a questão da tipificação, é necessária a familiarização com outros conceitos. Os fatos sociais, por exemplo, conforme definido por Bazerman (2009, p. 23) “são coisas que as pessoas acreditam que sejam verdadeiras e, assim, afetam o modo como elas definem uma situação”. A consumação desses fatos sociais é realizada por meio de enunciados, palavras e textos que carregam em si atos de fala. Outra condição para validação dos atos de fala é que eles sejam pronunciados ou escritos por pessoas que possuem autoridade para tal.

Aplicando os conceitos de fatos sociais e atos de fala na comunidade acadêmica, compreende-se melhor a dinâmica que subjaz às suas práticas. É inegável que um dos pressupostos da comunidade acadêmica é a necessidade de um número cada vez maior de pesquisas na tentativa de explicar e entender os fenômenos que nos rodeiam, sejam eles no campo natural, biológico, social, histórico ou econômico. A partir do momento que essa prática de pesquisa foi tomada como verdade pelo meio, ela se tornou um fato social que acarreta outras consequências, tais como, a necessidade de se projetar os resultados dessas pesquisas para um número maior de cientistas. Salienta-se que os enunciados científicos só serão validados e aceitos dentro do meio acadêmico se ditos por pessoas competentes e reconhecidas no meio. Se um leigo enunciar o mesmo que um pós-doutor, o segundo será muito mais reconhecido e aceito por ter autoridade firmada no assunto.

Bazerman (2009) também afirma que a teoria dos atos de fala mostra como um enunciado pode ser facilmente mal compreendido. Essa possibilidade ainda é agravada ao pensarmos na modalidade escrita, por não oferecer a oportunidade de uma reparação imediata, como no caso da fala. Uma forma de tentar evitar esses mal entendidos é optar por ações já reconhecidas com determinada funcionalidade, por exemplo, se a escrita de uma poesia romântica é uma ação reconhecida para declarações de amor, a tendência é que este gênero, e não outro, seja escolhido para tal fim. Do mesmo modo, na academia, serão realizadas ações já tipificadas como uma forma de tornar essas ações facilmente reconhecíveis por outros membros e serem aceitas como legítimas mais rápida e facilmente, uma vez que “os falantes percebem que um tipo particular de enunciado se mostra eficaz em certas circunstâncias, de sorte que, em circunstâncias similares, há uma tendência para o uso de um tipo similar de enunciado.” (BAZERMAN, 2006, p. 27).

Tipificação, portanto, é “este processo de mover-se em direção a formas de enunciados padronizados, que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações.” (BAZERMAN, 2009, p. 30). São dessas ações tipificadas e dessa padronização que emergem os gêneros. A maioria dos gêneros apresenta características recorrentes que facilitam o seu reconhecimento, ou seja, possuem uma forma que permite mais facilmente o reconhecimento da tipificação. Apesar de essas características que permitem a identificação do gênero ser em, na maioria das vezes, relacionadas com as funções ou atividades realizadas por ele, um alerta dado pelo autor é que, mesmo marcado por facetas padronizadas, os gêneros podem sofrer alterações ao longo do tempo, das situações, dos campos, das novas necessidades e também de acordo com a intenção dos escritores.

Bazerman foge da tentativa de criar um conceito de gênero. Ele procura mostrar o que é gênero por meio de explicações e metáforas:

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. [...] Gênero é um hábito. (BAZERMAN, 2006, p. 23)

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre o modo como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividade e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. Os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais. (BAZERMAN, 2009, p.31)

Da mesma forma, Miller (1984) não define gênero, e sim elenca características para reconhecê-los. Na leitura de Carvalho (2007, p.134) “[o gênero] refere-se a categorias do discurso que são convencionais por derivarem de ação retórica tipificada;

é interpretável por meio das regras que o regulam; é distinto em termos de forma, mas é uma fusão entre forma e substância [conteúdo]; constitui a cultura; é mediador entre o público e o privado.”

Resumindo, o gênero, nesta perspectiva, é uma ação retórica que foi moldada e tipificada com base em uma situação retórica recorrente em um dado espaço de tempo. Bazerman acredita que o gênero não está localizado no texto, ou seja, no objeto em si, mas se encontra estabelecido na percepção do criador e do receptor, fazendo do gênero uma categoria de reconhecimento psicológico. Entretanto, esse reconhecimento psicológico é construído com base nas práticas sociais comuns e reconhecidas ao longo do tempo e da história, agregando o traço de reconhecimento social ao gênero.

Bazerman (2006, 2009) também apresenta as ideias de conjunto e sistemas de gêneros, sendo conjunto de gêneros a soma de todos os gêneros que podem ser utilizados em determinada situação e em determinada sociedade, e o segundo a soma de todos esses conjuntos. O autor ainda afirma que a soma do sistema de gêneros juntamente com o sistema de atividades utilizado por determinado grupo permite observar “o que as pessoas fazem e como os textos ajudam as pessoas a fazê-lo” (BAZERMAN, 2009, p.34).

Para entender com mais propriedade as ideias propostas por Bazerman, é fundamental a noção de que não existe gênero fora do uso. São as dinâmicas e interações de uma determinada comunidade que modelam o gênero. Em 1996, Aranha, como já visto na revisão de Análise de Gênero, também chama a atenção para essa relação entre o gênero e as comunidades (discursivas, no caso da Análise de Gênero), utilizando o termo auto-alimentação para definir a relação entre elas. Dessa forma, quanto mais cientes das práticas, dos hábitos e dos objetivos da comunidade da qual se deseja ou se faz parte, mais se é capaz de entender e utilizar o gênero em toda sua

capacidade, usando-o tanto para cumprir os objetivos esperados quanto para realizar intenções particulares. É essa capacidade de usar o gênero que separa os indivíduos experientes dos leigos ou dos que estão iniciando em determinado momento. Como afirma o autor:

somente porque escrevemos em gêneros, e tentamos responder às expectativas de outros, criando espaços mediadores reconhecíveis para a comunicação, não significa que abrimos mão da nossa oportunidade de criar novidades e responder ao nosso tempo. Ao contrário, são aqueles espaços mediadores que nos dão os próprios meios para enunciar nós mesmos em novos modos e momentos de ser, de representar nós mesmo e os mundos em que vivemos. (BAZERMAN, 2009, p.77)

Essa discussão sobre a diferença dos indivíduos leigos ou experientes no uso do gênero apresenta outro ponto de contato entre as duas abordagens vistas até o momento. Como visto na seção anterior, Swales (2004) e, principalmente, Bhatia (1993, 2004) frisam a relação entre conhecimento genérico e *expertise*, e de como a experiência na materialização do gênero dota os indivíduos mais experientes com a capacidade de subverter o gênero, agregando novos efeitos de sentido a ele.

Os gêneros, portanto, seriam a forma pela qual as pessoas realizam suas atividades, interagem e são reconhecidas dentro de um meio; são muito mais do que apenas um texto. Eles só existem quando inseridos dentro de situações comunicativas e como ferramenta de interação e construção de significados. Nesses espaços o gênero adquire sua forma, sua vida. Bazerman (2006, p. 61) argumenta que qualquer tentativa de reduzir o gênero a um punhado de características textuais e linguísticas que sejam independentes de seu uso é uma forma de apagar o gênero e retirar toda sua vivacidade, fluidez e multidimensionalidade.

Esse posicionamento se reflete na concepção de ensino defendida pelo pesquisador. Para ele, o ensino de escrita só acontece em contextos situados, nos quais é possível instigar o aluno na interação e reconhecimento de diversos contextos sócio-

históricos-culturais. O ensino não deve se calcar na ideia de uma rotina, padrões e estabilidade e sim permitir o florescimento de alunos mais habilidosos, flexíveis, criativos, versáteis e imaginativos, ou seja, um ensino que permita a criação de usuários que saibam compreender o caráter psicossocial do gênero e suas formas e saibam utilizar esse conhecimento a fim de cumprir as intenções esperadas por eles e pelos outros.

Pensando na relação entre a Nova Retórica e a Análise de Gênero, as duas apresentam pontos de intersecção bem visíveis. Talvez a principal semelhança seja a relação do gênero com o uso da língua em contextos situados específicos e a existência de certa estabilidade na forma, conteúdo e estilo dos gêneros. As abordagens também oferecem subsídios para que profissionais, professores, alunos, pesquisadores e iniciantes passem a repensar suas esferas de atuação, dinâmicas interacionais e consigam apreender padrões que lhes permitam se efetivar dentro de uma comunidade, não só recebendo informações e absorvendo comportamentos, mas também enunciando e participando das interações de forma a serem reconhecidos como membros pertencentes daquele espaço.

Seus interesses divergem, entretanto, quanto ao enfoque dado à relação do gênero com o uso situado. A Análise do Gênero é orientada pelo texto e pelo contexto. Por mais que nos últimos anos a abordagem tenha avançado no sentido de privilegiar a questão da mudança e da flexibilidade dos gêneros e sempre os pense inseridos em um dado contexto (comunidade discursiva), a Análise de Gênero também preza a questão das estruturas retóricas, os conteúdos relacionados a cada estrutura e traços lexicogramaticais recorrentes. Já a Nova Retórica é orientada pelo reconhecimento psicognitivo e social, ou seja, como os sujeitos reconhecem o gênero por meio da tipificação, e como constroem o gênero a partir dessa percepção.

Para ilustrar melhor essa diferença, comparo o livro de Swales e Feak (2009), *Abstract and the writing of abstracts*, com o de Bazerman (2011), *The informed writer*. Ambos cumprem com o propósito pedagógico de auxiliar os escritores a aumentarem seu conhecimento sobre escrita por meio dos gêneros acadêmicos. Swales e Feak (2009) fazem isso ao apresentar um modelo de estruturas retóricas para o gênero *abstract* e traços gramaticais comuns a cada estrutura. Apesar de frisarem que as considerações apresentadas no livro precisam ser confrontadas com o uso retórico e linguístico real das diferentes áreas e disciplinas nas quais os leitores estão inseridos, o fio condutor é o ensino do gênero por meio da padronização do *abstract*, ou seja, quais estruturas retóricas são comuns ao gênero e o tipo de informação relacionada a cada uma delas, e elementos linguísticos e gramaticais (ex: uso de verbos e pronomes) comuns a cada estrutura.

Já Bazerman (2011) conduz o leitor a refletir sobre sua prática, pensar qual é a função do gênero dentro das diferentes comunidades, e não só quais são seus traços, mas como o pesquisador pode definir um tema de pesquisa, achar e delimitar o conteúdo que quer expor, posicionar-se em relação a outras pesquisas e outros autores, enfim, como construir a argumentação esperada pelo gênero.

A intenção aqui não é, de maneira nenhuma, privilegiar uma abordagem em detrimento da outra. Pelo contrário, o propósito da revisão bibliográfica de ambas é mostrar nosso intuito de trabalhá-las de forma complementar na análise e interpretação dos dados. Enquanto a Análise de Gênero permite uma análise mais calcada no texto, levantando os movimentos e estruturas retóricas comuns ao gênero e quais vocábulos e estruturas são comuns, a abordagem de Bazerman possibilita compreender melhor a natureza das diferenças e semelhanças encontradas nos *abstracts* estudados.

1.3 Gênero entre Disciplinas

Aqui são apresentadas algumas considerações a respeito das características dos gêneros entre as diferentes disciplinas do conhecimento. Duas questões de relevância para a análise feita são discutidas: a questão das disciplinas e seu posicionamento dentro do campo do saber (BECHER E TROWLER, 2001) e a questão da aplicação de análise lexicogramatical (*Stance e Engagement*) no discurso acadêmico (HYLAND, 1998, 2002, 2005, 2012).

1.3.1 As disciplinas e as fronteiras

Como já visto em Swales (2004), as características da academia vem sofrendo modificações ao longo do tempo, principalmente em decorrência de fenômenos como a globalização e mercantilização da ciência. Becher e Trowler (2001) também argumentam que, nos últimos anos, o contexto acadêmico e universitário se modificou drasticamente, como, por exemplo, pela internacionalização do conhecimento e pela maior acessibilidade das pessoas ao contexto de educação superior. Para os autores, uma das consequências dessa mudança de cenário foi o aumento das disciplinas de conhecimento e sua fragmentação em subdisciplinas. Essa “explosão” de disciplinas pode ser medida pelo aumento do número de departamentos em universidades e de cursos oferecidos na educação superior, da proliferação de associações e revistas especializadas, e da multiplicação de tópicos de pesquisa reconhecidos.

O principal argumento dos autores, e que corrobora com o ponto de vista desenvolvido ao longo deste trabalho, é de que a forma pela qual os diferentes grupos acadêmicos se engajam com suas atividades profissionais é diretamente relacionada com as atividades intelectuais que desempenham. O recorte de interesse que fazem do mundo, a maneira pela qual veem e refletem sobre esse recorte e a forma pela qual se desenvolvem são fatores cruciais na construção das disciplinas, suas práticas sociais,

valores, atitudes e coerência ao longo do tempo e dos lugares. A comunicação é central na academia, e seus padrões refletem as características do campo de pesquisa na qual se inserem, assim como as características da comunidade de pesquisa.

Há diferentes orientações possíveis para estudar o papel das disciplinas neste contexto. Pode-se investigar seu papel por meio de suas características, natureza, conteúdo, fronteiras internas e externas, de quais outras disciplinas são “vizinhas”, a importância de teoria ou de técnica especializadas, como é feita a ascensão de novos membros, qual sua relação com notoriedade e reconhecimento, e assim por diante. Neste estudo, o interesse é investigar as disciplinas pelo viés de suas características e como elas influenciam a materialização de gêneros acadêmicos. A divisão mais conhecida e utilizada na definição das disciplinas é seu enquadramento nas grandes áreas das Ciências Humanas e Sociais, “ciências moles” (*soft sciences*) e Ciências Exatas e Biológicas, “ciências duras” (*hard sciences*). Becher e Trowler (2001), entretanto, defendem que essa noção é dicotômica e que além da questão de “moles ou duras”, a questão de sua orientação como pura ou aplicada é fundamental para se pensar as disciplinas e suas relações, propondo o seguinte agrupamento de disciplinas:

Agrupamento das disciplinas	Natureza do conhecimento
Ciências puras (ex: física): <i>hard-pure</i>	Cumulativa, atomística (cristalizada, como uma árvore), preocupada com universos, quantidades, simplificações, impessoal, critério claro para verificação de conhecimento e obsolescência, consenso sobre o significado de questões discutidas, agora e no futuro, resultados em descoberta/explicação.
Humanidades (ex: história) e ciências sociais puras (ex: antropologia): <i>soft-pure</i>	Reiterativa, holística (orgânica), preocupada com particularidades, qualidade, complicações, pessoal, disputa sobre critérios para verificação de conhecimento e obsolescência, falta de consenso sobre questões de pesquisa significantes, resultados em entendimento/interpretação.
Tecnologias (ex: engenharia mecânica, medicina clínica): <i>hard-applied</i>	Intencional, pragmática, preocupada com o domínio do ambiente físico, aplica abordagens heurísticas, usa tanto abordagens quantitativas

	e qualitativas, critérios para julgamento são intencionais, funcional, resultado em produtos/técnicas.
Ciências sociais aplicadas (ex: educação, direito, administração social): <i>soft-applied</i>	Funcional, utilitária, preocupada com a melhora das práticas [semi-] profissionais, usa estudo de caso e leis para grande extensão, resultados em protocolos/procedimentos.

Quadro 2: Agrupamento de disciplina (BECHER AND TROWLER, 2001)

Este agrupamento de disciplinas permite pensá-las em um *continuum* no qual disciplinas humanas aplicadas podem ser mais próximas de disciplinas exatas aplicadas, do que humanas puras, por exemplo. Aumenta-se a flexibilidade na forma de se ver as disciplinas e suas fronteiras com outras. Essas fronteiras podem ser comuns e compartilhadas por disciplinas de diferentes quadrantes (matemática e ciências políticas), por isso às vezes a relação entre a disciplina e seus “vizinhos” intelectuais pode influenciar diretamente a forma pela qual o conhecimento é construído e compartilhado.

As disciplinas são multi-dimensionais em caráter, mesmo que uma apresente um objeto de estudo já definido, ele pode se modificar se analisarmos suas subdisciplinas, por exemplo. As disciplinas também se diferenciam pelas suas intenções, enquanto umas são mais preocupadas com a reflexão e com o saber, outras são centradas no fazer. A forma de saber ou fazer também as coloca em relação de irmandade ou não (ex: método explicativo, indutivo, saber filosófico, empírico).

Nesta pesquisa, a questão das disciplinas e suas relações umas com as outras, ou seja, quais são suas fronteiras dentro de um território maior do conhecimento será aplicada. Como o foco são as disciplinas de Ciências Humanas e Sociais, convém fazer observações gerais a respeito do campo. Suas fronteiras são relativamente mais permeáveis e tolerantes às divergências quando comparadas com as fronteiras mais definidas das ciências duras. Cada grupo de especialidade dentro de uma mesma disciplina adota parâmetros diferentes. Nas Ciências Humanas Puras, mais

especificamente, as fronteiras internas são mais fracas e a movimentação entre elas mais livre, propiciando o sucesso de novas teorias e esquecimento de outras mais facilmente.

Outra consideração importante feita pelos autores é a questão da socialização do pesquisador dentro da disciplina, que pode ocorrer de duas formas: ou pelo conhecimento adquirido ao longo da experiência na disciplina, que é prática e subconsciente, ou criada pelo próprio aluno quando tenta compreender e assimilar a sua experiência na pesquisa, estudos e programas de pós-graduação. A segunda perspectiva que nos interessa na abordagem dos gêneros entre disciplinas é a investigação de Stance e Engagement no discurso acadêmico, como será discutido na seção a seguir.

1.3.2 Stance e Engagement no discurso acadêmico²⁸

Esta seção é inspirada nas pesquisas e investigações conduzidas por Hyland (1998, 2002, 2005, 2012). De acordo com Cartens (2009), apesar de ser clara sua filiação aos estudos de ESP e EAP, Hyland nunca se filiou explicitamente a nenhuma das duas abordagens apresentadas ao longo deste capítulo. Apesar disso, é possível perceber que o pesquisador traz para seus estudos características e conceitos de diferentes perspectivas do gênero. Como ele mesmo afirma “assim como a Nova Retórica, ESP emprega as noções de dialogismo e contexto situacional, mas também se apoia em princípios pedagógicos da Sistemática Funcional” (HYLAND, 2004, p.44), levando-nos a entender suas pesquisas com características dessas duas abordagens.

Para entender seu posicionamento dentro dos estudos dos gêneros convém, além das abordagens já apresentadas, fazer uma breve contextualização sobre uma terceira forma de se estudar e conceber os gêneros: a abordagem da Linguística Sistemática Funcional (LSF), também conhecida como a Escola de Sydney. De acordo com Vian Jr

²⁸ Os termos Stance, Engagement, Hedges e Booster foram mantidos em língua inglesa uma vez que é recorrente seu uso não traduzido em textos de Língua Portuguesa. Além disso, não há uma tradução canônica e cristalizada para os termos.

e Lima-Lopes (2007), a razão desta nomenclatura é o fato de que as pesquisas desta abordagem se centram em diversos institutos espalhados pela Oceania, com destaque para a Universidade de Sidney e o Departamento de Educação de Queensland.

Atualmente, um dos expoentes desta abordagem é Martin. Herais e Biasi-Rodrigues (2007) argumentam que algumas das ideias defendidas por Martin em 1985 são retomadas por Swales em 1990. Dentre elas destacam-se a distinção entre registro - “variações na linguagem, em que grupos de traços linguísticos são correlacionados com traços recorrentes em determinadas situações” (HEMAIS E BIASI-RODRIGUES, 2007, p.112) -; e gênero, “os gêneros são a forma pela qual se faz as coisas quando a linguagem é usada para realiza-las” (MARTIN, 1985, p.250 *apud* Swales, 1990, p.) e a ideia de que os gêneros realizam propósitos sociais, apontando, também, para o diálogo teórico entre as abordagens utilizadas aqui.

Hyland (2004, p.25) afirma que a abordagem da LSF talvez seja a abordagem de gênero mais articulada e com maior sucesso pedagógico. Nesta perspectiva, “a língua é um sistema de escolhas pelas quais os escritores podem comunicar certas funções, permitindo-lhes expressar sua experiência de mundo, interagir com outros e criar mensagens coerentes”.²⁹

A escola de Sydney estuda o texto conectado com contextos particulares. Ela se sustenta nos seguintes fundamentos:

- as escolhas de contexto e língua feitas pelos falantes/escritores são inter-relacionadas;
- a língua é um recurso para construção de significado;
- todo discurso/texto cria simultaneamente três tipos de significado: ideacional, interpessoal e textual;

²⁹ “Language is a system of choices by which writers can communicate certain functions, allowing them to express their experiences of the world, to interact with others, and to create coherent messages (HYLAND, 2004, p. 25)”

— a língua pode ser vista e investigada como um sistema completo ou como textos particulares (ou em qualquer lugar desse *continuum*). (COFFIN E DONOHUE, 2012, p.68)

Há dois níveis de importância no texto: o registro e o gênero. Johns (2002, p. 5) apresenta uma breve introdução sobre a Escola de Sydney, e usa a citação de Christie, (1991, p.142), apontando os principais traços desta perspectiva:

Um texto é entendido como funcionando em um contexto, e este contexto é visto operando em dois níveis: no nível do ‘registro’, no qual campo (atividade social), relações (as relações interpessoais entre pessoas usando a língua) e modo (o papel desempenhado pela língua na construção da comunicação) acarretam consequências nas escolhas feitas no sistema linguístico; e no nível do ‘gênero’, no qual propósito social no uso da língua também tem consequências nas escolhas linguísticas feitas. Em qualquer instância do uso da língua, um gênero é selecionado (seja ele um relatório, uma narrativa, e assim por diante) e escolhas particulares são feitas com base no campo, teor e modo, e todas são realizadas em escolhas linguísticas. (CHRISTIE, 1991, p.142 apud JOHNS, 2002, p.5)³⁰

Coffin e Donohue (2012, p. 73) complementam ao pontuar que essa perspectiva é orientada “pelo o que pode ser generalizado sobre a língua em uso”. Em linhas gerais, tanto o gênero quanto o registro são representações de padrões recorrentes da língua em contextos específicos. Enquanto o primeiro é usado para categorizar os textos acadêmicos de acordo com a predominância de propósito (ex: explicar, relatar ou argumentar); o segundo é usado como um “mapa” para traçar a relação entre o contexto e as escolhas lexicogramaticais. Essa relação entre gênero e registro conscientiza os alunos e professores sobre diferentes aspectos do fazer nas diferentes disciplinas – e até mesmo em subdisciplinas.

³⁰ A text is understood as functioning in a context, where context is said to operate at two levels: at the level of register, where field (social activity), tenor (the interpersonal relationships among people using language) and mode (the part played by language in building communication) all have consequences for the choices made in the linguistic system; and at the level of genre, where social purpose in using language also has consequences for linguistic choices made. For any given instance of language use, a genre is selected (be that a report, narrative, a trade encounter, and so on) and particular choices are made with respect to field tenor, and mode, all of which are realized in language choices. (Christie, 1991, p. 142 *apud* Johns, 2002, p.5)

Aprofundando a questão do gênero, na LSF ele é visto como *processos sociais*, porque os membros de uma dada cultura interagem para alcançá-lo; *orientado por objetivos*, já que é desenvolvido para atingir propósitos; e *organizado*, uma vez que seu significado é construído em passos, e precisa de mais de uma etapa para alcançar os objetivos. Não há comunicação fora do gênero, é ele que oferece a base do que esperamos encontrar em um texto, e contribui para criar nossa visão do que é coerente e de quais as opções para criar significados.

Na Linguística Funcional, a teoria do gênero é sobre como usamos a língua para viver. Tenta descrever as formas pelas quais nós mobilizamos a língua [...]. A teoria do gênero é uma teoria sobre fronteiras do nosso mundo social, e, portanto, nossa familiaridade com o esperado. (MARTIN, 2000, p. 120 apud HYLAND, 2004, p. 26).³¹

O foco da pesquisa sistêmica-funcional é observar e elencar quais os fatores para sucesso ou não de um texto no contexto acadêmico, e como, com base nesses fatores e dificuldades encontradas pelo aluno, essas dificuldades podem ser sanadas.

Pensando na relação entre a Escola de Sydney, a Análise de Gênero e a Nova Retórica é possível relacionar as duas primeiras de forma mais direta, uma vez que ambas se orientam no sentido da busca de padrões (lexicogramaticais na primeira, e retóricos, na segunda) a fim de categorizar o gênero. Já a Nova Retórica se distancia mais pela sua orientação psicossituacional, observação do propósito e função dos gêneros e as atitudes, crenças, valores e comportamentos dos membros da comunidade na qual os gêneros estão situados.

Apesar de uma maior proximidade entre a Análise de Gênero e a Escola de Sydney, convém também pontuar suas diferenças. Uma das maiores críticas, feita pelos analistas do gênero à abordagem da linguística sistêmica-funcional, é o fato de ser focada apenas no texto. Por mais que o contexto seja fundamental, seu papel é auxiliar

³¹ In functional linguistics, genre theory is a theory of how we use language to live; it tries to describe the ways in which we mobilize language [...] Genre theory is a theory of the borders of our social world, and thus our familiarity with what to expect. (MARTIN, 2000, p. 120 apud HYLAND, 2004, p. 26).

na sistematização dos padrões lexicogramaticais. Já a Análise de Gênero aprofunda a questão social e considera o gênero em suas facetas dinâmicas, não apenas as estáveis.

Comparando a LSF com a Nova Retórica, como já foi visto, a segunda considera o gênero de forma muito mais flexível e mutável, os gêneros são vistos como estâncias “estabilizadas momentaneamente”, uma vez que estão abertas a mudanças e sujeitas a negociações. Por esse motivo, a crítica à LSF vem no sentido de ter seu viés baseado na regularidade e nas convenções. A LSF preocupa-se com as regularidades léxico-gramaticais e a Nova Retórica em ver como essas regularidades são relacionadas com as regularidades das ações sociais (tipificação).

Na visão da LSF, o ensino dos padrões léxicos-gramaticais proporciona a chance de o pesquisador ou estudante se inserir em uma comunidade e fazer parte das dinâmicas necessárias. Já para a Nova Retórica, o foco no ensino de somente determinados gêneros acaba por fortalecê-los, contribuindo para o ciclo de empoderamento de gêneros.

Uma abordagem retórica sobre como escrever bem na ciência não proporia um conjunto de prescrições formais a serem seguidas cegamente, tampouco sugeriria um conjunto de procedimentos universalmente aconselháveis. Uma abordagem retórica satisfaria a extensão e o significado das práticas correntes e depois sugeriria como usá-las apropriada e efetivamente dentro de contextos específicos. (BAZERMAN, 2006, p. 64 - 65).

Pelos argumentos trazidos acima e pela comparação teórica das três abordagens citadas (Análise de Gênero, Nova Retórica e Linguística Sistêmica-Funcional), é possível perceber que apenas uma abordagem baseada em padrões linguísticos recorrentes não é o suficiente para pensar a complexa dinâmica dos gêneros textuais. Da mesma forma, o estudo do gênero de forma muito abstrata também não é interessante por não oferecer os subsídios palpáveis e necessários no auxílio a nativos e não nativos que desejam fazer parte de uma comunidade de pesquisa.

As pesquisas de Hyland (1998, 2002, 2005, 2012) se encontram nessa intersecção entre estudo de padrões lexicogramaticais e aspectos sociais do gênero. Os padrões são usados para se pensar nas crenças das comunidades, no caso mais específico, crenças das disciplinas sobre como fazer pesquisa e sobre a forma de se relacionar com o texto e com outros pesquisadores.

Um dos interesses do pesquisador é a questão do metadiscurso dentro da escrita acadêmica. Em sua concepção, “o metadiscurso é o conjunto de traços característicos que, quando vistos juntos, ajudam a explicar as interações entre os produtores e seus textos e entre os produtores e usuários” (HYLAND, 2005, p.125). São as formas pelas quais articulamos e construímos nossas interações, salientando que apesar da crença difundida de que a linguagem acadêmica deve apagar toda presença do autor e leitor, como se os fatos falassem por si só, na realidade, nesse espaço estamos constantemente negociando com o outro, tomando decisões que criam efeitos nos leitores. Uma análise calcada no metadiscurso ilumina aspectos como a forma pela qual nos projetamos em nosso discurso por meio de nossa atitude tanto com o conteúdo quanto com o público.

Hyland (2005) alega que há dois tipos de recursos que permitem a análise do metadiscurso e que podem ser de grande valia para se observar como os gêneros são construídos e sua relação com os diversos contextos e, principalmente, disciplinas em que ocorrem. Ele nomeia esses recursos como *interativos* e *interacionais*.

Os *recursos interativos* se voltam para a forma pela qual o discurso é organizado a fim de antecipar determinado tipo de conhecimento no leitor, permitem ao autor gerenciar as informações para estabelecer qual interpretação ele deseja por parte do leitor. É dividido nas seguintes categorias:

- transição (*transitions*): são basicamente compostos por conjunções e expressam relações semânticas de adição, contraste, concordância entre sentenças, como, por exemplo, *however* (entretanto), *in addition* (além disso);
- marcadores de sequência (*frame markers*): referem-se a sequência e a estrutura esquemática do texto, incluem itens usados para mostrar sequência, objetivos, tópicos .
Exemplo: *First of all* (primeiramente), *finally* (por fim);
- marcadores endofóricos (*endophoric markers*): direcionam o leitor a outras partes do texto. Como exemplo, *note above* (note acima), *see Table 1* (veja tabela 1);
- evidências (*evidentials*): apresentam as fontes de informações retiradas de outros textos. São expressões tais como *according to X, Y arguments* (de acordo com X, Y argumenta);
- estruturas de reformulação (*code glosses*): ajudam os leitores a compreender determinados significados por meio de reformulações, tais como *such as* (assim como), *in other words* (em outras palavras).

Os *recursos interacionais* se referem aos esforços do escritor em dosar sua personalidade no texto e construir uma relação apropriada com seus dados, argumentos e público. São divididos em duas estâncias: *Stance* e *Engagement*, que por sua vez são subdivididos como visto na figura abaixo:

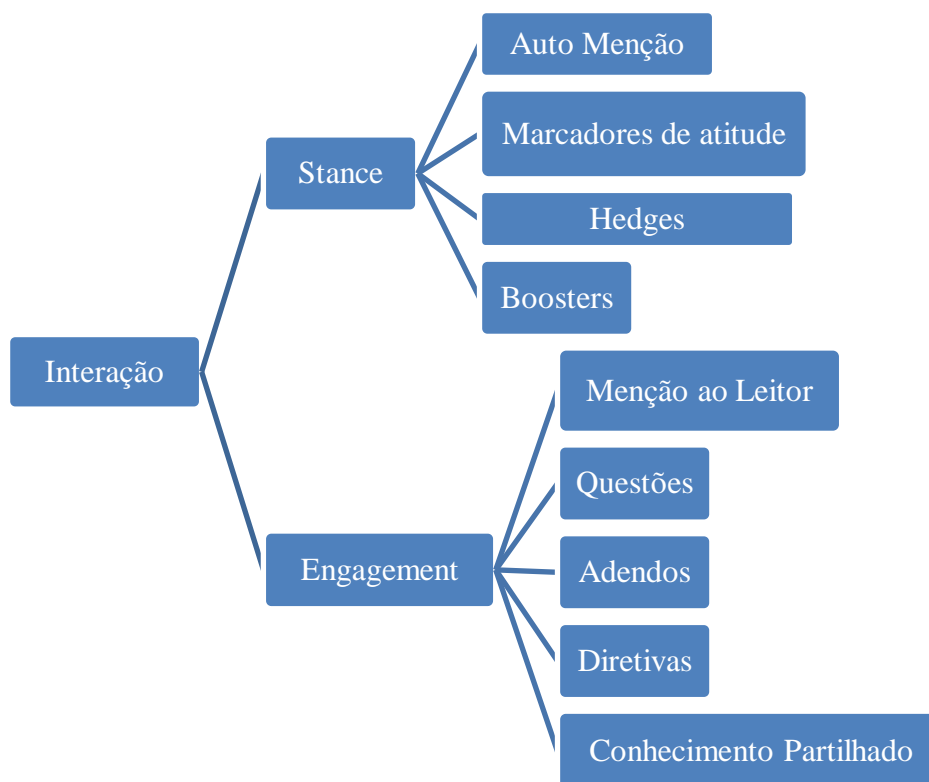


Figura 5: Stance e Engagement (Fonte: autoria própria)

— *Stance*: relaciona-se com a voz “autoral”. É a forma pela qual o autor se mostra no texto, como apresenta suas opiniões, julgamentos e comprometimentos. De acordo com Hyland (1998, 2002, 2005, 2011), há quatro formas distintas de o escritor se posicionar dentro de sua argumentação:

— *hedges*: são dispositivos linguísticos que permitem ao autor modalizar determinada informação como uma opinião, uma interpretação e não como um fato. Os usos de palavras como *might* (poderia), *perhaps* (talvez) e *possible* (possível), por exemplo, são formas de abrandar o discurso.

— *boosters*: ao contrário do primeiro, os *boosters* são usados para exprimir certeza sobre alguma proposição ou opinião. São vocábulos e expressões como *must* (deve), *for sure* (com certeza), *without doubt* (sem dúvidas).

— auto-menção: são os usos de pronomes pessoais (*I, we, me, us*) e possessivos (*my/, our, mine, ours*) ou outros tipos de expressão que explicitam a presença de o(s) autor(es).

— marcadores de atitude: são indicadores das atitudes do autor, seja de surpresa, concordância, discordância, frustração, etc., em direção a uma proposição. Como exemplo, *unfortunately* (infelizmente), *in concordance with* (em concordância com), *surprisingly* (surpreendentemente).

— *Engagement*: o foco é a presença do leitor. São as marcas discursivas que mostram a forma pela qual o escritor reconhece o leitor, e o engaja no texto, guiando-o ao longo das argumentações e interpretações. Há cinco formas pelas quais é possível observar a presença do leitor ao longo do discurso:

— menção ao leitor: traz explicitamente a referência ao leitor ao longo do texto. No discurso acadêmico, é raro encontrar a presença de *you*, sendo mais comum encontrar essa referência pelo pronome *we*.

— questões: são perguntas inseridas no texto, são consideradas uma estratégia chave no dialogismo (escritor – leitor), convida explicitamente o leitor a se engajar no texto, pensar sobre ele.

— diretivas: são imperativos e modais de obrigação que guiam o leitor a desempenhar determinado tipo de atividade durante a leitura. As diretivas podem ocorrer como atos, direcionando o leitor a outras partes do texto (*see chapter II/veja capítulo II*), expressões direcionando o leitor a determinado tipo de atividade no mundo real (*heat the mixture/aqueça a mistura, open the door/abra a porta*), atos cognitivos que instruem o leitor a interpretar um argumento, explicitamente os posicionando pelo encorajamento a notar ou considerar, por exemplo, um argumento no texto.

— referência a conhecimento partilhado: essa é uma estratégia usada pelo escritor a fim de elucidar que o leitor reconheça algo como familiar ou aceito pelo meio. A frase: *The ESP studies are international well-known*

approaches related to teaching of academic writing in situated contexts,³² por exemplo, direciona o leitor a reconhecer o fato dos estudos de ESP como algo mundialmente famoso e reconhecido, compartilhando desta opinião com o escritor.

— adendos: por meio de uma breve interrupção do argumento que está sendo elaborado, o escritor insere um comentário pessoal sobre o que está escrevendo com a intenção de se comunicar diretamente com o leitor. Em exemplo retirado de Hyland (2011, p. 201):

*And – as I believe many TESOL professional will readily acknowledge – critical thinking has now begun to make its mark, particularly in the area of L2 composition.*³³

A frase delimitada por traços (-) representa um comentário pessoal do escritor sobre sua crença de que os profissionais de TESOL irão prontamente admitir seu argumento sobre a importância crescente do pensamento crítico na área como verdadeiro.

Ao aplicar os conceitos acima em um corpus de 240 artigos de pesquisa, divididos entre oito disciplinas do conhecimento, Hyland (2005, 2011) observa que há grandes diferenças entre as disciplinas humanas/sociais e exatas/biológicas, e que essas diferenças refletem a forma como cada uma concebe pesquisa e discurso acadêmico.

As Ciências Humanas e Sociais, por exemplo, são mais interpretativas e influenciadas por fatores contextuais. Como há uma diversidade nos resultados de pesquisa e diversos pontos de vista sobre o mesmo objeto, há uma necessidade de promover uma dialogicidade maior, por meio do reconhecimento de outras vozes. Há

³² Os estudos de ESP são abordagens internacionalmente conhecidas e relacionadas com o ensino de escrita acadêmica em contextos situados.

³³ E – como eu acredito muitos profissionais de TESOL irão concordar – pensamento crítico começou a ter importância, particularmente na área de escrita em L2.

um esforço maior em estabelecer credibilidade e criar um entendimento com os leitores. Esse traço constitutivo é confirmado pela maior presença de *hedges* e *boosters* do que nas disciplinas exatas, por exemplo. Os *hedges* permitem que o autor seja mais cauteloso, sem impor somente uma explicação para determinado fato, enquanto os *boosters* ajudam a estabelecer o significado da pesquisa. Apesar de não tão recorrente quanto os dois anteriores, a auto-menção também é mais característica na área, construindo uma presença autoral crível e de autoridade, engajando, assim, o outro e criando um discurso mais convincente.

Já nas Engenharias e Ciências Exatas, a crença é de que o texto e os fatos devem falar por si só, levando os autores a privilegiar uma objetividade linguística, desconsiderando posicionamentos mais interpretativos. Hyland (2011) também aponta que, nessa área, os pesquisadores estão mais familiarizados com pesquisas e textos anteriores, além de dividirem um conhecimento partilhado maior e se calcarem nos mesmos métodos, não sendo necessário, portanto, um forte elemento interpessoal, permitindo uma visão mais impessoal e indutiva da ciência, uma visão que mostra o cientista “descobrir” a verdade e não a construindo. Apesar de haver o uso de *hedges* e *boosters*, eles estão presentes em menor quantidade do que nas Ciências Humanas e Sociais, como uma forma de diminuir o papel do escritor e garantir uma escrita mais impessoal.

Os argumentos centrais de Hyland (2011, p. 196) para o emprego de uma análise interativa e interacional no discurso acadêmico é o de que a academia não produz apenas textos que representam plausivelmente uma realidade externa, e sim usam a linguagem para reconhecer, construir e negociar as relações sociais. As diferentes formas no uso dessa linguagem nos mostram como os escritores veem seus leitores e as disciplinas das quais fazem parte. Uma de suas mais recentes pesquisas na área (Hyland,

2011) comprova sua teoria e mostra como a partir dos traços explicados acima é possível observar as convenções discursivas das diferentes disciplinas, e notar que elas são persuasivas por carregarem as crenças sociais e epistemológicas de seus membros, como as práticas retóricas são inextricavelmente relacionados com os objetivos de cada disciplina.

A proposta de Hyland (1998, 2002, 2005, 2011), de, a partir da superfície textual de recursos interativos e interacionais, observar as diferenças nos discursos das disciplinas, e como isso reflete determinadas crenças da comunidade de membros, vem ao encontro de nosso objetivo de verificar as diferenças retóricas dos *abstracts* de disciplinas da área de humanas. Entretanto, pelo fato de os *abstracts* serem textos de menor tamanho, com número limitado de palavras, somente a questão de *Stance* será analisada nesta pesquisa, especificamente o uso de *hedges* e *boosters*. A intenção é refletir sobre como o escritor se posiciona nas disciplinas estudadas aqui.

Após mapeadas as abordagens nas quais esta pesquisa se apoia e se fundamenta, passa-se a uma delimitação do escopo da pesquisa, focando-se nas características do gênero artigo de pesquisa e o gênero *abstract*.

1.4 O Artigo de Pesquisa e o discurso acadêmico

Swales (1990, p.93) afirma que o artigo de pesquisa é um texto escrito, limitado a uma quantidade de palavras que tem como propósito comunicativo principal relatar uma pesquisa, não só como ela foi conduzida e desenvolvida pelo pesquisador, mas também sua relação teórica e metodológica com outras pesquisas já realizadas na área.

Geralmente o artigo de pesquisa é publicado em periódicos ou revistas importantes na área que tentam “modelar” o processo de escrita exaltando e delimitando certas práticas, com o intuito de manter um nível de qualidade e de padronização

aceitável. O artigo é um “um produto final que foi especificamente moldado e negociado nos esforços do autor para obtenção de aceitação” (SWALES, 1990, p.93)³⁴.

Com base nos estudos de Coracini (1991), Aranha (2004) salienta que um dos propósitos comunicativos desse gênero textual é validar uma pesquisa dentro do meio acadêmico e convencer outros pesquisadores da importância e da veracidade do que foi pesquisado. Ziman (1968 *apud* SWALES, 1990, p.94) ressalta que a pesquisa não é considerada completa até que seja avaliada por um número maior de pesquisadores e isso só será possível através de sua publicação. No caso do artigo de pesquisa, a comunidade discursiva é composta essencialmente por membros especialistas da área. Por esse motivo o texto terá que se adequar a um nível de escrita altamente técnico e hermético para os leitores considerados leigos, com estruturas e conteúdo já pré-definidos pela dinamicidade da comunidade (gênero) e terminologia própria. O conjunto dessas características é que definirá a aceitação ou não do texto dentro do meio de circulação.

[O artigo de pesquisa] a) dirige-se a um ouvinte situável no tempo e no espaço: grupo de especialistas da área; b) pressupõe um ouvinte conhecedor da matéria, dos métodos utilizados normalmente na área e que esteja interessado na pesquisa a ser relatada. Como decorrência dessa situação, em textos acadêmicos, muitas informações são suprimidas do discurso por serem julgadas supérfluas e desnecessárias, – explicações metodológicas, fórmulas, termos específicos, – cujo resultado é um discurso hermético para o leitor não-especialista; c) tem a intenção de persuadir da validade da pesquisa e do rigor científico da mesma (CORACINI, 1991, p. 57 *apud* ARANHA, 2004, p.)

Em seus trabalhos, Swales (1990, 2004) e Aranha (1996 e 2004) frisam a necessidade da escrita de artigos por todos aqueles pesquisadores que querem que seu trabalho seja conhecido e tenha relevância dentro da comunidade discursiva na qual está inserido ou deseja fazer parte. O artigo de pesquisa é, atualmente, como já apontava Knorr-Cetina na década de 80, a principal forma de promoção dentro da academia, é o

³⁴ “[...] an end product that has been specifically shaped and negotiated in the author’s effect to obtain acceptance” (SWALES, 1990, p.93)

“produto padrão da indústria manufaturada do conhecimento” (KNORR-CETINA, 1981 *apud* SWALES, 1990, p. 95).³⁵

Como um gênero estabelecido, o artigo de pesquisa apresenta uma organização pré-estabelecida. Bazerman (2010, p.268) observa que o artigo de pesquisa é geralmente dividido em:

— *introdução*: sua função é apresentar teorias e experimentos de pesquisas anteriores, com o intuito de situar a pesquisa que está sendo feita e apresentar as hipóteses que serão testadas e a justificativa do estudo. É por meio dela que o leitor se conscientiza sobre qual o propósito da pesquisa, o que ela pretende argumentar ou provar. Parte de uma argumentação mais geral sobre o campo no qual o autor se insere até chegar a informações mais pontuais, como o objetivo da pesquisa;

— *método*: nesta seção apresentam-se os procedimentos, materiais e qualquer outro aparato usado com a finalidade de apresentar como a pesquisa foi conduzida, quais critérios e métodos utilizados. É uma parte essencialmente descritiva do artigo, e precisa ser clara e precisa o suficiente para permitir que outros pesquisadores recriem a mesma pesquisa e dialoguem com os resultados;

— *resultado e discussão*: uma pesquisa só se torna completa quando a apresentação dos resultados encontrados é trançada com sua discussão e interpretação. É a partir desse trabalho de conexão entre os resultados, observação entre os padrões e anomalias no corpus, relação de corroboração ou refutação com hipóteses prévias, respostas (ou mais questões) a perguntas feitas e diálogo com outros resultados prévios de outras pesquisas, entre outros aspectos, que emerge o significado da pesquisa e sua contribuição para o campo de estudo.

³⁵ “the research article has become the standart product of the knowledge-manufacturing industries” (KNORR-CETINA, 1981 *apud* SWALES, 1990, p. 95).

— *conclusão*: o propósito das conclusões é o fechamento do artigo. Enquanto o esforço retórico da introdução é destacar uma brecha de um campo de pesquisa e um objetivo bem específico, o esforço da conclusão é exatamente o oposto. A conclusão é construída no sentido de integrar esse objetivo específico e suas descobertas ao conhecimento do campo, realçando quais as implicações, orientações e importância da pesquisa feita para o meio.

Swales também já afirmava em 1990 que o artigo costuma seguir a estrutura IMRD (Introdução, Metodologia, Resultado e Discussão), cujo formato pode ser comparado ao de uma ampulheta, uma vez que o artigo se inicia em um território mais amplo, afunilando-se para um nicho e um objetivo específico, passa para explanação dos procedimentos e resultados, e termina partindo de um escopo específico, como a confirmação e refutação das hipóteses, por exemplo, e chegando a um território amplo novamente, como as implicações das descobertas para o campo ou encaminhamentos futuros, como colocado na figura abaixo:

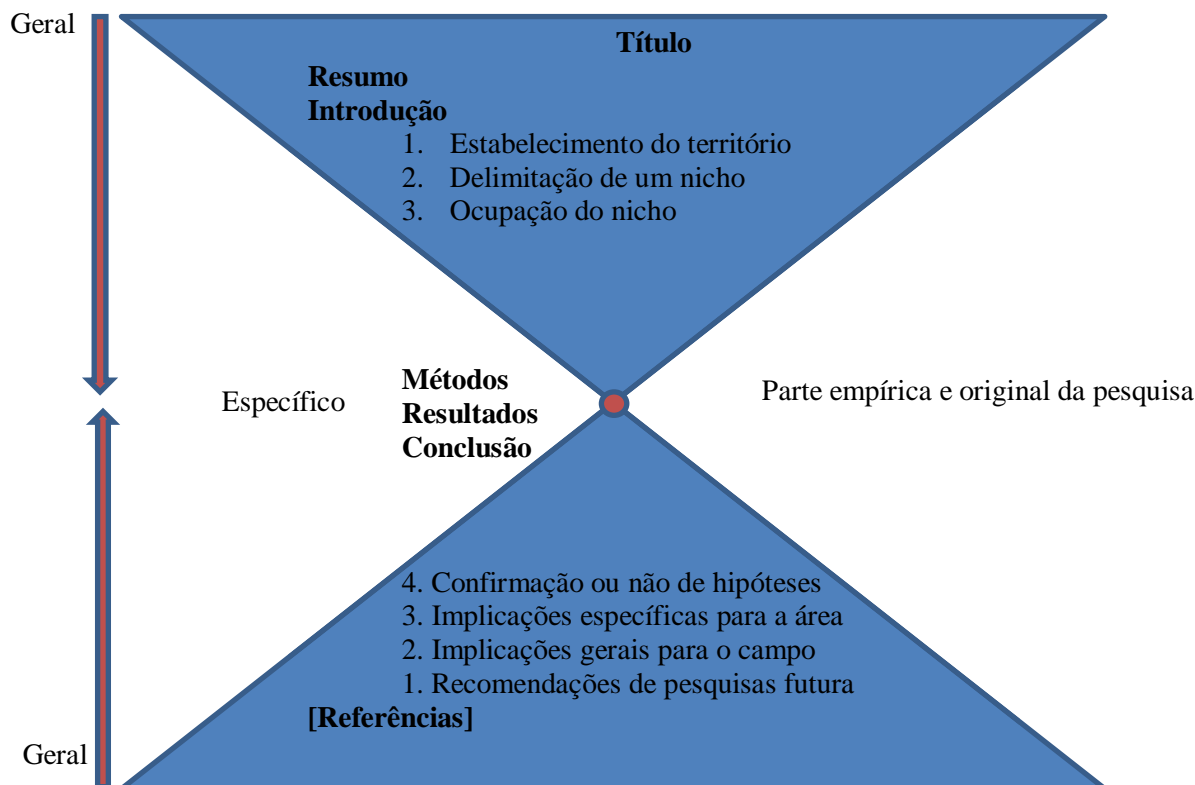


Figura 6: A organização retórica do artigo de pesquisa

Além dessas subdivisões, os artigos apresentam uma seção a parte que, por causa de suas características, pode ser considerado um gênero: o *abstract*. Devido à complexidade e à importância do *abstract* dentro do artigo de pesquisa e, conseqüentemente, dentro da argumentação do artigo de pesquisa, ele será tema da próxima seção e desta pesquisa.

1.5 O gênero resumo/*abstract*³⁶

De acordo com Swales e Van Boon (2007), o artigo de pesquisa (*research article*) continua sendo o primeiro modo de propagação de informações e descobertas dentro do meio acadêmico. A maioria desses artigos de pesquisa contém um resumo, de aproximadamente 100 e 250 palavras, que tem por finalidade elencar os principais

³⁶ Usaremos o termo *resumo* referindo-se ao gênero de forma geral ou escrito em língua portuguesa, e o termo *abstract* referindo-se ao gênero escrito em língua inglesa.

pontos da pesquisa e as descobertas que serão expostas no artigo – “portanto, o resumo funciona como um discurso independente (Van Dijk, 1980) contendo indicadores do conteúdo e da estrutura do texto que o segue.” (SWALES, 1990, p.179).³⁷

É composto de um parágrafo simples com uma média de quatro a dez sentenças completas. Indica-se o uso de sentenças completas, de tempos passados, voz impessoal e recomenda-se evitar o uso de frases negativas e de abreviações, jargões e outros símbolos que podem levar a confusão e desentendimento.

De acordo com Bhatia (1993), o resumo de artigo de pesquisa é um gênero reconhecido que surgiu como resultado de um propósito comunicativo bem definido e de mútuo entendimento. O autor usa a definição proposta pelo *The American National Standards Institute* (ANSI), no ano de 1979, que define que “um resumo é uma representação abreviada e exata dos conteúdos de um documento, preferivelmente preparado pelo seu autor e a ser publicado juntamente com o documento.”³⁸ Bhatia (1993) ainda atesta que tanto o resumo quanto a introdução apresentam importância indiscutível dentro de um artigo de pesquisa, mas ambos possuem propósitos comunicativos diferentes – o resumo não aponta somente os pontos principais da pesquisa, mas também as conclusões desta; isso faz com que as partes tenham estruturas retóricas diferentes.

Bazerman (1984b, p.58 apud BAZERMAN, 2010, p. 179) argumenta: “o resumo do artigo serve como um passo a mais para tornar o artigo um objeto, uma vez que o resumo considera o artigo como um todo, e então faz a representação dele”.³⁹ O resumo traz informações sobre a descrição do experimento, além dos resultados e conclusões

³⁷ Thus, abstract function as independent discourse (Van Dijk, 1980) as well as being advance indicators of the content and structure of the following text.” (SWALES, 1990, p.179)

³⁸ “an abstract is an abbreviated, accurate representation of the contents of a document, preferably prepared by its author(s) for publication with it.” (ANSI, 1979:1)

³⁹ “the article’s abstracts serves as one further step in turnin the article into na object, for the abstract considers the article as a whole and then makes a representation of it” Bazerman (1984b, p.58 *apud* SWALES, 2004, p. 179)

mais relevantes, permitindo ao leitor uma prévia para decidir se o artigo se encaixa ou não em seus interesses. Ele ainda menciona que o resumo deve ser lido primeiro, porque indica onde o leitor está indo, e escrito por último, porque ajuda o escritor a sumarizar o que fez.

Devido a essa importância, o resumo vem atraindo cada vez mais atenção dentro dos estudos do gênero, inclusive na linha da retórica. Diversos autores já argumentaram sobre a sua importância para o artigo. Em sua tese, Aranha (2004, p.47) afirma que “uma vez que o leitor seleciona um texto acadêmico a ser lido – e ele parece fazê-lo por meio do título e do resumo [...]”. Para Nida (1992), ele não só contém os principais pontos que serão discutidos no decorrer do artigo, sendo uma maneira rápida de o leitor decidir se esse artigo o interessa ou não, mas também apresenta a relevância daquilo que será discutido. Swales (1990, p. 179) postula que “daqueles que leem o resumo, apenas alguns leem o artigo”,⁴⁰ reafirmando sua função de ligação, responsável por levar – ou não - o leitor à leitura do texto integral ou não. Johns (1991) atribui a maior parte das recusas dos artigos escritos por brasileiros pelas publicações inglesas pelo fato de *abstract* não estar adequado ao esperado, e ser de difícil entendimento para o falante nativo.

Observa-se que as dificuldades de escrita do *abstract* são proporcionais a sua importância. Para Aranha (1996, p.3), o discurso acadêmico é norteado por três fatores: — fator social - o domínio da língua pela qual se faz a vinculação de informações, no caso, a língua inglesa, definida como a língua franca do meio acadêmico-científico (BHATIA, 1993; DUSZAK, 1995; NIDA, 1992; SWALES, 1990; ST. JOHN, 1987); — fator registro - relacionado com as escolhas linguísticas, no caso, registro escrito padrão com adequação ao léxico específico da comunidade discursiva;

⁴⁰ “[...] and of those who read the abstract only some will read the article itself.” (SWALES, 1990, p. 179)

— fator gênero - a estrutura do discurso que foi desenvolvido através das interações sociais entre os membros da comunidade discursiva - muitas vezes de forma subconsciente que somados contribuem para que o texto acadêmico seja adequadamente escrito e alcance seu propósito comunicativo.

Esses três fatores podem causar inúmeras dificuldades, tanto de ordem linguística quando de ordem estrutural, para o pesquisador, principalmente se este for não nativo na língua na qual está escrevendo ou for um pesquisador iniciante nas práticas da academia. No caso dos pesquisadores brasileiros, a dificuldade de escrita do texto acadêmico, especificamente para a realização do gênero resumo/*abstracts* de artigo de pesquisa, apresenta dupla dimensão: estrutural e linguística. Swales (1990) discute brevemente a estrutura do resumo por meio de pesquisas de outros autores, e destaca o diálogo entre as seções encontradas no artigo com as informações presentes no *abstract*: “parece que a maioria dos resumos reflete o modelo IMRD (introdução, métodos, resultados e discussão) encontrado no artigo de pesquisa, contendo uma sentença ou duas para cada seção.” (p.181).⁴¹

Bhatia (1993) alega que o resumo é uma descrição de um texto e deve apresentar uma ideia concisa do que o artigo propõe em sua extensão. Ele então formula quatro perguntas que devem ser respondidas no resumo:

1. **O quê** o autor **fez**
2. **Como** o autor **fez**
3. **O quê** o autor **encontrou**
4. **O quê** o autor **conclui**

Essas quatro perguntas se relacionariam cada uma com os quatro movimentos retóricos propostos por Bhatia (1993):

⁴¹ “[...] it seems to be the case that most abstracts reflect the IMRD pattern of the RA itself, allotting a sentence or two for each section.” (SWALES, 1990, p. 181)

1 – Introdução aos propósitos

Este movimento dá uma indicação precisa da intenção, tese ou hipótese do autor que forma a base da pesquisa. Também podem incluir metas e objetivos de pesquisa ou problemas que o autor pretende abordar.

2 – Descrição da metodologia

Neste movimento o autor oferece uma boa indicação do modelo experimental, incluindo informação sobre os dados, procedimentos e metodologia(s) usados e, se necessário, o escopo da pesquisa.

3 – Sumarização dos resultados

Este é um aspecto importante do resumo, no qual o autor menciona suas observações e descobertas e, caso estabelecido no primeiro movimento, também sugere soluções para o problema apontado.

4 – Presentes Conclusões

Este movimento interpreta resultados e delinea inferências. Tipicamente inclui alguma implicação e aplicação das descobertas.

Quadro 3: Modelo de Bhatia (1993) para gênero *abstract* de artigo científico

O exemplo retirado de Bhatia (1993, p.79) ilustra a materialização dos movimentos no abstract:

[**Movimento 1**] This paper sets out to examine two findings reported in the literature: one, that during the one-word stage child word productions are highly phonetically variable, and two, that the one-word stage is qualitatively distinct from subsequent phonological development. [**Movimento 2**] The complete set of word forms produced by a child at the one-word stage were collected and analysed both cross-sectionally (month by month) and longitudinally (looking for changes over time). [**Movimento 3**] It was found that the data showed very little variability, and that the phonological development during the period studied was qualitatively continuous with subsequent development. [**Movimento 4**] It is suggested that the phonologically principled development of this child's first words is related to his late onset of speech.⁴²

Em um livro voltado apenas para abstract, Swales e Feak (2009, p.2), utilizando as teorias de Huckin (2001), escrevem que o resumo apresenta pelo menos quatro funções distintas:

⁴² Os exemplos de *abstracts* utilizados não serão traduzidos pelo fato de que a tradução pode mudar as organizações, criando uma estrutura retórica diferente do que a encontrada no original.

- funciona como mini textos autônomos que apresentam ao leitor um curto sumário a respeito do tópico da pesquisa, metodologia e principais resultados;
- funciona como dispositivos de projeção, ajudando os leitores a decidir se querem ler o artigo inteiro ou não;
- funciona como prévias do que os leitores encontrarão no artigo completo, dando um mapa de leitura;
- proporciona um índice de ajuda para escritores de abstracts profissionais e editores.

Swales e Feak (2009, p.5) montam um modelo para ajudar os alunos na escrita de abstracts. Essa estrutura conta com cinco movimentos que são combinados de distintas formas e será descrita a seguir:

Movimento	O que é	Questões implícitas
Movimento 1	Conhecimento prévio/ Introdução/ situação	O que sabemos sobre o tópico?
Movimento 2	Pesquisa/Objetivos	Por que o tópico é importante?
Movimento 3	Metodologia/Material/Assunto/Procedimento	Como foi feito?
Movimento 4	Resultados/descobertas	O que foi descoberto?
Movimento 5	Discussão/Conclusões/Implicações/Recomendações	O que as descobertas significam?

Quadro 4: Modelo de Swales e Feak (2009) para gênero *abstract* de artigo científico

Apesar de prever 5 movimentos distintos, os autores não são obrigados a usar todos. Na concepção de Swales e Feak (2009), o pesquisador pode combinar de maneiras distintas os 5 movimentos, dos quais afirma que os movimentos 2 e 4 são os mais comuns, enquanto o movimento 5 é o menos recorrente. A orientação dos autores é que o escritor colete *abstracts* já publicados em sua área de estudo, observe desses cinco movimentos quais são os mais usados e recorrentes dentro da área em particular e produza um texto semelhante.

O exemplo abaixo retirado de Swales e Feak (2009, p.9) ilustra o que seria a materialização desses movimentos:

[Movimento 2] The object of this study was to evaluate postpartum women for psychiatric symptomology including cognitive disturbances, anxiety, depression, and anger to better meet their needs for support and evolve them in the of their infants.

[Movimento 3] We interviewed 52 postpartum mothers at the Brons Lebanon Hospital Center within 5 days of delivery and determined the presence of psychiatric symptoms using the 29-item Psychiatric Symptom Index. **[Movimento 4]** Despite the fact that adult mothers were happier when they were pregnant (71.4% versus 29.4%; $p=0.010$) and less likely to be worried about their baby's health (25.7% versus 52.9%; $p=0.003$) adult mothers demonstrated higher depressive symptomatology ($p=0.009$), higher amounts of anger ($p=0.004$), and greater overall psychiatric symptomatology ($p=0.005$) than adolescent mothers. Mothers whose infants were in the neonatal intensive care unit did not report significantly higher psychiatric symptomatology than mothers whose infants were healthy. **[Movimento 5]** Physicians need to be aware of the high levels of depression and anger present among postpartum women so appropriate support can be given.

Swales e Feak (2009) também relacionam as estruturas retóricas dos *abstracts* com determinadas realizações linguísticas, ou seja, elementos linguísticos recorrentes em cada movimento. Os autores alegam que há quatro tipos de sentenças diferentes que podem iniciar o *abstract* com (p.10):

— tipo A: Fenômeno do mundo real ou prática comum

Corporate taxation vary around the world. (As taxas de imposto corporativos variam ao redor do globo)

— tipo B: Propósito ou objetivo

The aim of this study is to examine the effects of corporate taxation im modern society. (O propósito deste estudo é examinar os efeitos das taxas de imposto corporativo na sociedade moderna)

— tipo C: Ação do pesquisador

We analyse corporate taxation returns before and after the introduction of the new tax rules. (Nós analisamos as taxas de impostos corporativos antes e depois da introdução das novas regras.)

— tipo D: Problema ou Incerteza

The relationship between corporate taxation and corporate strategy remain unclear. (A relação entre taxas de imposto corporativos e estratégias corporativas continua indefinida)

Quanto ao movimento de metodologia (M3), os autores afirmam que uma de suas características é o uso de voz passiva e verbos no passado. Quanto a M4, destaca-se o uso de estruturas com o pronome *that*, como uma forma de detalhar mais os resultados. Geralmente esses tipos de estruturas ocorrem com sujeitos inanimados (*the results*, por exemplo) e permite que o autor crie uma gradação de força pela escolha do verbo que se segue. Na frase *the results prove that*, o verbo *prove* cria um argumento mais forte já que é um *booster*, enquanto na frase *the results suggest that*, há um enfraquecimento, já que *suggest* é um *hedge*. Por fim, as conclusões podem ser classificadas como:

— descritivas: *Selected numerical results are presented to demonstrate the effect of non-homogeneity on dynamics response of the media.* (Os resultados numéricos selecionados são apresentados para demonstrar o efeito da não-homogeneidade nas respostas dinâmicas da mídia);

— avaliativas: *The J-R curves obtained also qualitatively agree with those of experiments, and the fracture surface is well simulated.* (As curvas J-R obtidas também concordam qualitativamente com aquelas do experimento, e a superfície da fratura é corretamente simulada);

— generalizantes: *The research reported in this paper indicates that the survival of this species may be threatened.* (A pesquisa descrita neste artigo indica que a sobrevivência das espécies pode estar ameaçada);

— recomendatórias: *More attention need to be given to early diagnosis of the disease.* (Precisa-se dar mais atenção no diagnóstico precoce da doença).

O último modelo de *abstracts* apresentado nesta seção é fruto das pesquisas de Gil (2011). Antes de apresentá-lo, cabe uma pequena contextualização sobre o que foi feito. Nos anos de 2010 e 2011, com apoio da Fapesp, conduzimos uma pesquisa que aplicou o modelo elaborado por Bhatia (1993) em um corpus composto de trinta pares de resumos (em língua portuguesa) e seus respectivos *abstracts* (em língua inglesa) retirados da publicação brasileira “Cadernos de Tradução”. Comparando os movimentos propostos por Bhatia (1993) e aqueles presentes no corpus foram notadas algumas discrepâncias no que concerne às estruturas retóricas e suas realizações.

O modelo de Bhatia (1993) prevê quatro movimentos retóricos para o *abstract*. O corpus estudado apresentou realizações diferentes destas previstas por Bhatia (1993), tais como:

— não obrigatoriedade de todos os movimentos previstos no modelo (1993). Os *abstracts* analisados mostravam que os autores faziam uma combinação dos movimentos, sendo incomum um exemplar que apresentasse os quatro movimentos. Além disso, os movimentos 3 e 4, apontados pelo autor como os de maior importância para o *abstract*, foram os que apresentaram menor recorrência no corpus. O exemplo abaixo mostra um exemplar do corpus no qual o autor utilizou apenas dois movimentos para a escrita do *abstract*:

[Movimento 1] This article analyses Giacomo Leopardi’s reflections on translation, comprised in the first book of his collected letters, edited by F. Brioschi and Patrizia Landi.
[Movimento 3] Seventy eight (78) out of the 484 letters therein address the issue of translation; in them, we find discussion of topics such as: the possibility or impossibility of translating, translator/poet-writer, poet-writer/translator.

— presença de um quinto movimento, que foi denominado de contextualização da pesquisa por ter função introdutória e por apresentar informações destinadas a apresentar ao leitor aspectos relevantes, tais como o contexto no qual ela se encaixa e

estudos anteriores e relevantes para o entendimento dos objetivos do autor, foi denominado de “Contextualização da pesquisa”. Para exemplificar:

[Contextualização] Marcel Schwob’s place in the French and world literature contexts is a very singular one. Barely known, even in his country, yet he is considered, by a select group, as one of the most important writers of the nineteenth century. Only two of his fiction works have been translated into Brazilian Portuguese, *Imaginary lives* (1896) and *The children crusade* (1896).

— não linearidade no uso das estruturas retóricas previstas. Apesar de o modelo prever uma sequencialidade nos movimentos (1, 2, 3 e 4) observou-se uma ciclicidade no uso desses movimentos, ou seja, foi comum o retorno a movimentos já utilizados, como, por exemplo, presença de estruturas como [Movimento 1, Movimento 2, Movimento 1]

[Movimento 1] Este artigo examina os limites entre *tradução* e *manipulação*, no contexto mais amplo do debate sobre a presença do *ceticismo* em perspectivas contemporâneas da linguagem e do sentido. Mostra-se como a disseminação do ideário anti-immanentista funciona como convite ao ceticismo, explorando-se, por outro lado, a possibilidade de uma resposta anti-immanentista ao cético. **[Movimento 2]** À luz dessa discussão e apoiado nas reflexões wittgensteinianas de Stanley Cavell, **[Movimento 1]** analisa-se o impacto da dúvida cética sobre o campo específico da tradução, sustentando-se que o ceticismo quanto à distinção entre o traduzir e o manipular não é decorrência necessária da renúncia à crença no significado imanente e transcendental.

— uma das formas de materialização dos movimentos do abstract foi por meio de uma “estruturação”, ou seja, o abstract foi escrito de forma a apresentar um passo a passo do que o leitor encontrará no decorrer da leitura:

[Estruturação] Tendo em vista a especificidade do texto teatral, debatemos quais os elementos desse gênero devem ser preservados na tradução; discutimos a importância de algumas metáforas-base e das materializações no texto poético teatral como fios condutores da tradução. Finalmente, focalizamos as aparições da metáfora da terra (gê) na peça de Sófocles, *Édipo Rei* e suas eventuais substituições por outros termos.

— a última diferença observada foi na recorrência dos movimentos “fusionados”. Bhatia (1993), ao explicar seu modelo, diz que cada movimento é materializado por uma ou mais sentenças. Entretanto, uma realização comum no corpus foi a presença de dois movimento em apenas uma sentença, em estratégia que foi denominada “fusão de dois movimentos”:

[Fusão movimentos 1 e 2] [2] Building on studies of cognitive segmentation in translation and on the emergence of new modes of production with the advent of translation technologies (Dragsted, 2004), [1] this article presents the structure and design of a research project which aims at investigating the impact of translation technology on human cognition. [2] By reviewing the literature on cognitive segmentation in translation and on translation technology, [1] it discusses the possible implications that the use of translation memory systems may have on the performance of translators.

A fim de atender as características do corpus analisado, foi feita uma extensão do modelo proposto por Bhatia (1993) com um acréscimo de traços recorrentes, considerados importantes para compreender o corpus. Para fins de citação ao longo deste trabalho, essa extensão foi chamada de modelo Gil (2011). Para elaboração desse novo modelo, foram considerados os quatro movimentos propostos por Bhatia mais o movimento Contextualização, pela sua grande recorrência. Apesar da baixa recorrência dos Movimentos 3 e 4 (nesse modelo, movimentos 4 e 5), estes não foram desconsiderados, uma vez que se trata de movimentos, que de acordo com Bhatia (1990) e Swales (1990), são essenciais para o cumprimento do propósito comunicativo do resumo, que é apontar os principais pontos da pesquisa. Um dos traços encontrados que se desejava deixar explícito é a possibilidade de se somar e combinar os movimentos propostos. Para tanto, inspirados na terminologia usada no CARS de Swales (1990) para mostrar quais passos eram excludentes ou não, utilizou-se a nomenclatura *e/ou* a fim de deixar clara essa liberdade de escolha do escritor.

Movimento 1 – Contextualização: Nesse movimento, o autor introduz o leitor na área em que a pesquisa está inserida, no panorama atual do problema que será discutido ou ainda uma breve explicação de ferramentas de pesquisa, textos, autores, entre outros que serão usados pelo autor. e/ou
Movimento 2 – Objetivos: Esse movimento tem por finalidade mostrar ao leitor quais os objetivos do autor com a pesquisa. e/ou
Movimento 3 – Metodologia: Aqui, o autor informa o leitor de como a pesquisa foi realizada, metodologia, dados, linhas de pesquisa. e/ou
Movimento 4 – Resultados: A função do movimento Resultados é indicar alguns dos resultados encontrados na pesquisa. E/ou
Movimento 5 – Conclusões: Nesse movimento o autor interpreta os resultados encontrados. [Os movimentos acima] Ou
Movimento único – Estruturação: O autor estrutura todo seu resumo em forma de passo a passo, cada oração tem por finalidade esclarecer um ponto que será encontrado no artigo. Isto não está no modelo. Existem duas possíveis ocorrências em dois possíveis modelos, que são excludentes, ou seja, se o autor opta por um, não ocorre o outro.

Quadro 5: Modelo Gil (2011) para o gênero *abstract* de artigos científicos.

Durante a pesquisa de IC, não houve acesso ao livro de Swales e Feak (2009), *Abstracts and The Writing of Abstracts*. Entretanto, quando se realizou a leitura durante esta pesquisa, percebeu-se que algumas das observações feitas pelos autores corroboram duas considerações da pesquisa de IC: a presença do movimento de contextualização e a não obrigatoriedade de todos os movimentos previstos no modelo. Além disso, Swales e Feak (2009) defendem que a recorrência dos movimentos nos abstracts depende, em parte, das características da área na qual o texto se insere, fortificando e justificando o interesse em se pesquisar o gênero *abstract* entre disciplinas. A tabela a seguir reúne as principais diferenças e semelhanças entre os três modelos:

	Modelo de Bhatia (1993)	Modelo de Swales e Feak (2009)	Modelo de IC (2011)
Movimento 1 (Contextualização)	Não prevê	Prevê	Prevê
Movimento 2	Prevê	Prevê	Prevê

(Objetivos)			
Movimento 3 (Metodologia)	Prevê	Prevê	Prevê
Movimento 4 (Resultados)	Prevê	Prevê	Prevê
Movimento 5 (Conclusões)	Prevê	Prevê	Prevê
Obrigatoriedade de todos os movimentos	Prevê	Não prevê	Não prevê
Ciclicidade	Não prevê	Não prevê	Prevê
Fusão de movimentos	Não prevê	Não prevê	Prevê

Quadro 6: Comparação entre os três modelos de análise

Para fins metodológicos, o modelo Gil (2011) foi escolhido para cumprir um dos objetivos traçados de verificar sua pertinência ou não para *abstracts* de outras disciplinas da área de humanas.

O intuito deste capítulo foi apresentar as abordagens teóricas que embasam este trabalho. Dentre todos os conceitos apresentados, destacam-se na aplicação da pesquisa a questão das relações do gênero proposto por Swales (2004), principalmente as redes e as hierarquias dos gêneros; a discussão em torno do pesquisador iniciante X especialista, conforme trazida por Bhatia (1993, 2004), Swales (2004) e Bazerman (2006, 2009); a presença (ou não) de propósitos comunicativos secundários criando os subgêneros (BHATIA, 1993); a ideia da tipificação, como discutido por Bazerman (2006, 2009, 2011), aplicada nas comunidades discursivas acadêmicas; e, por fim, as fronteiras nas áreas e disciplinas (BECHER E TROWLER, 2001) e a aplicação dos conceitos de hedges e boosters nos *abstracts*, como suporte na discussão das semelhanças e diferenças entre as disciplinas.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

*Os métodos são as verdadeiras riquezas.
Friedrich Nietzsche*

As questões levantadas para esta pesquisa surgiram durante a realização de um estágio de Iniciação Científica, no qual foram estudados os conceitos de gênero acadêmico e os elementos subjacentes a ele, tais como os conceitos de comunidade discursiva e propósito comunicativo.⁴³ Esses conceitos foram usados mais especificamente no estudo de artigos de pesquisa, notadamente no gênero *abstract*. No decorrer dessa pesquisa anterior, notaram-se algumas diferenças entre um dos modelos consagrados da área para essa seção (modelo de Bhatia, 1993) e o corpus de análise, o que suscitou um questionamento sobre a influência ou não das características das diversas disciplinas de conhecimento nas estruturas retóricas e elementos linguísticos utilizados para escrita do *abstract*. Pensando nessa possível influência, elaborou-se esse projeto de mestrado que tem por objetivo o estudo comparativo de *abstracts* de artigos de pesquisa em três disciplinas das Ciências Humanas e Sociais: Antropologia, Ciência Política e Linguística.

2.1 As disciplinas de estudos

2.1.1 Antropologia

Segundo a *American Anthropological Association* e a *Anthropology Report* em dois textos diferentes ambos nomeados “What is Anthropology?”,⁴⁴ a Antropologia é uma disciplina que tem por objetivo estudar o homem em suas facetas passadas e presentes. Interessa-se por diferentes aspectos da vida humana, preocupando-se em

⁴³ Ambos os conceitos já discutidos na seção anterior.

⁴⁴ <http://anthropologyreport.com/what-is-anthropology/> e <http://www.aaanet.org/about/WhatIsAnthropology.cfm>

estudar desde assuntos passados, como as origens do homem até questões recentes, como os efeitos da globalização nas populações e suas culturas, estudando as “tradições e mudanças”.

Peirano (1991) alega que, apesar de a disciplina ter uma tradição sólida dentro das Ciências Sociais, ela abriga modos de fazer pesquisa bastante diferenciados, sendo influenciada por contextos históricos, orientações teóricas e até mesmo pela personalidade do pesquisador.

Costuma-se subdividi-la em linhas teóricas bem distintas, mas que muitas vezes são trabalhadas em conjunto. Essas subdivisões variam entre os países. Nos Estados Unidos, por exemplo, costuma-se dividi-la em quatro grandes tradições: a Antropologia Sociocultural, a Biológica ou Física, a Linguística e Arqueologia. Já no Brasil, costuma-se dividi-la apenas em duas: Antropologia Cultural e Física. Carneiro (2009) alega que, além disso, cada subdivisão manifesta distintas correntes de pensamento, fruto das escolas americana, britânica e francesa. Pelo enfoque deste estudo ser publicações de língua inglesa, conforme explicitado no capítulo anterior, a divisão utilizada nos Estados Unidos foi adotada.

De acordo com O’Neil (2009), as características de cada subdivisão de Antropologia são:⁴⁵

— **Antropologia Sociocultural:** os interesses nesta perspectiva são centrados na forma pela qual as comunidades e os povos entendem e se relacionam com o mundo ao seu redor e quais são as relações entre pessoas e grupos. É aqui que se situam os estudos etnológicos e etnográficos, assim como todos que se interessam por organização social, econômica, política, religiosa, entre outros. Para Marconi (2007), disciplinas como

⁴⁵ <http://anthro.palomar.edu/intro/fields.htm>

Sociologia, História, Psicologia, Geografia, Economia e Ciências Políticas são ciências afins dessa subdivisão;

— **Antropologia Física ou Biológica:** aqui se enquadram as pesquisas relacionadas com seres humanos e primatas no que tange evolução, genética, biologia e demografia. Biologia, Genética, Anatomia, Fisiologia, Embriologia e Medicina são disciplinas afins dessa subdivisão, de acordo com Marconi (2007);

— **Antropologia Linguística:** objetiva entender os processos de comunicação humana, verbais e não-verbais, suas variações no tempo e espaço, a relação entre a linguagem e seus usos sociais e culturais;

— **Arqueologia:** é o estudo de civilizações humanas passadas por meio de resíduos materiais, uma de suas práticas mais recorrentes é a escavação de solo em busca de artefatos.

Por meio deste breve panorama, pode-se observar que a Antropologia dialoga incessantemente com outras áreas do saber, tais como ciências biológicas, humanas, físicas e sociais, revelando a heterogeneidade constitutiva da disciplina.

2.1.2 Ciência Política

De acordo com *The American Political Science Association* e com o site *About.com. Philosophy* nos textos intitulados “What is Political Science?”,⁴⁶ a Ciência Política é o estudo das facetas políticas das sociedades. Seus campos de pesquisa são numerosos e heterogêneos, podendo-se citar os estudos e análises dos sistemas e governos, processos, comportamentos, teorias, filosofias, ideologias, economias de uma região, cultura ou país. É uma disciplina tanto teórica quanto prática e, no panorama de

⁴⁶ http://philosophy.about.com/od/Political_Science/a/What-Is-Political-Science.htm e http://www.apsanet.org/content_9181.cfm

discussões científicas, considera-se as Ciências Políticas como uma área de bastante alcance e profunda complexidade.

Não há consenso sobre suas subdivisões, que se mostram ainda mais problemáticas que as de Antropologia, uma vez que variam não só de país para país, mas de universidades e departamentos para outros. Apesar dessa maior flexibilidade no que tange a divisão de seus campos, ela não é tão marcante quanto na Antropologia, o que se justifica pelo fato de não ocuparem fronteiras tão próximas com outras disciplinas, especialmente oriundas das ciências biológicas e físicas.

A Associação Brasileira de Ciência Política argumenta que há cinco subdivisões:⁴⁷

— **Política Comparada:** sua principal característica é a pesquisa empírica, baseada em métodos comparativos. Seu foco é analisar e refletir sobre as políticas domésticas, institucionais e até mesmo conflitos entre países. Ela pode comparar diferentes tipos de governos nacionais e estrangeiros;

— **Filosofia Política:** preocupa-se com a discussão de termos e conceitos fundamentais para o entendimento da disciplina, tais como liberdade, política, direitos, entre outros. Alguns dos tópicos de discussão são o que esses conceitos significam, como se justificam, quais suas implicações, mudanças e influência no decorrer da história;

— **Administração Pública:** enquadra-se nas pesquisas interessadas no gerenciamento, leis e políticas que permitem o funcionamento do governo;

— **Relações Internacionais:** enfoca-se na relação política, econômica e social entre países, interessando-se, por exemplo, pelas dinâmicas de poder, relacionamentos ao longo do tempo e da história, organizações governamentais e não-governamentais;

⁴⁷ <http://www.cienciapolitica.org.br/>

— **Lei Pública:** estuda as relações entre os indivíduos e o governo, as leis que os regem e seus direitos e deveres. Conseqüentemente, é um estudo sobre a sociedade e seu funcionamento.

2.1.3 Linguística

O texto “What is Linguistics?”,⁴⁸ encontrado no site da *University of California* afirma que os estudos linguísticos se preocupam em analisar todos os fatos relacionados ao fato de como os falantes se comunicam. Esse objeto pode ser estudado sob diversas perspectivas, tais como aquisição de linguagem, variação, produção e compreensão de mensagens, dentre vários outros. Assim como a Antropologia, é uma disciplina que apresenta interfaces com outras áreas do conhecimento, tais como literatura, pedagogia, acústica, anatomia, neurociência, psicologia, etc. Em consonância com as disciplinas anteriores, também apresenta um escopo de estudo vasto e complexo, mobilizando diferentes tipos de conhecimento em suas pesquisas.

Fragmentam-se os estudos linguísticos em estudos:

— **Diacrônicos:** ou Linguística Histórica, analisa as mudanças ocorridas em uma língua ao longo do tempo;

— **Sincrônicos:** ou Linguística Descritiva, ao contrário da anterior, estuda os traços de uma língua em dado recorte temporal. É nesta perspectiva que se enquadram os estudos morfológicos (das estruturas internas das palavras), sintáticos (a combinação das palavras para formar frases gramaticais), fonéticos (sons utilizados em um língua), fonológicos (sons básicos da língua), semânticos (sentidos das frases e palavras) e estilísticos (estilo na linguagem);

⁴⁸ <http://linguistics.ucsc.edu/about/what-is-linguistics.html>

— **Aplicados:** voltados para aplicação dos preceitos e conceitos teóricos na resolução de problemas, geralmente relacionado a problemas e soluções no contexto de sala de aula.

Assim como as disciplinas anteriores, cada uma dessas perspectivas também apresenta correntes teóricas diferentes.

Uma vez já conhecidas as características das disciplinas de estudo a serem analisadas no decorrer desta dissertação, passa-se para a explanação sobre a coleta e organização de dados.

2.2 Coleta e Organização de Dados

2.2.1 Critérios para a seleção de Revista e Coleta de Dados

Para a realização da pesquisa delimitaram-se três disciplinas da área de ciências humanas e sociais: Antropologia, Ciências Políticas e Linguística. De cada disciplina escolhida, foram selecionados dois periódicos distintos, contabilizando seis periódicos. Para a construção do corpus, inicialmente retiraram-se doze *abstracts* de cada periódico, totalizando 24 *abstracts* por área e 72 *abstracts* ao todo.⁴⁹ Os periódicos foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios:

- todos os periódicos deveriam ser publicados em língua inglesa (língua franca da ciência e idioma da maioria dos periódicos com maior prestígio científico);
- todos os periódicos deveriam ser qualis A1, de acordo com a classificação realizada pela Capes;
- todos os periódicos deveriam apresentar banco de dados online;

⁴⁹ Por motivos que serão explicados ao longo deste capítulo, a análise final contou com 71 *abstracts* e não 72.

— todos periódicos deveriam apresentar em seu banco de dados um ranking de artigos mais citados dentro da publicação, uma vez que a escolha dos *abstracts* de artigos a serem analisados foi determinada pela sua importância/impacto.

O quadro abaixo mostra os periódicos escolhidos para a análise divididos pelas disciplinas. A terceira coluna apresenta as abreviações que serão usadas a partir deste momento:

Publicações por área		
Antropologia	Journal of Human Evolution	JHE
	Current Anthropology	CA
Ciências Políticas	The American Political Science Review	APSR
	Journal of Politics	JOP
Linguística	Brain and Language	BL
	Journal of Phonetics	JPh

Quadro 7: As publicações por área

Após a escolha dos periódicos a serem analisados, pesquisou-se se realmente eles apresentavam fator de impacto alto nas disciplinas. Para tanto, consultou-se as bases de dados *Journal Citation Report* e *ScienceWatch.com*, que analisam e comparam publicações científicas de distintas áreas baseados em seus fatores de impacto nas comunidades científicas. Ao pesquisar os seis periódicos, observou-se que todos estão classificados pela base de dados dentre os 10 periódicos de maior impacto, comprovando a visibilidade e importância dentro das comunidades acadêmicas das disciplinas analisadas.⁵⁰ Após a delimitação dos critérios para a escolha dos periódicos,

⁵⁰ Os dados podem ser conferidos nos sites: http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/11/jun12-11_1D/; http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/09/mar29-09_1/; http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/08/oct26-08_2/

os critérios para coleta do corpus foram elaborados. Dessa forma, pré estabeleceu-se que os 12 *abstracts* escolhidos para análise seriam aqueles que correspondessem aos 12 primeiros artigos classificados como os mais citados dos periódicos nos ultimo anos.⁵¹

2.2.2 Características dos Periódicos Escolhidos

Cada periódico científico escolhido apresenta características que os diferem e os aproximam de outros periódicos. Uma característica comum a todos os periódicos analisados é a sua relevância dentro das disciplinas específicas. Dentre as características de cada revista, é possível citar a editora, o público alvo, o fator de impacto, as regras para submissão, entre outros. Todos esses elementos podem influenciar diretamente os pesquisadores na hora da escrita, uma vez que o cumprimento das regras pré-estabelecidas pelo corpo editorial pode ser determinante no aceite ou não do texto.

Os próximos tópicos apresentam as principais características de cada periódico e seus respectivos guias para autores e regras editoriais.

2.2.2.1 Journal of Human Evolution (JHE)⁵²

O *Journal of Human Evolution*, periódico da disciplina de Antropologia, destina-se a cobrir aspectos distintos relacionados à evolução humana, com foco na Paleoantropologia, estudo dos fósseis de humanos, e em estudos comparativos entre as espécies vivas. Observa-se, portanto, que este periódico se encontra dentro dos limites da Antropologia Física/Biologia e Arqueologia, e, por este motivo, é esperada uma intersecção com outras disciplinas exatas e biológicas, tais como geografia, biologia, geologia e física. De acordo com a classificação da Capes, além de Qualis A1 em Antropologia e Arqueologia, classifica-se com Qualis A2 em Educação Física, Psicologia, Ciências Biológicas e Biodiversidade; B1 em Engenharia; e B2 em

⁵¹ Salienta-se que a coleta de corpus ocorreu durante o primeiro semestre de 2012, havendo, portanto, a possibilidade de mudança no ranking nos últimos meses.

⁵² <http://www.journals.elsevier.com/journal-of-human-evolution/#description>

Astronomia e Física, corroborando a sua proximidade com as Ciências Exatas e Biológicas.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0047-2484	Journal of Human Evolution	A2	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	A2	EDUCAÇÃO FÍSICA	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	A2	BIODIVERSIDADE	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	A2	PSICOLOGIA	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	B1	ENGENHARIAS IV	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	B2	ASTRONOMIA / FÍSICA	Atualizado
0047-2484	Journal of Human Evolution	A1	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	Atualizado

Figura 7: Qualis e áreas de avaliação de JHE

O banco de dados online contém artigos que foram publicados desde o ano de 1972, apresentando, ao todo, 63 volumes (2 volumes anuais) disponíveis em meio eletrônico. É publicado pela editora Elsevier, apresentando fator de impacto 3.638.

Para submissão de trabalhos, o JHE oferece um verdadeiro guia para os autores.⁵³ O guia, no geral, é bem claro e informativo. Um ponto interessante é a presença de vários links que redirecionam o pesquisador a outras páginas do site da revista nas quais se pode encontrar informações mais específicas a respeito de um tópico e também a presença de contatos e e-mails para dúvidas. A submissão dos textos deve ser feita inteiramente de forma online.

Por se tratar de uma área de pesquisa que envolve não somente fósseis, mas também seres humanos e outros organismos vivos, a revista possui uma política ética bem rigorosa, que afirma a necessidade da pesquisa estar adequada aos princípios éticos de pesquisa com seres vivos. Uma curiosidade é o fato de o periódico apresentar uma área de *WebShop*, no qual, dentre vários serviços, oferece a possibilidade de o autor contratar profissionais da revista para revisar ou traduzir textos de vários idiomas, inclusive português, e “ter certeza de que a escrita de seu artigo em inglês apresente a

⁵³ Essas instruções podem ser acessadas no site:
http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/622882/authorinstructions

língua padrão em seu nível mais elevado”.⁵⁴ A partir dessa informação afirma-se uma das premissas defendidas neste texto de que para aceitação dos artigos é fundamental um texto bem redigido e bem estruturado na língua inglesa, e, infere-se, adequado ao gênero acadêmico compartilhado pela comunidade.

No que concerne ao artigo em si, o guia afirma que os trabalhos devem ser submetidos em inglês e autores de outras nacionalidades podem submeter junto dele um sumário nas línguas francesa, portuguesa, alemã, russa ou espanhola. O *abstract* deve vir no topo do artigo, não excedendo 300 palavras, sem abreviações e citações de autores, e deve dar ao leitor uma ideia geral do que se encontrará no artigo, entretanto sem se referir a ele, isto é, o *abstract* deve ser uma seção escrita independentemente e não deve ser um apanhado de trechos ou frases contidas no texto principal. As palavras-chave devem vir imediatamente após o abstract e não devem ultrapassar o número de seis. No corpo do texto, sugere-se a presença das seções de materiais e métodos, teoria e cálculo, resultado, discussão, conclusão e apêndices.

2.2.2.2 Current Anthropology (CA)⁵⁵

O periódico *Current Anthropology*, apesar de também ser um periódico da Antropologia, apresenta uma variedade maior de temas de interesse. Enquanto no periódico anterior a relação entre Antropologia e Paleontologia é mais evidente, apresentado uma interface maior com áreas biológicas e exatas, o escopo deste é mais abrangente, aceitando artigos que estudam Antropologia sob os vieses sociais, culturais, folclóricos, entre outros. Esta diferença de interesses faz com que esta revista se aproxime do campo da Antropologia Cultural e, portanto, apresente um diálogo maior com outras disciplinas Humanas, tais como Ciência Políticas, História, Economia e

⁵⁴ “Make sure your written English paper has the highest standard of language.” (retirado da página: <http://webshop.elsevier.com/languageservices/>)

⁵⁵ <http://www.jstor.org/stable/10.1086/664700>

Sociologia, que se corrobora pela classificação da Capes, na qual a publicação além de A1 em Antropologia e Arqueologia, também é A1 nas áreas Interdisciplinar, Sociologia e História e A2 em Psicologia.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0011-3204	Current Anthropology	A1	INTERDISCIPLINAR	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	B1	SAÚDE COLETIVA	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	B1	BIODIVERSIDADE	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	A1	SOCIOLOGIA	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	A1	ANTROPOLOGIA / ARQUEOLOGIA	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	B1	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS I	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	A2	PSICOLOGIA	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	A1	HISTÓRIA	Atualizado
0011-3204	Current Anthropology	B2	ENSINO	Atualizado

Figura 8: Qualis e áreas de avaliação de CA

Em texto no site da fundação Wenner-Gren, fundadora e patrocinadora da revista, há a seguinte afirmação:

O propósito do periódico não seria competir com outros periódicos nacionais e especializados, pelo contrário, é complementá-los, combinando o conhecimento com um público interdisciplinar mais abrangente, incluindo pesquisadores das áreas das ciências sociais e humanas. A revista seria uma ponte de comunicação, confiável e rápida.⁵⁶

O banco de dados online da revista contem volumes publicados desde o ano de 1959, totalizando 53 volumes (1 volume anual). A editora responsável pela revista é a *The University of Chicago Press*, e o fator de impacto é 2,93. CA também apresenta um guia de estilo bastante completo para os autores, contendo informações sobre como fazer citações, utilizar número e porcentagens, entre outras. A submissão de trabalhos é feita de forma inteiramente on-line, apesar de haver também a opção de submissão via

⁵⁶ The journal's purpose would not be to compete with national or specialist periodicals but, rather, to complement them by conveying knowledge to a broader interdisciplinary audience, including scholars from related social sciences and from the humanities. The journal would be a communication bridge, reliable and fast. (<http://www.wennergren.org/history/journals-publications/current-anthropology>)

correio. É essencial que o texto seja escrito em inglês e a presença de um abstract de no máximo 200 palavras. Além de artigos inéditos, os quais a revista recomenda conter em torno de 14.000 palavras, também é possível publicar relatórios (5 mil palavras em média), apreciações a respeito de outros artigos (800 palavras em média) e participar do fórum de debates do periódico (7.500 palavras aproximadamente). Somente são publicados textos em inglês, entretanto os autores podem submeter textos em suas línguas maternas e estes serem avaliados e aceitos, e traduzidos após o aceite e antes da publicação. Não há informações a respeito das seções que os artigos devem apresentar.

2.2.2.3 American Political Science Review (APSR)⁵⁷

A publicação *American Political Science Review* é feita pelo *Cambridge Journals Online* e sua circulação data do ano de 1906, contando ao todo com 106 volumes. Seu fator de impacto é 3.05. Os principais temas de interesse da revista são pesquisas relacionadas com Teoria Política, Política Americana, Políticas Públicas, Administração Pública, Política Comparada e Relações Internacionais.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0003-0554	The American Political Science Review	A1	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	Atualizado

Figura 9: Qualis e áreas de avaliação de APSR

De maneira geral, não apresenta um guia para autores tão detalhado como nos periódicos anteriores, apresentando somente informações mais gerais a respeito do artigo e do *abstract*. Em relação aos artigos a serem publicados, recomenda-se a extensão máxima de cinquenta páginas, incluindo o texto e figuras e, assim como as outras publicações, somente trabalhos originais e com alto grau de refinamento teórico, metodológico e conceitual. Acrescenta-se ainda que a metodologia deva ser clara e detalhada, permitindo que outros pesquisadores a usem e cheguem ao mesmo resultado.

⁵⁷ <http://www.apsanet.org/content/43805.cfm?navID=264>

Sobre o *abstract*, a única recomendação feita é que não ultrapasse 150 palavras, não havendo maiores detalhes sobre formatação e/ou conteúdo e palavras-chave. O processo de submissão é feito inteiramente online.

2.2.2.4 Journal of Politics (JOP)⁵⁸

A publicação *The Journal of Politics* também é uma publicação da Cambridge Journals Online e seu formato em papel pela Cambridge University Press desde o ano de 1938, contando com 74 volumes. Seu fator de impacto é 1,478.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0022-3816	The Journal of Politics	A1	CIÊNCIA POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	Atualizado

Figura 10: Qualis e áreas de avaliação de JOP

O periódico apresenta foco de interesse bem abrangente para as pesquisas, citando algumas das áreas de interesse, tais como pesquisas em política comparada, relações internacionais, administração política, entre outras. O site oferece inúmeras informações para o pesquisador sobre os procedimentos para submissão do artigo para análise, normas de formatação do texto e figuras.

Ao todo, o artigo deve conter entre 25 e 35 páginas, e é imprescindível a presença de um *abstract* de um parágrafo simples de no máximo 150 palavras. Além disso, pede-se que o abstract mostre de forma sucinta a pergunta de pesquisa, a abordagem utilizada e os principais resultados.

2.2.2.5 Brain and Language (BL)⁵⁹

A publicação *Brain and Language* é veiculada pela editora Elsevier, e é uma publicação mensal. Seu fator de impacto é 3,115. O principal escopo de pesquisa da revista são os mecanismos neurobiológicos que subjazem a linguagem humana. Além

⁵⁸ <http://www.journalofpolitics.org/instructions-to-authors>

⁵⁹ http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/622799/authorinstructions

disso, ainda coloca como interesse científico, dados e perspectivas teóricas retirados da Linguística e Psicologia. Ademais um periódico Qualis A1 para a Linguística, ele também é considerado de alto fator de impacto para a Psicologia Cognitiva e Experimental, Neurologia, Neuropsicologia e Fisiologia, reforçando a sua interface com os estudos biológicos.

O *Science Journal Report* ainda classifica o periódico como de alto fator de impacto para as disciplinas de Neuropsicologia e Neurociência.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0093-934X	Brain and Language	A1	LETRAS / LINGÜÍSTICA	Atualizado
0093-934X	Brain and Language	A2	PSICOLOGIA	Atualizado
0093-934X	Brain and Language	A1	EDUCAÇÃO FÍSICA	Atualizado

Figura 11: Qualis e áreas de avaliação de BL

Brain and Language

Country: United States

Subject Area: Arts and Humanities | Neuroscience | Psychology

Subject Category: Experimental and Cognitive Psychology **Q1**, Language and Linguistics **Q1**, Neuropsychology and Physiological Psychology **Q1**, Neuroscience (miscellaneous) **Q1**

Publisher: Academic Press Inc.. Publication type: Journals. ISSN: 0093934X, 10902155

Figura 12: Áreas de avaliação de BL de acordo com Science Report.

No sítio, encontram-se várias orientações para os autores que desejam submeter artigos para publicação. Eles fornecem um guia para a estruturação do artigo, que deve conter introdução, materiais e métodos, resultados, discussão, conclusão e apêndices. Em relação ao *abstract*, recomenda-se que este não apresente mais de 150 palavras e contenha o propósito da pesquisa, principais resultados e conclusões mais importantes. Deve-se evitar o uso de abreviação não padrão e também o uso de referências, entretanto se necessário, pede-se que se cite nome de autores e ano. Imediatamente após o resumo, deve-se apresentar um máximo de 10 palavras chaves relacionadas, evitando abreviações e termos muito gerais. Outra opção é a inclusão facultativa de um abstract gráfico, que deve resumir os principais pontos do artigo em forma de tabela, gráfico ou figura.

2.2.2.6 Journal of Phonetics (JPh)⁶⁰

Journal of Phonetics também é uma publicação da editora Elsevier. Apresenta fator de impacto 1,410.

ISSN	Título	Estrato	Área de Avaliação	Classificação
0095-4470	Journal of Phonetics	A1	LETRAS / LINGÜÍSTICA	Atualizado

Figura 13: Qualis e áreas de avaliação de JPh

O principal interesse da revista é os estudos de aspectos fonéticos da língua e os processos linguísticos da comunicação. O periódico lista uma série de áreas de interesse, tais como aquisição de fala, aspectos fonéticos de aquisição de segunda língua, patologias fonéticas, entre outras. Também aceita trabalhos de outras áreas desde que com foco em aspectos fonéticos. Assim como a publicação anterior, também apresenta várias informações a respeito da submissão de trabalhos e determina que os artigos a serem publicados devam apresentar introdução, materiais e métodos, resultados, discussão, conclusões e apêndice. Sobre o abstract, este deve conter entre 50 e 200 palavras e apresentar o objetivo da pesquisa, principais resultados e conclusões. Imediatamente após o abstract se deve colocar, no máximo, sete palavras chaves relacionadas com o artigo e de conhecimento da comunidade. Pede-se para não utilizar referências no abstract, somente nome do autor e ano, caso necessário.

O quadro a seguir, reúne as principais características dos periódicos, como o fator de impacto e as regras para o *abstract*:

	Editora e impacto	Características dos Abstracts
JHE	Elsevier – 3,638	300 palavras, máximo de 6 palavras chaves, independente do restante do texto

⁶⁰ http://www.elsevier.com/wps/find/journaldescription.cws_home/622896/authorinstructions#N10C4E

CA	Chicago Press – 2,93	Máximo de 200 palavras
APSR	Cambridge – 3,05	Máximo 150 palavras
JOP	Cambridge – 1,478	150 palavras (pergunta de pesquisa, abordagem usada e principais resultados)
BL	Elsevier – 3,115	150 palavras (objetivo, resultado, conclusões), máximo de 10 palavras- chave
JPh	Elsevier – 1,410	Entre 50 e 200 palavras (objetivo, resultado, conclusão), máximo de 7 palavras-chave.

Quadro 8: Resumo das principais características de cada periódico

Apesar de seguirem parâmetros diferentes nas regras editoriais, cabe ressaltar que os periódicos, de certa forma, pré-estruturam o formato do texto a ser submetido. Ao restringir número de palavras e elencar algumas informações como primordiais, já se espera uma determinada estruturação no artigo e, principalmente, no *abstract*, fato que deve ser levado em consideração no momento da análise. Além disso, a exigência por parte de todos os periódicos da presença de um *abstract* a ser enviado juntamente com o artigo de pesquisa resalta um dos pontos enfatizados no capítulo anterior: a importância deste gênero para a academia.

Como uma das intenções é realizar análises quantitativas a fim de verificar certos aspectos do corpus, foi quantificado o número total de palavras do corpus, das disciplinas e dos periódicos. O JHE foi o periódico com maior número de palavras, uma vez que é o que permite maior extensão para abstracts (300 palavras). Desta forma:

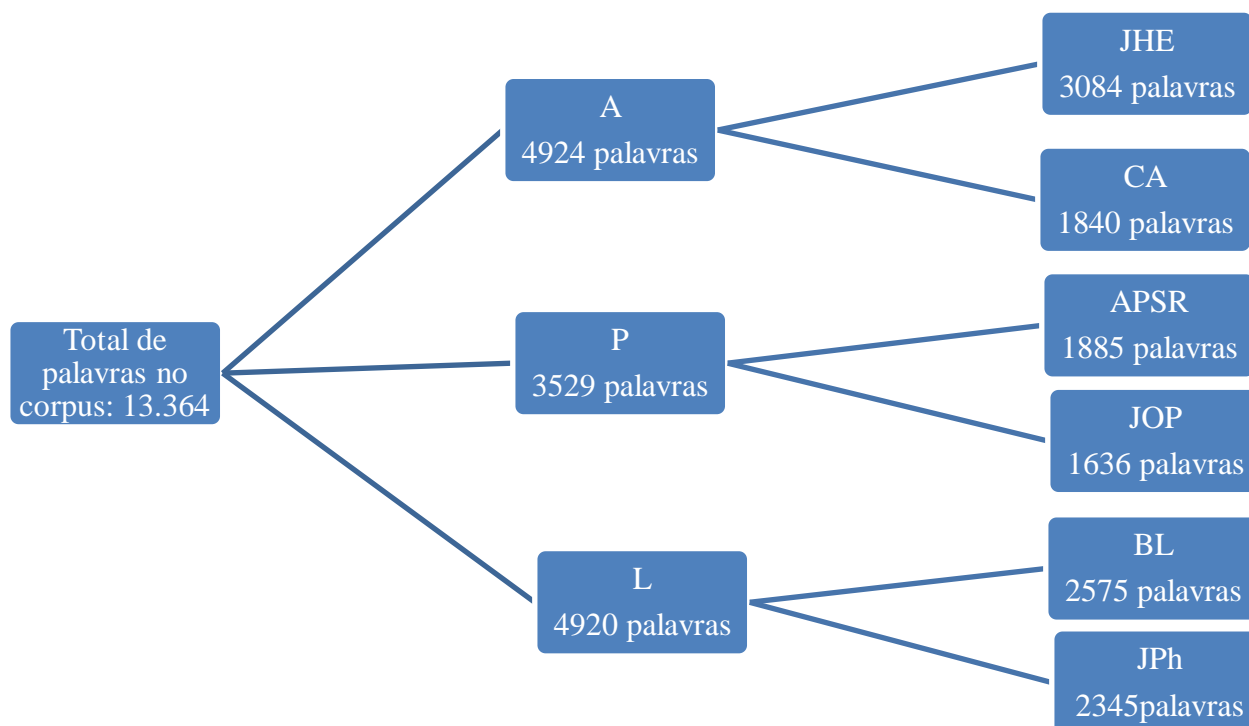


Figura 14: Quantidade de palavras por periódicos, áreas e no corpus

Após a explanação das áreas e detalhamento sobre os periódicos escolhidos, passa-se a descrição sobre a organização e análise dos dados.

2.2.3 Organização dos Dados

Com a finalidade de tornar a análise mais sucinta, empregam-se abreviações ao se referir aos periódicos e numerações juntamente com a primeira letra da disciplina ao se referir ao corpus de abstracts. Os *abstracts* da área de Antropologia serão denominados pela letra A, Ciências Políticas letra P e Linguística letra L. Como já apresentado em quadro anterior, cada periódico está abreviado de acordo com as iniciais de seu título. Em relação à organização dos *abstracts*, a totalidade de 72 foi coletada, sendo 24 de cada disciplina, e 12 de cada periódico, organizados de acordo com a letra de cada disciplina (A, C ou L), e numerados de 1 a 24 (A1 a A24; P1 a P23 e L1 a L24).

Assim:

Subárea	Periódico	Abreviação	Abstracts
Antropologia (A)	Journal of Human Evolution	JHE	A1, A2,..., A12
	Current Anthropology	CA	A13,...A24
Ciências Políticas (P)	The American Political Science Review	APSR	P1, P2,..., P12
	Journal of Politics	JP	P13,...P23
Linguística (L)	Brain and Language	BL	L1, L2,..., L12
	Journal of Phonetics	JPh	L13,...L24

Quadro 9: A Organização do corpus

Ao manter os *abstracts* separados por disciplinas, facilitou-se a percepção das diferenças e semelhanças entre elas. Com a intenção de tornar a análise mais fácil para o leitor, todas as sentenças dos *abstracts* foram numeradas. O exemplar A24 apresenta cinco sentenças, numeradas como [1], [2], [3], [4], [5]:

A24: [1] This paper examines the current trend in anthropology towards the development of a *moral* discipline with models of the world that contain explicit moral judgments. [2] The current moral model in anthropology, with its emphasis on *oppression*, *demystification*, and *denunciation* is outlined. [3] Various attacks on science and objectivity, also part of the current moral model, are considered, and a defense of objectivity and science is presented. [4] The problems involved in the use of moral models are then considered, both in general and with respect to the current moral model. [5] An argument is made that any moral authority that anthropologists may hold depends upon an objective understanding of the world and to that end moral and objective models should be kept distinct.

Durante as análises, observou-se que alguns dos exemplares escolhidos apresentavam um propósito comunicativo diferente do Artigo de Pesquisa, ou seja, sua função não era debater os dados e/ou considerações de uma pesquisa original, e sim oferecer revisões teóricas, ensaios críticos ou artigos de opinião. Para evitar o problema de inconsistência metodológica, todos os artigos foram lidos em sua totalidade, não apenas o *abstract*, e todos os textos que não se enquadravam como Artigos de Pesquisa foram descartados e substituídos por outros do ranking de mais citados. Ao todo, foram trocados nove abstracts:

— quatro exemplares cujos artigos relacionados eram revisões teóricas ou trabalhos críticos: **L1, L5, L7, L11;**

— três exemplares cujos artigos não analisavam nenhum tipo de dado: **P4, P13, P24**;
— dois exemplares de artigos muito antigos: **P20, P22**. Ambos os artigos são de 1960 e 1962 respectivamente, o que leva a crer que nessa época não havia regras tão específicas para o abstract, dessa forma eles somente utilizavam os primeiros parágrafos da introdução.

Após a confirmação se todos os artigos eram ou não de pesquisa, quatro abstracts de JOP precisaram ser trocados: P13, P20, P22 e P24. No momento da troca, foi verificado que não haveria quatro artigos no ranking para efetuar a troca, apenas três. Dessa forma, para manter a consistência dos critérios, preferiu-se manter JOP sem o exemplar P20 do que substituí-lo por outro que não se encaixava nos critérios pré-estabelecidos.⁶¹ Portanto, a análise final da pesquisa contou com 71 abstracts, uma vez que JOP contou com a análise de 11 abstracts e não 12, como nas outras publicações.

Outro dado que a leitura dos textos integrais agregou à pesquisa foi a filiação dos artigos e pesquisadores a determinadas linhas de pesquisa dentro das disciplinas escolhidas. Em linhas gerais, JHE mostrou um maior número de pesquisas relacionadas à Arqueologia, Paleontologia, Evolução Humana e Ciências da Terra, enquanto CA ligou-se mais à Política Econômica, Sociedade, Ecologia, Estrutura Social, Arqueologia e Cultura. No campo de Ciências Políticas, APLR e JOP apresentaram uma gama de interesses mais abrangente e igualitário, com ambas concentrando-se em teoria política, governamental, relações públicas e internacionais. Já na Linguística, BL apresentou um nicho de pesquisa bem específico voltado a questões psicológicas, neurológicas e neuropsiquiátricas, e JPh voltado a Cognição Humana, Fonética, Neurologia e

⁶¹ Para mais informações de data, número de autores, número de palavras, entre outros, de os *abstracts* selecionados, consulte o Anexo I.

Psicolinguística. É possível encontrar um quadro das filiações teóricas de cada artigo estudado no Anexo II deste texto.

2.3 Métodos de Análise

Como já colocado na introdução deste trabalho, o objetivo deste trabalho é comparar *abstracts* de artigos de pesquisa de disciplinas das Ciências Humanas e Sociais a fim de observar se há diferenças decorrentes das disciplinas na materialização deste gênero. Para atingir tal objetivo, foram propostos dois níveis distintos de análise: retórico e linguístico. Em 2.3.1, apresenta-se como foi conduzida a análise retórica e quais pontos foram considerados, já 2.3.2 esmiúça o procedimento empregado para a análise linguística.

2.3.1 Análise Retórica

Ao longo do capítulo anterior, três modelos de movimentos retóricos para *abstract* foram apresentados. Apesar de haver outros modelos existentes na literatura da Análise de Gênero, os três foram escolhidos pela relevância dentro da área ou pela importância na trajetória deste estudo em particular.

O modelo de Bhatia (1993) foi o primeiro modelo utilizado em pesquisas anteriores e que influenciaram diretamente na concepção e desenho deste projeto de Mestrado.⁶² Foi a partir de sua não pertinência para o corpus anterior, que um novo modelo foi construído a partir de sua expansão, Gil (2011). Por fim, escolhemos apresentar o modelo de Swales e Feak (2009) pela sua distinção na área, sendo um dos mais usados nos cursos de Inglês para Fins Acadêmicos.

Para atender aos fins desta pesquisa, de refletir sobre a materialização do gênero *abstracts* entre disciplinas, o modelo Gil (2011) foi eleito. Sua escolha justifica-se pelo

⁶² A influência de pesquisas anteriores (IC) no delineamento do trabalho atual foi exposta ao longo do trabalho.

fato de que além de combinar aspectos dos dois outros modelos – Bhatia (1993) e Swales e Feak (2009) – apresenta considerações novas, que desejamos aplicar a fim de verificar sua pertinência ou não.

A partir deste momento, e durante toda a análise do corpus de pesquisa, somente o modelo de Gil 2011 será utilizado. Em possíveis momentos, nos quais haja a necessidade de fazer alguma referência a alguns dos outros dois modelos, esta referência será pontual e eles serão devidamente identificados.

A análise dos movimentos retóricos foi feita de forma manual, ou seja, nenhum tipo de programa foi empregado. Para diminuir a margem de erros, primeiro foi feita uma pré-análise de todos os abstracts e enquadramento (ou não enquadramento) de cada sentença nos movimentos retóricos. A segunda etapa foi a discussão desta pré-análise com ambos os orientadores, os professores doutores Solange Aranha e Charles Bazerman. E, por fim, uma terceira checagem dos movimentos retóricos encontrados.

2.3.2 Análise Linguística

Além da análise retórica do corpus, foi proposta a análise linguística a fim de proporcionar um quadro mais completo sobre o assunto. No geral, foi feito o levantamento de sinalizadores linguísticos e termos recorrentes em cada movimento, a fim de traçar não só a função e a informação esperada em cada movimento, mas também as formas mais típicas de introduzi-los no texto. Além disso, análises inspiradas nas pesquisas de Swales e Feak (2009) foram conduzidas.

Apesar do levantamento de elementos linguísticos comuns - ou não - às três disciplinas ser necessária para maior compreensão do funcionamento dos movimentos retóricos, o enfoque é o estudo de *hedges e boosters*, ou seja, a forma pela qual os autores se posicionam no texto (HYLAND, 1998, 2002, 2005, 2012).

Da mesma forma que a observação dos sinalizadores linguísticos pode revelar possíveis diferenças na materialização do abstract entre as disciplinas, o uso da estância na argumentação também pode corroborar ou refutar os estudos de Hyland (2011) sobre o discurso das Ciências Humanas e Sociais, e ainda revelar possíveis nuances.

Para a realização deste estudo, a mesma lista de palavras utilizada por Hyland (2011) em suas pesquisas foi utilizada.⁶³ A busca das palavras foi feita pelo programa *WordSmith Tools*.

- *WordSmith Tools*

De acordo com Ribeiro (2004), O programa *WordSmith Tools* é um software cuja função principal é auxiliar o encontro de padrões linguísticos em textos. É usado para análises lexicais em geral, a fim de observar concordância de palavras, agrupamentos frequentes e listas de palavras. Atualmente, é vastamente utilizado por linguistas, especialmente na área de Linguística de Corpus, e na confecção de dicionários, glossários e bancos de dados, uma vez que ele permite não só o reconhecimento de palavras e estruturas recorrentes, mas também a forma pela qual essas palavras e estruturas são utilizadas. Foi primeiramente lançado no ano de 1996, pela *Oxford University Press*, e desde então vem sofrendo diversas atualizações, aprimorando as funções e usos do programa. A versão utilizada nesta pesquisa é a 5.0, ano de 2010.

Ainda conforme Ribeiro (2004), os princípios abstratos do programa são:

— ocorrência: considera-se apenas os itens que aparecem no corpus analisado;

⁶³ A lista de palavras de Stance de Hyland pode ser vista integralmente no Anexo III e a recorrência das palavras em cada abstract no Anexo VII.

— recorrência: analisa-se quando um mesmo termo apresenta mais de uma ocorrência no corpus, quanto mais recorrente um termo, maior sua importância para o texto em análise;

— co-ocorrência: quais termos aparecem em agrupamento. “O pressuposto teórico aqui é de que o significado de um termo é determinado em relação aos termos com os quais se relaciona.” (RIBEIRO, 2004, p.169)

A tela principal do programa acima, apresenta três funções principais:

— WordList: mostra todas as palavras que aparecem no corpus e sua frequência. Na figura abaixo, vê-se a lista de palavras do corpus de análise. A primeira coluna mostra os termos na ordem da mais recorrente para a menos. A segunda coluna apresenta o número de vezes que a palavra aparece no texto, enquanto a terceira coluna transforma o número de aparições em porcentagem comparado com os outros vocábulos do texto;

The screenshot shows the WordList application window with a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a table of word frequencies. The table has columns for Rank (R), Word, Frequency (Freq), Percentage of Text (% Text), Percentage of Lemmas (% Lemmas), and a Sort button. The words are listed in descending order of frequency.

R	Word	Freq	% Text	% Lemmas	Sort
1		747	5.48	1 100.00	
2	THE	721	5.29	1 100.00	
3	OF	587	4.31	1 100.00	
4	AND	423	3.11	1 100.00	
5	IN	306	2.25	1 100.00	
6	TO	274	2.01	1 100.00	
7	A	220	1.62	1 100.00	
8	THAT	184	1.35	1 100.00	
9	IS	130	0.95	1 100.00	
10	FOR	106	0.78	1 100.00	
11	ARE	96	0.70	1 100.00	
12	WITH	94	0.69	1 100.00	
13	FROM	85	0.62	1 100.00	
14	THIS	85	0.62	1 100.00	
15	WE	85	0.62	1 100.00	
16	BY	80	0.59	1 100.00	
17	ON	80	0.59	1 100.00	
18	AS	70	0.51	1 100.00	
19	BE	58	0.43	1 100.00	
20	THESE	57	0.42	1 100.00	
21	LANGUAGE	48	0.35	1 100.00	
22	OR	48	0.35	1 100.00	
23	POLITICAL	48	0.35	1 100.00	
24	AN	45	0.33	1 100.00	
25	AT	45	0.33	1 100.00	
26	BETWEEN	44	0.32	1 100.00	
27	WERE	43	0.32	1 100.00	
28	WHICH	41	0.30	1 100.00	
29	NOT	39	0.29	1 100.00	
30	HAVE	38	0.28	1 100.00	
31	IT	38	0.28	1 100.00	

At the bottom of the window, there are tabs for 'frequency', 'alphabetical', 'statistics', 'names', and 'notes'. The status bar at the very bottom shows '3,113 Type-n items 300 x 100'.

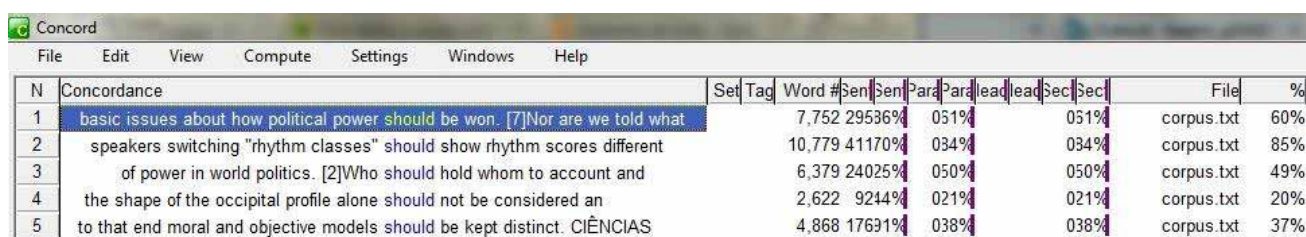
Figura 15: Ferramenta WordList

— KeyWord: Para gerar a lista de palavras-chave do corpus, é necessário primeiro criar uma WordList, e depois usá-la juntamente com uma lista de um corpus de referência

cinco vezes maior que o seu corpus de análise. As palavras-chave aqui são aquelas que, estatisticamente, ocorrem com mais frequência no corpus de análise do que no de referência;

— Concord: é utilizado para ver a concordância da palavra, ou seja, em que posição na frase ela costuma aparecer, em que contexto ocorre e juntamente com qual(is) outro(s) vocábulo(s) ou grupo de palavras.

Enquanto as ferramentas anteriores quantificam e indicam quais as palavras mais recorrentes do texto, a Concord é a que permite a busca de termos específicos.



The screenshot shows the Concord software interface with a menu bar (File, Edit, View, Compute, Settings, Windows, Help) and a table of concordance results. The table has columns for N, Concordance, Set, Tag, Word #, Sen, Sen%, Para, Para%, lead, lead%, Sec, Sec%, File, and %.

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sen	Sen%	Para	Para%	lead	lead%	Sec	Sec%	File	%
1	basic issues about how political power should be won. [7]Nor are we told what			7,752	295	36%	051%				051%		corpus.txt	60%
2	speakers switching "rhythm classes" should show rhythm scores different			10,779	411	70%	034%				034%		corpus.txt	85%
3	of power in world politics. [2]Who should hold whom to account and			6,379	240	25%	050%				050%		corpus.txt	49%
4	the shape of the occipital profile alone should not be considered an			2,622	92	44%	021%				021%		corpus.txt	20%
5	to that end moral and objective models should be kept distinct. CIÊNCIAS			4,868	176	31%	038%				038%		corpus.txt	37%

Figura 16: Ferramenta Concord

A figura acima, por exemplo, mostra a busca do léxico *should* no corpus de análise. Por meio desta função, é possível ver exatamente em que oração do texto o vocábulo aparece e em qual contexto, ou seja, qual sua posição na frase e com quais outras palavras co-ocorrem. Todos os termos contidos na lista do Anexo III foram localizados no corpus por meio dessa ferramenta.

O propósito deste capítulo foi apresentar todo o percurso de escolha, delimitação e ferramentas de análise do objeto a ser estudado nesta pesquisa. A seguir, a análise e a interpretação do corpus apresentado neste capítulo são expostas.

Capítulo 3 – Análise e Discussão de dados

*A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais voltará ao seu tamanho original.
Albert Einstein*

O objetivo deste capítulo é analisar 71 abstracts retirados de seis publicações Qualis A das disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Linguística, conforme descrito do capítulo anterior, tendo por base: (i) em 3.1, uma análise dos movimentos retóricos e sinalizadores linguísticos recorrentes no corpus e pautada no modelo proposto por Gil (2011); (ii) e em 3.2, uma análise linguística baseada nos conceitos de *hedges* e *boosters*, desenvolvidos por Hyland (1998, 2002, 2005, 2012) de acordo com a descrição em 1.3, no capítulo 1.

3.1 Os movimentos retóricos

Como já dito, a análise retórica do corpus foi baseada no modelo Gil (2011), uma extensão do modelo de Bhatia (1993) feita com base nas características observadas no corpus de 30 pares de resumos/*abstracts* publicados na revista brasileira *Cadernos de Tradução* e analisados durante pesquisa de iniciação científica. Retomando o modelo:

Movimento 1 – Contextualização: Nesse movimento, o autor introduz o leitor na área em que a pesquisa está inserida, no panorama atual do problema que será discutido ou ainda uma breve explicação de ferramentas de pesquisa, textos, autores, entre outros que serão usados pelo autor.

e/ou

Movimento 2 – Objetivos: Esse movimento tem por finalidade mostrar ao leitor quais os objetivos do autor com a pesquisa.

e/ou

Movimento 3 – Metodologia: Aqui, o autor informa o leitor de como a pesquisa foi realizada, metodologia, dados, linhas de pesquisa.

e/ou

Movimento 4 – Resultados: A função do movimento Resultados é indicar alguns dos resultados encontrados na pesquisa.

E/ou

Movimento 5 – Conclusões: Nesse movimento o autor interpreta os resultados encontrados.

[Os movimentos acima] Ou

Movimento único – Estruturação: O autor estrutura todo seu resumo em forma de passo a passo, cada oração tem por finalidade esclarecer um ponto que será encontrado no artigo. Isto não está no modelo. Existem duas possíveis ocorrências em dois possíveis modelos, que são excludentes, ou seja, se o autor opta por um, não ocorre o outro.

Ele prevê cinco movimentos retóricos que podem ser combinados de diversas formas (ex: M1, M2, M3 e M4; M2, M3, M4; M2, M5; etc.), e contempla uma segunda opção para a materialização do gênero *abstract*, o movimento denominado Estruturação, cuja função retórica é apresentar e elencar os principais pontos e argumentos encontrados no artigo seguindo a ordem em que aparecem no texto. Nas subseções que se seguem, analisaremos a ocorrência de cada movimento previsto no modelo e, por fim, com base nos dados encontrados, discutiremos se este modelo é pertinente ou não para o corpus.

3.1.1 Movimento 1 (M1): Contextualização.

O primeiro movimento, doravante M1, denominado *Contextualização*, é um dos movimentos retóricos possíveis para iniciar o resumo. Por este motivo, a informação encontrada nele costuma ser mais abrangente, permitindo que o autor introduza aspectos que considera relevante para o leitor, tais como a linha teórica utilizada, conceitos, relações de corroboração ou não com outras ideias correntes na área, ou seja, qualquer tipo de informação que permita o estabelecimento do território de pesquisa.⁶⁴ Por causa do amplo leque de possibilidades sobre a quantidade e sobre a natureza da informação esperada neste movimento, ele pode ser considerado o movimento mais complexo em

⁶⁴ O termo território, estabelecimento de pesquisa e nicho serão usados aqui como empréstimos do modelo CARS (1990, 1992), uma vez que em ambos os gêneros – introdução e abstract – há o esforço retórico de introduzir a pesquisa, sua importância e relacioná-la com trabalho anteriores.

termos de materializações linguísticas. No corpus, este movimento foi encontrado nas três disciplinas e nas seis publicações. A tabela a seguir resume a quantidade de vezes que este movimento aparece:

	Periódicos	Movimento 1	Porcentagem
Antropologia	JHE	9 de 12	75%
	CA	10 de 12	83,3%
	Total	19 de 24	79,1%
Ciências Políticas	APSR	7 de 12	58,3%
	JP	7 de 11	63,6%
	Total	14 de 23	60,8%
Linguística	BL	8 de 12	66,6%
	JPh	4 de 12	33,3%
	Total	12 de 24	50%
Total do Corpus		45 de 73	61,6%

Tabela 1: Recorrência de M1 no corpus

Este movimento foi encontrado em 45 exemplares do corpus, ou seja, em 61,6% de sua extensão. Ao examinar as áreas separadamente, a recorrência de M1 é maior em Antropologia (19 *abstracts* de 24), seguida Ciências Políticas (16 *abstracts* de 24) e, por fim, Linguística (12 *abstracts* de 24). O gráfico abaixo ilustra a recorrência de M1 em cada disciplina:

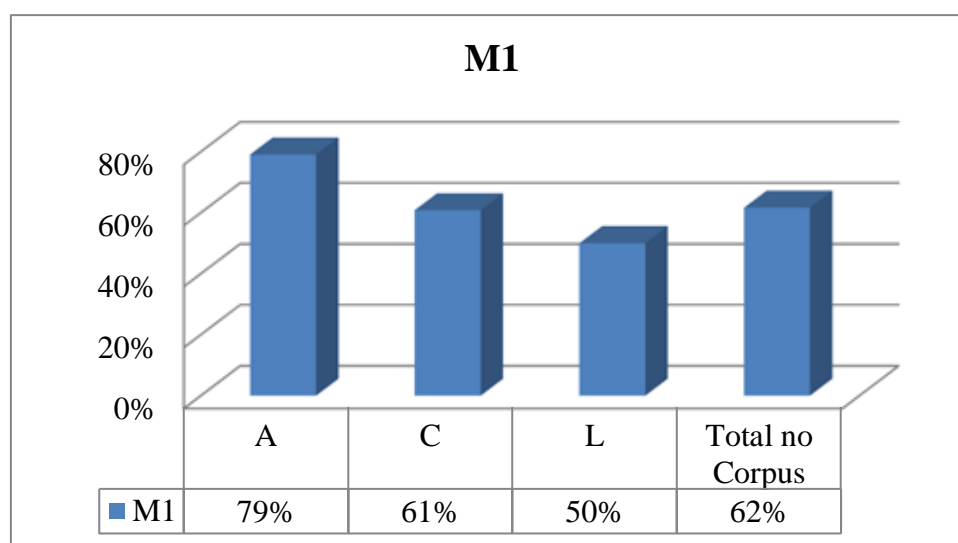


Gráfico 1: Recorrência de M1 por disciplina

Essa diferença se torna ainda mais evidente ao quantificarmos o movimento por periódico:

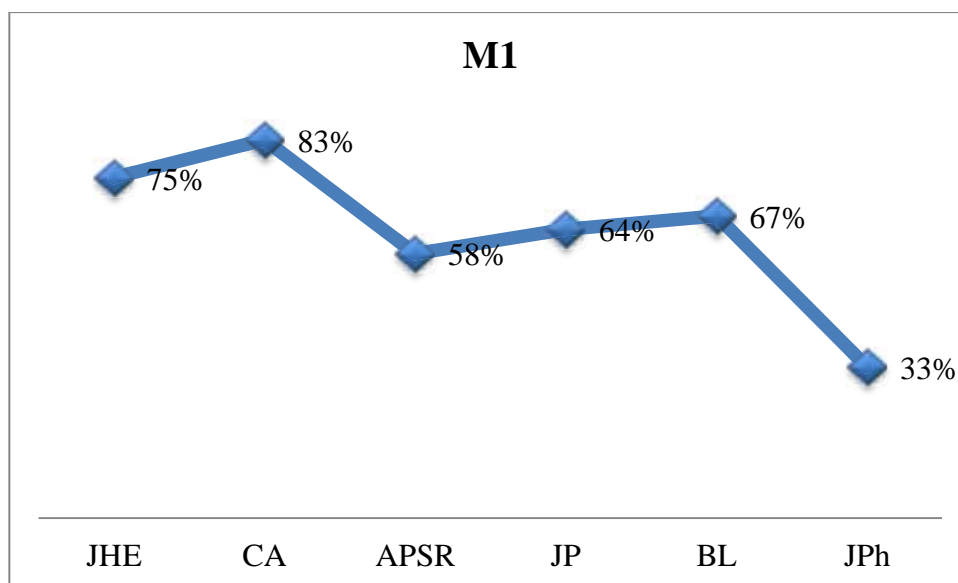


Gráfico 2: Recorrência de M1 por periódico

Pelos gráficos apresentados, vê-se que a recorrência de M1 oscila de periódico para periódico. Uma das hipóteses levantadas para explicar esse dado é a influência do grau de especificidade de cada revista. As duas publicações de Antropologia e de Ciência Política estipulam, por meio do guia aos pesquisadores, um escopo de pesquisas bem abrangente, fazendo com que os autores precisem de um maior esforço retórico para estabelecer sua pesquisa dentro desse território mais amplo.

Os periódicos de Linguística, em contrapartida, são os que apresentam escopo de pesquisa mais bem delimitado e específico, permitindo que o autor inicie o *abstract* de forma mais direta e objetiva, já que somente a escolha de um dos periódicos para publicação já situa o artigo dentro do nicho específico de pesquisas em linguagem e neurobiologia em BL, e fonética e fonologia em JPh. Além disso, em ambos periódicos os autores são guiados a priorizarem os objetivos, resultados e conclusões da pesquisa no *abstract*, não citando a contextualização da pesquisa.

Outro traço que parece ter influenciado a presença de M1 no corpus foi a quantidade de palavras permitidas para o *abstract*. Em 2003, Martin discute a questão da contextualização em *abstracts* de artigos e aponta para o fato de que resumos nos quais são permitidos maior número de palavras, M1 costuma ser maior e mais detalhado. Corroborando a afirmação de Martin (2003), os periódicos que aceitam *abstracts* mais extensos foram os que apresentaram maior quantidade de vocábulos para estabelecer de M1 (JHE 694 e CA 580 palavras). As revistas de Ciência Política apresentaram um número parecido de palavras usadas, APSR utilizou 398 palavras para M1, e JOP, 385. Esse dado mostra que, apesar da recorrência de M1 em APSR ter sido menor do que no JOP, as contextualizações encontradas no primeiro foram mais longas e detalhadas do que no segundo. As publicações de Linguística apresentaram tamanhos bem distintos, BL usou 481 palavras para M1 enquanto JPH utilizou apenas 205.

Linguisticamente, os tipos de sentenças (A, B, C e D) definidos por Swales e Feak (2009) para iniciar os abstracts foram aplicados no corpus.⁶⁵ Apesar de os quatro tipos de sentença serem, segundo os autores, a primeira frase do *abstract*, ressalta-se que não são todas relacionadas ao M1. Enquanto A e D trazem uma informação mais geral e introdutória, sendo, portanto, M1, as sentenças tipo B e C são correspondentes ao M2, pois apresentam os objetivos da pesquisa. Por esse motivo, o número de vezes que M1 apareceu no corpus não foi o mesmo do número de vezes que as sentenças analisadas recorreram.⁶⁶ Salienta-se que apesar de B e C se relacionarem a M2, elas serão apresentadas nesta seção, para que não se divida este aspecto da análise.

Dos 71 *abstracts* analisados, apenas cinco não se iniciaram com nenhum dos quatro tipos de sentenças analisadas: A11 e A13, por possuírem somente o movimento

⁶⁵ A explicação de cada tipo de sentença está no Capítulo 2, página 72.

⁶⁶ O anexo VI apresenta os sinalizadores linguísticos de todos os movimentos encontrados em todos os exemplares de abstracts do corpus.

de resultados em todo o abstract; e L1, L11 e L20, por iniciarem pela descrição da metodologia. A tabela abaixo mostra a quantificação das sentenças no corpus:

	Periódicos	Tipo A	Tipo B	Tipo C	Tipo D	Nenhuma sentença
Antropologia	JHE	8	2	-	1	1
	CA	8	1	-	2	1
Ciências Políticas	APSR	5	2	4	1	-
	JP	5	4	2	1	-
Linguística	BL	4	1	3	2	2
	JPh	1	5	3	2	1
Total do corpus		31	15	11	10	5

Tabela 2: Quantificação dos tipos de sentenças que iniciam os abstracts

— tipo A: as sentenças deste tipo iniciam o *abstract* com um fenômeno do mundo real ou prática comum. Em A20, por exemplo, a primeira informação pode ser considerada a exposição de uma prática que está se tornando padrão no campo da Antropologia Simbólica: o estudo das culturas como uma questão interpretativa.

A20: [1] The symbolic anthropology that is increasingly ascendant in our discipline takes the study of cultures to be preeminently an interpretive quest.

Já em L7, a primeira sentença traz um fenômeno do mundo real: o impacto e a importância da afásia bilíngue para o contexto atual de um mundo multilíngue.

L7: [1] In a world that is becoming more multilingual, bilingual aphasia is a clinical problem with a major clinical impact.

Este tipo de sentença é a mais comum no corpus, iniciando 31 *abstracts*, com maior recorrência em Antropologia (16 exemplos, 8 em cada revista), Ciência Política (10 exemplos, 5 em cada publicação) e menor recorrência em Linguística (apenas 5 exemplos, 4 em BL e 1 em JPh).

— tipo B: Este tipo relaciona-se com M2 do modelo Gil (2011) por introduzir os objetivos da pesquisa. Uma das expressões formulaicas comuns é a combinação entre o pronome dêitico *this* apontando para a materialidade do texto + substantivo referente ao

a pesquisa (*paper, research, article, study*) + verbo no presente conjugado na terceira pessoa do singular.

A5: [1] This contribution provides direct evidence for the use of ochre in adhesive recipes during the Howiesons Poort of South Africa.

L14: [1] This paper presents a comparative evaluation of metrics for the quantification of speech rhythm.

As sentenças tipo B foram as segundas mais comuns para iniciar o abstract, ocorrendo em 15 exemplares do corpus. Foram mais frequentes em Ciência Política (6 exemplos, 2 em CA e 4 em JOP) e Linguística (6 exemplos, 1 em BL e 5 em JPh).

— tipo C: as sentenças do tipo C também introduzem os objetivos da pesquisa, apresentando uma ação do pesquisador. Diferenciam-se das do tipo B, portanto, pela natureza do sujeito: em B ele é impessoal (*article, study*) e em C é pessoal, seguindo a estrutura pronome pessoal de primeira pessoa (*I/We*) + verbo de ação no passado ou presente, como nos exemplos abaixo;

P14: [1] We examine what determines whether an interest group will receive favors in pork-barrel politics, using a model of majority voting with two competing parties.

L12: [1] We investigated processing of metaphoric sentences using event-related functional magnetic resonance imaging (fMRI).

Quanto a recorrência, apareceram em 11 exemplares do corpus, sendo mais comuns em Ciência Política (6 exemplos, 4 em APSR e 2 em JOP), seguido por Linguística (5 exemplos, 2 em BL e 3 em JPh). Antropologia não apresentou nenhuma recorrência dessa estrutura, dos 11 exemplares com M1, 10 foram introduzidos por A ou B;

— tipo D: o quarto e último tipo de sentença inicia o *abstract* por meio de um problema no meio ou algum tipo de incerteza. Por apresentarem uma brecha na área da pesquisa, os elementos linguísticos comuns são verbos e substantivos que indicam falhas e erros e outras palavras e expressões negativas.

Em A2, por exemplo, há o uso do advérbio de negação *no* indicando uma brecha recente nas pesquisas: o que se sabia anteriormente e era dado como uma prática comum provou-se ser errada.

A2: [1] Recent research in Europe, Africa, and Southeast Asia suggests that we can no longer assume a direct and exclusive link between anatomically modern humans and behavioral modernity (the 'human revolution').

Em L2, o uso da conjunção adversativa *despite*, aliada a expressão negativa *no consensus has been reached*, introduz o problema de que apesar de avanços no entendimento da articulação tonal do chinês, ainda não há consenso sobre o modelo de implementação mais apropriado.

L24: [1] Despite the greatly improved understanding of tonal articulation in Standard Chinese, no consensus has been reached on the most appropriate model of tonal implementation.

Este tipo de sentença é a que apresenta menor recorrência nos corpus, 10 exemplares, sendo mais comum em Linguística (5 exemplos, 3 em BL e 2 em JOP), Antropologia (3 exemplos, 1 em JHE e 2 em CA), e, finalmente, Ciência Política (2 exemplos, 1 em cada periódico).

A maioria dos *abstracts* de Antropologia e Ciência Política se iniciaram com sentença A. Já em Linguística, o tipo B e C foram as sentenças mais usada (6 exemplos). Esta análise suporta a hipótese levantada anteriormente de que a abrangência ou especificidade no escopo de pesquisa dos periódicos influem na presença ou não de M1. Os periódicos de Antropologia e Ciência Política por apresentarem escopo mais abrangente tendem a iniciar o abstract com a contextualização da pesquisa, já os de Linguística tendem a iniciar pela descrição dos objetivos (B e C), uma vez que o contexto já está delimitado pelos próprios periódicos.

Ainda no que tange os elementos linguísticos relacionados com M1, foi comum a presença de sintagmas, tais como *great importance* (grande importância), *deeply studied* (profundamente estudado), *widely cited* (vastamente citado), entre outros, mostrando a importância e a relevância do tópico de pesquisa para a área. Em A3, por exemplo, há o uso da expressão *great interest to paleoanthropologists*, estabelecendo a importância do que será investigado na área.

A3: [1] Ascertaining the timing of the peopling of Europe, after the first out-of-Africa demographic expansion at the end of the Pliocene, is of great interest to paleoanthropologists.

Estruturas como *Recent research suggests* ou *Previous studies in the field* com a finalidade de elencar resultados de pesquisas anteriores que se relacionam com o artigo também foram observadas. Traçando um paralelo entre o gênero introdução e o *abstract*, vemos que em ambos é comum a presença da revisão de literatura como de forma contextualizar a pesquisa. Entretanto, enquanto a revisão de literatura é obrigatória na introdução, ela é apenas uma opção para o M1 do resumo.

Além disso, na introdução ela ocorre de forma bem específica e fundamentada, com estruturas como *According to Swales (1990, p.35), In his last book, Hyland (2000, p.10) argues that [...]*. Já no *abstract* a referência à outras pesquisas é feita de forma vaga e genérica, geralmente sem a citação de nomes de autores e anos, somente por meio dos sintagmas nominais como pesquisas anteriores, estudos recentes, entre outros. Em P22, por exemplo, há a revisão de literatura, entretanto não se sabe de quais pesquisas, realizadas por quem e quando.

P22: [1] Recent research documents the widespread use of heuristics, especially a reliance on elite cues among citizens.

Outro traço dessa “revisão de literatura” no *abstract* é que, apesar de ser implícito que as informações expostas são resultado de outras pesquisas, elas são colocadas como se derivadas do senso comum. Em A8, por exemplo, apesar de a afirmação de que humanos tem olhos mais visíveis do que outros primatas ter sido estruturada como um senso comum, ela só foi possível após pesquisas anteriores.

A8: [1] As compared with other primates, humans have especially visible eyes (e.g., white sclera).

Por fim, também foram notadas sentenças negativas nos *abstracts*, criando uma brecha ou uma falha na área, e justificando a pesquisa conduzida. Linguisticamente, esse tipo de informação foi materializado com o uso de verbos que denotam falhas e problemas (*mislead, misinterpret, ignore, restrict, lack, etc.*), conjunções adversativas (*however, despite of, but, nevertheless*), adjetivos e nomes (*difficult, problems, unknown, controversial, etc*) e outras expressões negativas (*no, any, none*). Nos exemplos abaixo, exemplos dessa realização no corpus:

A19: [2] Cultural relativism, read as moral relativism, is no longer appropriate to the world in which we live, and anthropology, if it is to be worth anything at all, must be ethically grounded.

P17: [3] Previous research offers a variety of sometimes conflicting explanations, but the available evidence is insufficient to determine which explanations are valid. .

L16: [2] Relatively little is known about what factors play a role in determining the duration of pauses between utterances or phrases

As opções linguísticas encontradas em M1 do abstract se assemelham, em partes, com aquelas esperadas para o gênero introdução e descritas no capítulo 1 desta dissertação, seção 1.1. Como visto, um dos propósitos do *abstract* é a representação do artigo como um todo, assim, parte do conteúdo e dos elementos linguísticos presentes na introdução são apropriados pelos *abstracts*. Essa intertextualidade entre os dois gêneros estreita a sua relação, fazendo com que se enquadrem em uma mesma rede genérica.

Quanto à posição de M1 no corpus, do total de 45 exemplos encontrados, 39 deles apareceram na forma típica, ou seja, em posição inicial, como o primeiro movimento retórico do abstract, e sem ciclicidade (amostras A2, A3, A4, A6, A7, A8, A9, A10, A12, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, P1, P2, P6, P9, P10, P11, P15, P17, P18, P22, P23, L4, L5, L6, L7, L8, L10, L16, L17, L24 do corpus). Em grifo, os elementos linguísticos discutidos e que materializam o movimento.

Abaixo, um exemplo de M1, em posição típica, retirado de cada periódico:

A3: [1] [M1] Ascertaining the timing of the peopling of Europe, after the first out-of-Africa demographic expansion at the end of the Pliocene, is of great interest to paleoanthropologists. [2] [M1] One of the earliest direct evidences for fossil hominins in western Europe comes from an infilled karstic cave site called Gran Dolina at Atapuerca, in a stratum ~1.5 m below the Brunhes-Matuyama (B-M) geomagnetic boundary (780 ka) within lithostratigraphic unit TD6. [3] [M1] However, most of the meters of fossil- and tool-bearing strata at Gran Dolina have been difficult to date.

A15: [1] [M1] Paleodemography and paleopathology presuppose that direct relationships exist between statistics calculated from archaeological skeletal series (e.g., skeletal lesion frequencies and mean age at death) and the health status of the past populations that gave rise to the series. [2] [M1] However, three fundamental conceptual problems confound the interpretation of such statistics: demographic non-stationarity, selective mortality, and unmeasured, individual-level heterogeneity in the risks of disease and death.

P6: [1] [M1] Over the last decade, students of the welfare state have produced an impressive body of research on retrenchment, the dominant thrust of which is that remarkably few welfare states have experienced fundamental shifts.

P22: [1] [M1] Recent research documents the widespread use of heuristics, especially a reliance on elite cues among citizens. [2] [M1] Scholars have celebrated this mode of decision making as rational and effective.

L8: [1] [M1] Speech-associated gestures are hand and arm movements that not only convey semantic information to listeners but are themselves actions. [2] [M1] Broca's area has been assumed to play an important role both in semantic retrieval or selection (as part of a language comprehension system) and in action recognition (as part of a "mirror" or "observation-execution matching" system).

L24: [1] [M1] Despite the greatly improved understanding of tonal articulation in Standard Chinese, no consensus has been reached on the most appropriate model of tonal implementation.

Ao todo, foram seis exemplares atípicos no corpus. Por posição atípica nos referimos a M1 encontrados em posição não inicial, ou seja, M1 não foi o primeiro movimento do *abstract*; em ciclicidade com outros movimentos, aparecendo duas ou mais vezes ao longo do *abstract*, em estruturas como M1 – M2 – M1, por exemplo; ou em fusão com outros movimentos.

Houve apenas um caso M1 em fusão com outros movimentos:

P24: [1] [M1] The consensus in the empirical literature on political participation is that education positively correlates with political participation. [2] [M1] Theoretical explanations posit that education confers participation-enhancing benefits that in and of themselves cause political activity. [3] [M1] As most of the variation in educational attainment arises between high school completion and decisions to enter postsecondary institutions, [M2] we focus our inquiry on estimating the effect of higher education on political participation.

Nas três primeiras sentenças de P24, M1 aparece em posição inicial, isto é, em sua forma típica. Entretanto, na terceira sentença há a presença da informação contextualizadora, afirmando ao leitor que é entre o término do ensino médio e da decisão de entrar em instituições superiores que surge a maior variação quanto aos níveis de educação. Este M1 serve de justificativa para os objetivos da pesquisa de estimar os efeitos da educação superior na participação política.

Em P3, há uma inversão na ordem dos movimentos. A primeira informação presente no *abstract* é o objetivo dos autores de conduzir duas pesquisas para medir conceitos complicados, tais como o de liberdade política e eficácia, e o que fazer quando questões idênticas são interpretadas de forma distintas pelos participantes. Após a explanação dos objetivos, os autores adicionam uma contextualização da área, de que pesquisadores vêm tentando abordar essas questões, mas até o momento não lograram êxito. M1, portanto, perdeu sua posição típica de primeiro movimento retórico.

P3: [1] [M2] We address two long-standing survey research problems: measuring complicated concepts, such as political freedom and efficacy, that researchers define best with reference to examples;

and what to do when respondents interpret identical questions in different ways. [2] [M1]Scholars have long addressed these problems with approaches to reduce incomparability, such as writing more concrete questions—with uneven success.

P13 apresenta a mesma estratégia. A primeira sentença é uma fusão dos objetivos da pesquisa (testar a asserção de Fiorina de que a polarização ideológica é um mito) com a metodologia utilizada (dados coletados dos Estudos Nacionais de Eleição Americana e pesquisas nacionais de sondagem). A segunda sentença do abstract apresenta uma informação típica de contextualização de pesquisa: a asserção de Fiorina, isto é, os autores primeiro estabelecem o objetivo de comprovar ou não a asserção, mas somente depois contextualizam o leitor sobre o que essa asserção significa. M1 aqui não é o primeiro movimento do abstract, como esperado, e sim o terceiro.

P13: [1] [M3]This article uses data from the American National Election Studies and national exit polls [M2]to test Fiorina’s assertion that ideological polarization in the American public is a myth. [2] [M1]Fiorina argues that 21st century Americans, like the mid-20th century Americans described by Converse, “are not very well-informed about politics, do not hold many of their views very strongly, and are not ideological.”

No caso de L2, M1 também foi o terceiro movimento retórico encontrado. Em [1], os autores primeiro introduziram os objetivos da pesquisa de se estudar as redes neurais associadas com os processos de formação de pares de palavras e expressões metafóricas e literais. Em seguida, [2], eles descreveram a metodologia utilizada. Na terceira sentença, [3], eles contextualizam o leitor sobre o significado dos termos utilizados (expressões metafóricas, convencionais, literais) e sobre a importância de um estudo de tal natureza, contextualizando e justificando a pesquisa:

L2: [1] [M2] The neural networks associated with processing related pairs of words forming literal, novel, and conventional metaphorical expressions and unrelated pairs of words were studied in a group of 15 normal adults using fMRI. [2] [M3] Subjects read the four types of linguistic expressions and decided which relation exists between the two words (metaphoric, literal, or unrelated). [3] [M1] According to the Graded Salience Hypothesis (GSH, Giora, 1997, 2002, 2003), which predicts a selective RH involvement in the processing of novel,

nonsalient meanings, it is primarily the degree of meaning salience of a linguistic expression rather than literality or nonliteralit, which modulates the degree of left hemisphere (LH) and right hemisphere (RH) processing of metaphors.

L3 apresenta dois tipos de M1 diferentes. Primeiramente, em [1], M1 em posição típica, iniciando o resumo e oferecendo uma breve contextualização de que *Simulation Framework* é baseada nos sistemas senso-motores. Os autores seguem introduzindo o objetivo da pesquisa e descrevendo a metodologia utilizada, em [2], até que, novamente, utilizam M1 para contextualizar e justificar algumas das escolhas metodológicas feitas, ou seja, o segundo M1 funcionou como uma contextualização e uma justificativa do M3 anterior a ele.

L3: [1] [M1] The Simulation Framework, also known as the Embodied Cognition Framework, maintains that conceptual knowledge is grounded in sensorimotor systems. [2] [M2] To test several predictions that this theory makes about the neural substrates of verb meanings, [M3] we used functional magnetic resonance imaging (fMRI) to scan subjects' brains while they made semantic judgments involving five classes of verbs-specifically, Running verbs (e.g., run, jog, walk), Speaking verbs (e.g., shout, mumble, whisper), Hitting verbs (e.g., hit, poke, jab), Cutting verbs (e.g., cut, slice, hack), and Change of State verbs (e.g., shatter, smash, crack). [3] [M1] These classes were selected because they vary with respect to the presence or absence of five distinct semantic components-specifically, ACTION, MOTION, CONTACT, CHANGE OF STATE, and TOOL USE.

Por fim, o ultimo exemplar que apresentou M1 atípico foi L23. Da mesma forma que os exemplos anteriores, o primeiro movimento utilizado foi a descrição dos objetivos, sentença [1], seguida por uma breve contextualização de alguns traços essenciais para se entender a diferença analisada entre as línguas inglesa e japonesa, sentença [2].

L23: [1] [M2] This paper examines the acoustic characteristics of voiceless sibilant fricatives in English- and Japanese-speaking adults and the acquisition of contrasts involving these sounds in 2- and 3-year-old children. [2] [M1] Both English and Japanese have a two-way contrast between an alveolar fricative (/s/), and a post-alveolar fricative (/sh{phonetic})/ in English and /c{curly tail}/ in Japanese).

Nos cinco casos de ciclicidade, nos quais M1 não aparece em posição inicial e ocorrem após outro movimento, ele deixa de ser uma contextualização geral para o

estabelecimento da pesquisa, e passa a funcionar como um explicador ou, até mesmo, justificador de uma ideia, termo ou escolha apresentados no movimento anterior a ele, ou seja, ele deixa de apresentar um conteúdo mais geral e apresenta um dado mais específico.

4.1.2 Movimento 2 (M2): Objetivos

O segundo movimento, doravante M2, insere os objetivos da pesquisa, ou seja, o que o autor fez ou pretendeu fazer. Sua recorrência no corpus é alta, aproximadamente 70% do corpus apresentou este movimento. A alta frequência de M2 nos dá indícios de que a explanação dos objetivos de pesquisa é uma informação importante para que o *abstract* atinja seu propósito de mostrar os principais pontos do artigo.

A tabela abaixo resume a quantidade de vezes que M2 apareceu no corpus:

	Periódicos	Movimento 2	Porcentagem
Antropologia	JHE	11 de 12	91,6%
	CA	4 de 12	33,3%
	Disciplina	15 de 24	62,5%
Ciências Políticas	APSR	8 de 12	66,6%
	JP	7 de 11	63,6%
	Disciplina	15 de 23	65,2%
Linguística	BL	9 de 12	75%
	JPh	10 de 12	83,3%
	Disciplina	19 de 24	79,1%
Total		49 de 71	69,0%

Tabela 3: Recorrência de M2 no corpus

Observando a recorrência de M2 entre as áreas, percebe-se uma consistência nos periódicos de Antropologia e Ciência Política, com mesmo número de M2 (15 exemplares). No entanto, a porcentagem da segunda disciplina foi um pouco maior pelo seu total ser de 23 e não 24 abstracts. Já Linguística foi a disciplina com maior recorrência de M2, 19 exemplares de 24, ou seja, quase 80% do corpus.

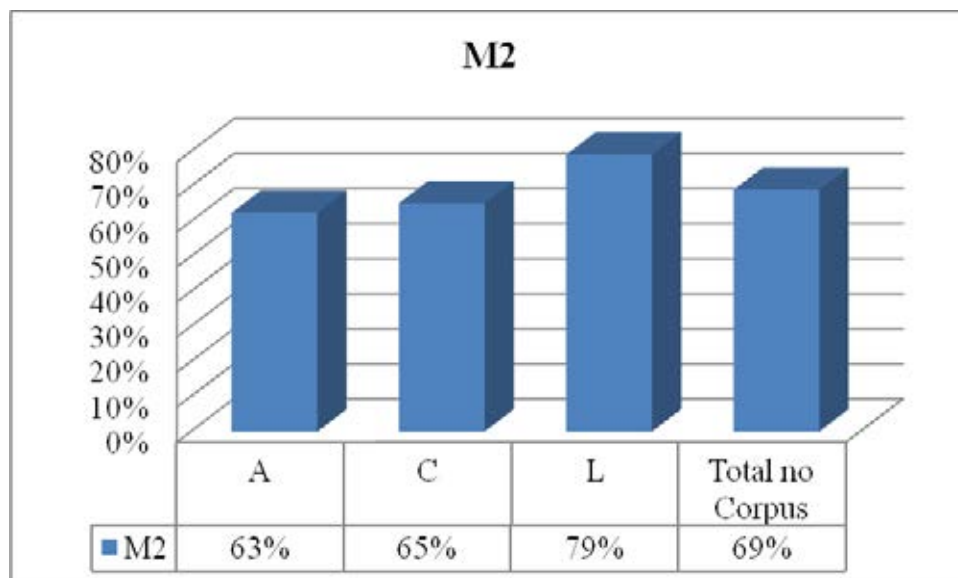


Gráfico 3: Recorrência de M2 por disciplina

Considerando-se os números de cada periódico, observa-se que apesar da recorrência de M2 em Antropologia ter sido a menor do corpus, o periódico JHE apresenta a maior taxa de incidência deste movimento, 11 exemplos de 12, ou seja, M2 ocorreu em quase 100% dos *abstracts* deste periódico, podendo ser considerado obrigatório para a publicação. O responsável pela queda da presença de M2 na disciplina foi CA, com apenas quatro exemplares. No que tange este periódico e considerando apenas a porcentagem de recorrência, M1 recorre mais do que M2, permitindo a relação de que para CA a contextualização da pesquisa é mais importante na materialização do *abstract* do que a explanação dos objetivos.

Em Ciência Política, M2 ocorreu em 65% do corpus, e com recorrência semelhante nos dois periódicos. Relacionando M1 e M2, ambos apresentam praticamente a mesma recorrência, mostrando um status igualitário de importância entre os dois movimentos. Já em Linguística, a recorrência de M2 é bem maior que a de M1 (79% de M1 contra 50% de M2), suportando a hipótese de que a presença dos objetivos no *abstract* é mais importante do que a contextualização da pesquisa. Assim como em

Política, ambas as revistas de Linguística apresentaram recorrências próximas, mostrando a importância de M2 para os dois periódicos.

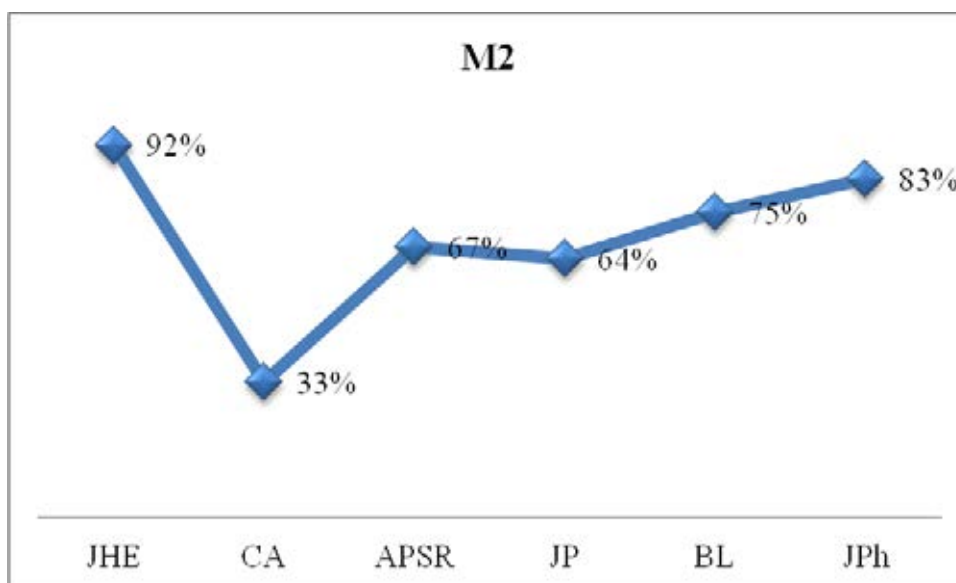


Gráfico 4: Recorrência de M1 por periódico

Dos 71 *abstracts* analisados, M2 está presente em 49 deles, não ocorrendo em 9 *abstracts* de Antropologia (A11, A13, A16, A17, A18, A20, A21, A22, A23), 8 de Ciência Política (P1, P2, P4, P11, P15, P21, P22, P23) e 5 de Linguística (L1, L6, L10, L17, L20). Os exemplares que não apresentaram M2 justificam-se pelas seguintes razões:

- amostras as quais apresentaram somente um movimento retórico, como em A11, A13 e P21 que possuem apenas um movimento retórico (M4);
- amostras as quais apresentaram uma estrutura diferente do *abstract* convencional e que serão discutidos no tópico referente ao Movimento de Estruturação (A16, A20, A21, A22, A23, P1, P2, P4, P11, P15, P22, P23).

Em termos de sinalizadores linguísticos, M2 é o que apresenta maior número de estruturas fixas que auxiliam o pesquisador na escrita, tanto em M2 na sua forma típica quanto em sua forma fusionada. Há cinco estruturas que ajudam no estabelecimento M2:

— a combinação do pronome dêítico *this* + substantivos que remetem a materialidade do texto (*paper, article, study, report, contribution*) + verbos de ação conjugados no passado (*investigated, determined*) ou no presente na terceira forma do singular (*analyzes, explores*). Dos 49 abstracts que apresentaram M2, este tipo de estrutura foi encontrada em 18 exemplares, 36,7% do total. A seguir, alguns exemplos:

A1: [1] This paper combines the data sets available today for 14C-age calibration of the last 60 ka.

A24: [1] This paper examines the current trend in anthropology towards the development of a *moral* discipline with models of the world that contain explicit moral judgments.

P6: [2] This article questions this now-conventional wisdom by reconsidering the post-1970s trajectory of the American welfare state, long considered the quintessential case of social policy stability.

P16: [1] This paper tests hypotheses concerning the effects of economic factors on public opinion toward immigration policy.

L4: [4] This study determined whether a P600 effect can be evoked by verbs whose thematic structures are violated by their preceding inanimate NP arguments, even in the absence of close semantic-associative relationships with these arguments or their preceding contexts.

L19: [1] This study investigated the effects of language experience and consonantal context on American English (AE) listeners' discrimination of contrasts involving Parisian French vowels /y, œ, u, i/.

— uso de pronomes de primeira pessoa (*I, we*) + verbos de ação conjugados no passado ou presente (*adress, investigated, examine*). Esta estrutura também foi encontrada em 18 exemplares do corpus, e somada com a anterior representa quase 80% do corpus.

A10: [6] We present a geometric morphometric study that quantitatively evaluates the chignon, assesses its usefulness in separating Neanderthals from modern humans, and its degree of similarity to Upper Paleolithic hemibuns.

A21: [2] We propose a remedial program for neoevolutionary theory that will help it avoid these shortcomings.

P9: [3] Drawing on national survey data that tap characteristics of people's political discussion networks, I examine the impact of heterogeneous networks of political discussion on individuals' awareness of legitimate rationales for oppositional viewpoints, on their awareness of rationales for their own viewpoints, and on levels of political tolerance.

L12: [1] We investigated processing of metaphoric sentences using event-related functional magnetic resonance imaging (fMRI).

L21: [1] We examined the voice onset times (VOTs) of monolingual and bilingual speakers of English and French to address the question whether cross language phonetic influences occur particularly in simultaneous bilinguals (i.e., speakers who learned both languages from birth).

— fusão de M2 e M3 por meio da preposição *to*: A função do *to* nas amostras encontradas parece estabelecer uma função de causa e consequência entre os movimentos, “para cumprimento do objetivo estabelecido, utilizamos esses métodos”. Esta estrutura foi observada em 11 *abstracts* dos 23 que apresentam os movimentos fusionados. Pode ocorrer de duas formas:

— **M3 to M2:** Primeiro aparece M3 e depois M2 é introduzido pela preposição *to*. Ocorreu em 7 exemplos (A3, A12, P13, L7, L9, L11, L21).

P13: [1] [M3] This article uses data from the American National Election Studies and national exit polls [M3] to test Fiorina’s assertion that ideological polarization in the American public is a myth.

L9: [1] [M3] In this study, we used a novel cognitive paradigm and event-related functional magnetic resonance imaging (ER-fMRI) [M3] to investigate the neural substrates involved in processing three different types of sentences.

— **To M2, M3:** é a mesma estrutura anterior, porém invertida. Neste caso a sentença se inicia pela preposição *to* seguida por M2, e antes de introduzir M3, separa-se os dois movimentos com vírgula. Ocorreu em 4 exemplos (L3, L5, L11, L24):

L3: [2] [M2] To test several predictions that this theory makes about the neural substrates of verb meanings, [M3] we used functional magnetic resonance imaging (fMRI) to scan subjects’ brains while they made semantic judgments involving five classes of verbs-specifically, Running verbs (e.g., run, jog, walk), Speaking verbs (e.g., shout, mumble, whisper), Hitting verbs (e.g., hit, poke, jab), Cutting verbs (e.g., cut, slice, hack), and Change of State verbs (e.g., shatter, smash, crack).

L11: [2] [M2] To test the underlying assumption regarding re-lateralization, [M3] patients participated in fMRI of category-member generation before and after treatment.

— fusão de M2 e M3 por meio da preposição *by*: essa estrutura ocorreu em 5 amostras do corpus (A8, A14, P6, P17, L15)

A14: [2] [M2] This paper approaches the signs [M3] by constructing a neuropsychological model of the apprehension of entoptic phenomena in three stages of altered states of consciousness.

L15: [1] [M2] The lexical and phonetic mapping of auditorily confusable L2 nonwords was examined by [M3] teaching L2 learners novel words and by later examining their word recognition using an eye-tracking paradigm.

— fusão de M2 e M3 por meio da estrutura verbo –ing M3, M2 ou a inversão M2 verbo no –ing M3: presente em 5 amostras (A15, P9, P19, L12, L14)

A15: [3] [M3] Using simple models of the relationship between individual “frailty” and the hazard of death at each age, [M2] this paper explores the implications of these problems for archaeological interpretations.

L12: [1] [M2] We investigated processing of metaphoric sentences [M3] using event-related functional magnetic resonance imaging (fMRI).

Quanto à posição de M2 no corpus, ele apareceu de quatro formas distintas, duas formas típicas – sem ciclicidade ou fusão (dois primeiros tópicos), e duas formas atípicas – em ciclicidade ou fusão com outros movimentos (dois últimos):

— em posição inicial, como o primeiro movimento do abstract:

Quatorze exemplos do corpus apresentam M2 em posição inicial, como primeiro movimento do abstract (A1, A5, A24, P3, P5, P7, P8, P14, P16, L2, L13, L18, L19, L22). O uso de M1 como primeiro movimento é mais comum nas disciplinas de Ciência Política e Linguística. Os exemplos abaixo são de M1 em posição inicial:

A1: [1] This paper combines the data sets available today for 14C-age calibration of the last 60 ka.

P16: [1] This paper tests hypotheses concerning the effects of economic factors on public opinion toward immigration policy.

L18: [1] To understand how language influences the vocal communication of emotion, we investigated how discrete emotions are recognized and acoustically differentiated in four language contexts-English, German, Hindi, and Arabic.

— em posição secundária, como segundo movimento do abstract, após M1: Em 10 amostras do corpus, M2 ocorreu nesta posição (A2, A6, A9, A10, A19, P10, P24, L4, L8, L16).

A19: [3] [M2] This paper is an attempt to imagine what forms a politically committed and morally engaged anthropology might take.

L4: [4] [M2] This study determined whether a P600 effect can be evoked by verbs whose thematic structures are violated by their preceding inanimate NP arguments, even in the absence of close semantic-associative relationships with these arguments or their preceding contexts.

— em ciclicidade com outros movimentos:

No corpus, a ciclicidade de M2 com outros movimentos foi apenas observada em P9.

P9: [3] [M3] Drawing on national survey data that tap characteristics of people's political discussion networks, [M2] I examine the impact of heterogeneous networks of political discussion on individuals' awareness of legitimate rationales for oppositional viewpoints, on their awareness of rationales for their own viewpoints, and on levels of political tolerance. [4] [M3] Finally, utilizing a laboratory experiment manipulating exposure to dissonant and consonant political views, [M2] I further substantiate the causal role of cross-cutting exposure in fostering political tolerance.

As sentenças [3] e [4] deste abstract fusionam M3 e M2, isto é, colocam a metodologia e os objetivos da pesquisa na mesma frase. Essa fusão ocorre nas duas sentenças e, por esse motivo, criam uma estrutura cíclica (M3-M2-M3-M2).

— em fusão com outros movimentos:

Apesar das estruturas de fusão não estarem previstas em outros modelos estudados para o gênero *abstract*, sentenças nas quais os autores articulam o objetivo da pesquisa

com a metodologia utilizada representam a maior recorrência de M2. Dos 45 exemplares do movimento, 24 deles ocorrem em fusão com outro movimento, no caso, M3. Há duas formas de fusão no corpus:

— **M2/M3**: primeiro o autor introduz os objetivos e depois expõe a metodologia. Foi encontrado em 14 casos (A4, A7, A8, A14, P6, P12 P17, L3, L5, L11, L12, L14, L15, L24).

A4: [3] [M2] To determine the chronological and cultural attribution of these artifacts, document bone-manufacturing techniques associated with the southern African MSA, and discuss the symbolic significance of the markings present on some of these objects [M3] we use (1) available contextual information; (2) morphometric comparison of Later Stone Age, Modern San, and purported Middle Stone Age projectile points; (3) analysis of the carbon/nitrogen content of bone tools and faunal remains from Peers and Blombos caves; and (4) microscopic analysis of traces of manufacture and use.

Em A4, o autor enumera 3 objetivos diferentes para a pesquisa - determinar a atribuição cultural e cronológica dos artefatos, documentar as técnicas de manufatura de osso e discutir o significado simbólico presente nos objetos estudados; e 4 métodos utilizados – informação disponível, comparação morfométrica, análise do de carbono e nitrogênio e análise microscópica. As informações encontram-se na mesma sentença e não há nenhum sinal gráfico (pontuação) separando os movimentos.

P17: [4] [M2] This article seeks to contribute to the resolution of this controversy [M3] by empirically examining five prominent theories of support for integration.

P17 apresenta uma sentença bem menor que a anterior e, da mesma forma, fusiona M2 e M3. O autor primeiro introduz o objetivo de tentar solucionar a situação controversa explicada em M1 e apresenta a forma pela qual fará isso: exame empírico de cinco teorias proeminentes da área. Neste caso, a preposição *by* conecta os movimentos.

L5: [3] [M2] To directly test this hypothesis, [M3] we applied rTMS to the left ventral premotor cortex and participants performed auditory speech tasks involving the same set of syllables but differing in the use of phonemic segmentation processes.

No último exemplo, L5 também apresenta o objetivo da pesquisa de testar a hipótese explicada no movimento anterior (M1) por meio da aplicação de rTMS e performance de atividades dos participantes envolvidos. A estrutura de fusão usada aqui foi diferente das duas primeiras, neste caso, M2 foi introduzido pela preposição *to*.

— **M3/M2:** a inversão dos movimentos também foi observada como estrutura de fusão em 10 casos (A3, A12, A15, P9, P13, P18, P19, L7, L9, L21). Aqui, primeiro há a explanação da metodologia e depois a introdução dos objetivos de pesquisa.

A12: [5] [M3] Here we use a variety of statistical tests founded on explicit predictions from quantitative- and population-genetic theory [M2] to show that genetic drift can explain cranial differences between Neandertals and modern humans.

No exemplo acima, há a estrutura M3 to M2, “utilizamos M3 para descobrirmos M2”. No caso, foram utilizados diversos testes estatísticos (metodologia) para mostrar que se pode explicar as diferenças cranianas entre os Neandertais e humanos modernos (objetivo).

P19: [1] [M3] Using data from the 1976–1994 American National Election Studies and the 1992–94 ANES panel survey, [M3] this paper demonstrates that the outcomes of the 1994 and 1996 elections reflected a longterm shift in the bases of support and relative strength of the two major parties.

Em P19, a primeira informação da sentença é de que por meio dos dados retirados do ANES entre os anos de 1976-1994 e 1992-1994, o artigo demonstra como os resultados das eleições de 1994 e 1996 refletem a troca entre os dois partidos participantes. As duas informações, apesar de cumprirem movimentos retóricos diferentes, estão separadas apenas por vírgula.

Dada a curta extensão do *abstract*, a fusão de movimentos, principalmente M2 e M3, é uma estratégia que capacita o autor a apresentar duas informações relevantes para o estabelecimento da pesquisa, ao mesmo tempo em que permite a economia de palavras, uma vez que não há a necessidade de iniciar uma nova sentença e recomeçar o esforço retórico de introduzir o novo movimento. Além disso, a fusão ocorreu nos seis periódicos em proporções semelhantes, apontando para o fato de ser uma estratégia comum a todas as disciplinas.

4.1.3 Movimento 3 (M3): Metodologia

O terceiro movimento, Metodologia (doravante M3), é utilizado para descrever os procedimentos utilizados na condução da pesquisa, os métodos empregados. Em artigos que apresentam pesquisas originais, é imprescindível que a metodologia seja bem detalhada e explicada, com o intuito de que qualquer pesquisador que siga o procedimento chegue a resultados semelhantes, validando o encontrado. A tabela abaixo mostra a incidência deste movimento nas diferentes áreas e publicações.

	Periódicos	Movimento 3	Porcentagem
Antropologia	JHE	10 de 12	83,3%
	CA	3 de 12	25%
	Disciplina	13 de 24	54,1%
Ciências Políticas	APSR	5 de 12	41,6%
	JP	8 de 11	72,7%
	Disciplina	13 de 23	56,5%
Linguística	BL	12 de 12	100%
	JPh	12 de 12	100%
	Disciplina	24 de 24	100%
Total		50 de 71	70,4%

Tabela 4: Recorrência do Movimento 3 no corpus

A recorrência de M3 no corpus é de 70,4%, quase a mesma de M2 (69%) e maior que M1 (61%). Considerando apenas a totalidade do corpus, sem discriminar os

dados em disciplinas e periódicos, M2 e M3 apresentam um status de igual importância para os exemplares analisados.

Destinchando os números por disciplinas, a recorrência de M3 é absoluta em Linguística, 100%. Em Antropologia e Ciência Política a recorrência diminui para menos de 60% do corpus.

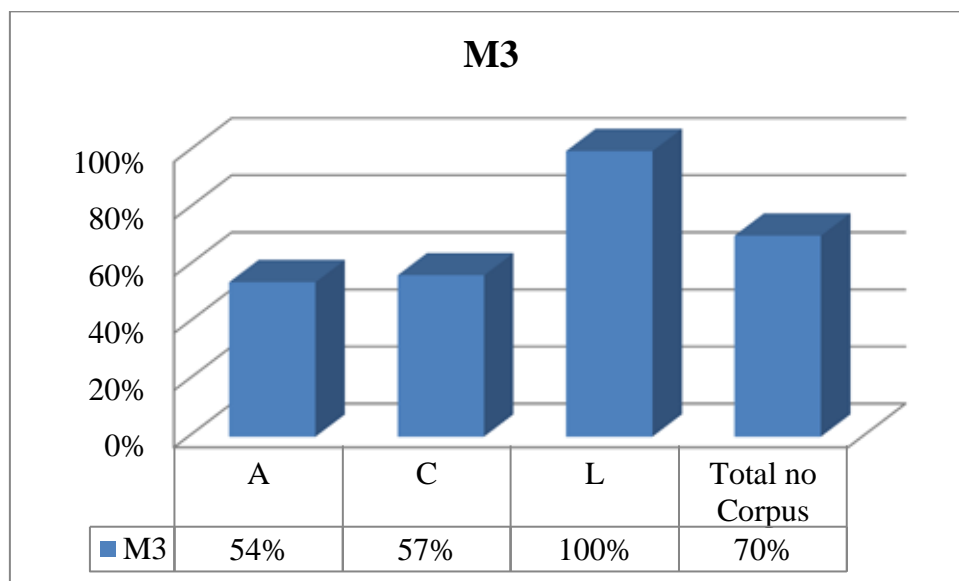


Gráfico 3: Recorrência de M3 por disciplina

Em Ciência Política, o periódico responsável pela queda da porcentagem de M3 na disciplina é APSR que, como já discutimos brevemente em subtópicos anteriores, apresenta exemplos de Movimento de Estruturação, diminuindo assim a recorrência dos outros movimentos. Em Antropologia, a mesma coisa acontece com o periódico CA. O gráfico abaixo apresenta a porcentagem de M3 dividida por periódico:

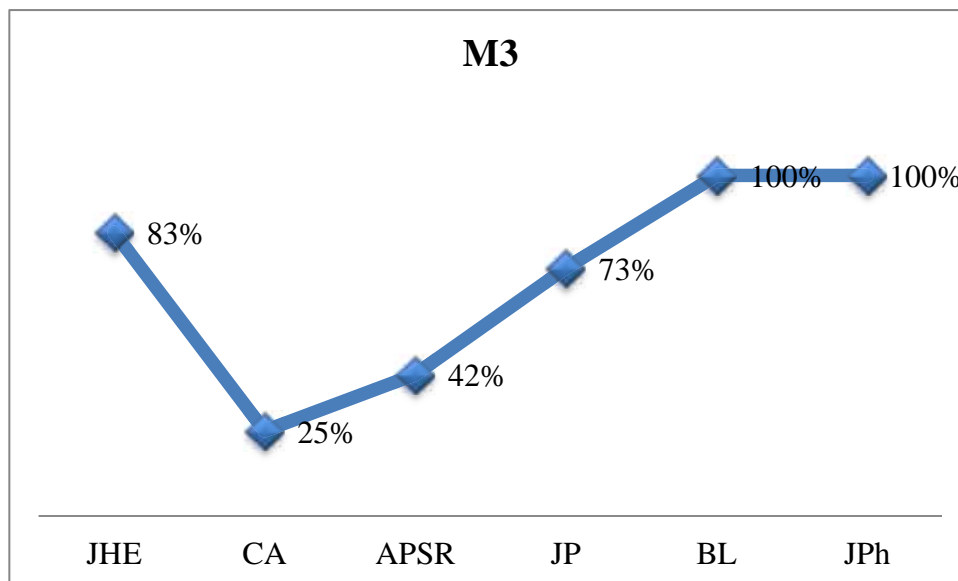


Gráfico 4: Recorrência de M1 por periódico

De 71 *abstracts* do corpus, 21 não apresentam M3: três deles porque são abstract com apenas um movimento retórico (A11, A13, P21), e 18, pois apresentam uma estrutura diferente do convencional com a presença de Movimento de Estruturação ou combinação de apenas dois movimentos.

Quanto aos sinalizadores linguísticos, M3 foi analisado a fim de se observar os tempos verbais recorrentes (passado, presente ou futuro) e o uso de voz verbal (voz passiva ou voz ativa). Em linhas gerais, verbos na voz ativa e no passado foram mais comuns a esse movimento, como se pode notar abaixo:

— voz passiva no passado: o uso de voz passiva no passado ocorreu em sete abstracts do corpus, três amostras em JHE (A5, A6, A10), uma em BL (L4) e três em JPh (L18, L19, L20).

A5: [2] Stone segments from two KwaZulu-Natal sites were microscopically analyzed to document ochre and resin microresidue occurrences.

L18: [2] Vocal expressions of six emotions (anger, disgust, fear, sadness, happiness, pleasant surprise) and neutral expressions were elicited from four native speakers of each language. [...] [4] Emotion

recognition and acoustic patterns were analyzed within and across languages.

— voz passiva no presente: ocorreram apenas três exemplos de voz passiva no presente em M3 (A1, A12, A14)

A1: [2] By stepwise synchronization of paleoclimate signatures, each of these sets of 14C-ages is compared with the U/Th-dated Chinese Hulu Cave speleothem records, which shows global paleoclimate change in high temporal resolution.

A12: [6] These tests are based on thirty-seven standard cranial measurements from a sample of 2524 modern humans from 30 populations and 20 Neandertal fossils.

A14: [3] The utility of the model is assessed by applying it to two known shamanistic rock arts, San and Shoshonean Coso.

— voz ativa no passado: o uso de voz ativa foi o mais recorrente no corpus. Dividimos a sistematização em duas partes: primeiro, sentenças cujo sujeito é o autor do texto e expresso pelos pronomes pessoas *I* e *We*; e sentenças com sujeitos impessoais (*data*, *analysis*, *study*) ou sujeitos pessoais, mas relacionados com os indivíduos analisados na pesquisa, e não o autor do texto. No total, houve 20 exemplos de metodologia feita na voz ativa e no passado.

— voz ativa com sujeito autor do texto (I/we): ocorreu em sete amostras do corpus (A3, L3, L5, L8, L9, L14, L21). Nota-se que das sete amostras, seis foram em Linguística.

A3: [4] Therefore, we applied both thermoluminescence (TL) and infrared-stimulated-luminescence (IRSL) multi-aliquot dating methods to fine-silt fractions from sediment samples within Gran Dolina and the nearby Galería cave site. [5] We also applied these methods to samples from the present-day surface soils on the surrounding limestone hill slopes to test the luminescence-clock-zeroing-by-daylight assumption.

L8: [4] We compared the functional connectivity of Broca's area with other cortical areas [...]

L21: [1] We examined the voice onset times (VOTs) of monolingual and bilingual speakers of English and French [...]

— sujeito relacionado à pesquisa: consideramos aqui sujeitos pessoais, mas relacionados aos indivíduos que participaram da pesquisa e não aos autores (A8 e L2), e sujeitos impessoais (L10). Ocorreu em 13 amostras, duas encontradas em JHE (A2, A8) e onze em BL e JPh (L2, L10, L11, L12, L13, L15, L16, L18, L22, L23, L24)

A8: [4] A human experimenter "looked" to the ceiling either with his eyes only, head only (eyes closed), both head and eyes, or neither.

L2: [2] Subjects read the four types of linguistic expressions and decided which relation exists between the two words (metaphoric, literal, or unrelated).

L10: [2] Three divided visual field experiments varied metaphorical and literal sentence familiarity.

— voz ativa no presente: há oito exemplares que utilizam voz ativa no presente, cinco deles utilizam sujeito pessoal *I/We* referindo-se ao(s) autor(es) do texto (A12, P3, P5, P24, L7), e dois com sujeito impessoais ou pessoais relacionados aos indivíduos da pesquisa (P13, P14).

A12: [5] Here we use a variety of statistical tests founded on explicit predictions [...] [7] As a further test, we compare our results for modern human cranial measurements with [...]

P3: [4] We measure incomparability via respondents' assessments, on the same scale as the self-assessments to be corrected, of hypothetical individuals described in short vignettes.

P14: [2] Each group's membership is heterogeneous in its ideological affinity for the parties. [3] Individuals face a trade-off between party affinity and their own transfer receipts. [4] The model is general enough to yield two often-discussed but competing theories as special cases.

Quanto à posição no corpus, M3 apareceu tanto em sua forma típica (três primeiro tópicos) quanto em forma atípica (quatro últimos tópicos):

— como primeiro movimento do abstract: ocorreu em apenas duas amostras de

Linguística (L1, L20)

L1: [1] [M3] Two chronic, nonfluent aphasia patients participated in overt naming fMRI scans, pre- and post-a series of repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) treatments as part of a TMS study to improve naming.

L20: [1] [M3] Two groups of listeners, one of native speakers of a tone language (Mandarin Chinese) and one of native speakers of a non-tone language (English) were trained to recognize Cantonese lexical tones.

— como segundo movimento do corpus: o movimento de metodologia como segundo movimento do abstract ocorreu tanto após M1 (L10) quanto após M2 (A1, A5, P5, P8, P14, L2, L13, L18, L19, L22):

A1: [1] [M2] This paper combines the data sets available today for 14C-age calibration of the last 60 ka. [2] [M3] By stepwise synchronization of paleoclimate signatures, each of these sets of 14C-ages is compared with the U/Th-dated Chinese Hulu Cave speleothem records, which shows global paleoclimate change in high temporal resolution.

P14: [1] [M2] We examine what determines whether an interest group will receive favors in pork-barrel politics, using a model of majority voting with two competing parties. [2] [M3] Each group's membership is heterogeneous in its ideological affinity for the parties. [3] [M3] Individuals face a trade-off between party affinity and their own transfer receipts.

L10: [1] [M1] Previous laterality studies have implicated the right hemisphere in the processing of metaphors, however it is not clear if this result is due to metaphoricity per se or another aspect of semantic processing. [2] [M3] Three divided visual field experiments varied metaphorical and literal sentence familiarity.

— como terceiro movimento do abstract, após M1 e M2: organização presente em oito amostras (A2, A8, A10, P3, P24, L4, L8, L16).

A2: [3] [M3] A new chronostratigraphy has been developed through a re-investigation of the lithostratigraphy left by the earlier excavations, AMS-dating using three different comparative pre-treatments including ABOX of charcoal, and U-series using the Diffusion-Absorption model applied to fragments of bones from the Deep Skull itself.

L4: [5] [M3] ERPs were measured to verbs under four conditions: (1) non-violated ("At breakfast the boys would eat..."); (2) preceded by introductory clauses and animate NPs that violated their pragmatic expectations but not their thematic structures ("At breakfast the boys would plant..."); (3) preceded by semantically related contexts but inanimate NPs that violated their thematic structures ("At breakfast the eggs would eat..."); (4) preceded by semantically unrelated

contexts and inanimate NPs that also violated their thematic structures ("At breakfast the eggs would plant...").

— em fusão com M2: Esta estrutura ocorreu em 24 exemplos que já foram discutidos no movimento anterior. Em quatro amostras do corpus, M3 apareceu em fusão com M2, e depois apareceu em forma típica, sem estar fusionado:

L15: [1] [M2] The lexical and phonetic mapping of auditorily confusable L2 nonwords was examined [M3] by teaching L2 learners novel words and by later examining their word recognition using an eye-tracking paradigm. [2] [M3] During word learning, two groups of highly proficient Dutch learners of English learned 20 English nonwords, of which 10 contained the English contrast /ɛ/-æ/ (a confusable contrast for native Dutch speakers). [3] [M3] One group of subjects learned the words by matching their auditory forms to pictured meanings, while a second group additionally saw the spelled forms of the words.

Na amostra acima, M3 apareceu fusionado com M2 na primeira sentença e depois aparece sem estar fusionado nas sentenças 2 e 3. Nestes exemplos não ocorreu ciclicidade, pois não houve o intercalamento de M3 com outro movimento (ex: M2 – M3 – M2 – M3), a estrutura é linear (M2-M3-M3-M3).

— em fusão com M4: no corpus, existem cinco (P17, P22, L6, L17, L23) casos em que a metodologia aparece fusionada na mesma sentença com os resultados da pesquisa, como nos exemplos a seguir:

P17: [5] [M3] Through regression analyses of Euro barometer surveys from the period 1978–1992, [M4] the analysis shows that the partisan context of integrative reforms and the utilitarian consequences of integrative policy provide robust explanations for variation in support.

L23: [3] [M3] Acoustic analysis of the adult productions [M4] revealed cross-linguistic differences in what acoustic parameters were used to differentiate the two fricatives in the two languages and in how well the two fricatives were differentiated by the acoustic parameters that were investigated.

— em fusão com M5: da mesma forma, M3 também apareceu em fusão com M5 em 2 casos (A18, P3).

A18: [3] [M3] Examination of the different historical experiences of two San groups, one largely dependent on its Bantu-speaking neighbours and the other (until recently) substantially autonomous, [M5] suggests that contact may take many forms, not all of which lead to dependency, abandonment of foraging, or incorporation into “more powerful” social formations.

P3: [7] [M3] With analysis, simulations, and cross-national surveys, [M5] we show how response incomparability can drastically mislead survey researchers and how our approach can alleviate this problem.

— **em ciclicidade com outros movimentos:** M3 em ciclicidade foi observado em apenas 3 amostras do corpus (A6, P9, L14). Como P9 já foi discutido no subtópico anterior, aqui serão detalhados A6 e L14.

A6: [6] [M3] A finite-element model of 145,680 elements was created from sixty-one 2-mm-thick CT scans of a Macaca fascicularis skull. [7] [M3] The model was assigned the elastic properties of facial bone and loaded with muscle forces corresponding to the moment of centric occlusion during mastication. [8] [M3] The model was constrained so as to produce a reaction force (corresponding to the bite force) at M1. [9] [M4] With a few exceptions, the strain patterns in the finite-element model compare well with those gathered from published and unpublished bone-strain experiments. [10] [M3] The model was then modified to have a thick palate. [11] [M3] The model was reloaded using an identical loading regime, and the strain patterns of the original and thick-palate models were compared.

A ciclicidade encontrada em A6 reflete uma pesquisa que foi dividida em duas partes, de certa forma, essa ciclicidade segue a cronologia da execução da pesquisa. Primeiramente, há o emprego de uma metodologia (criação de um modelo de elementos-finitos para análise da mastigação), a explanação de os resultados encontrados, e, então, uma nova metodologia foi criada e aplicada, baseada na modificação do modelo usado anteriormente, fornecendo mais dados para a pesquisa.

L14: [1] [M2] This paper presents a comparative evaluation of metrics for the quantification of speech rhythm, [M3] comparing pairwise variability indices (nPVI-V and rPVI-C) and interval measures (ΔV , ΔC , %V), together with rate-normalised interval measures (VarcoV and VarcoC). [2] [M3] First, we examined how well these metrics discriminated "stress-timed" English and Dutch and "syllable-timed" Spanish and French. [3] [M4] Metrics of interval standard deviation such as ΔV and ΔC were strongly influenced by speech rate, but rate-normalised metrics of vocalic interval variation, VarcoV and nPVI-V, were shown to discriminate between hypothesised "rhythm classes", as did %V, an index of the relative duration of vocalic and consonantal intervals. [4] [M3] Second, we

applied these metrics to quantifying the influence of first language on second language rhythm, with the expectation that speakers switching "rhythm classes" should show rhythm scores different from both their native and target languages. [5] [M4] VarcoV offered the most discriminative analysis in this part of the study, with %V also suggesting insights into the process of accommodation to second language rhythm.

O mesmo ocorreu em L14, a pesquisa foi dividida em duas etapas de análise. Dessa forma, o autor primeiramente descreveu os primeiros métodos empregados e os resultados derivados desta análise. E, com base no que foi encontrado, aplicou uma nova metodologia nos resultados anteriores, agregando mais dados para a pesquisa.

As metodologias encontradas no corpus variaram quanto a sua natureza. Nesse ponto, foi possível dividir os periódicos estudados em dois grupos:

— grupo 1: JHE, BL e JPh. Os *abstracts* pertencentes a esses três periódicos constroem metodologias mais longas, com a descrição mais detalhada de como a pesquisa foi conduzida. Foi comum o emprego de análises laboratoriais, estatísticas, estudo de objetos físicos (no caso de Antropologia) e estudos de seres humanos (no caso de Linguística), ou seja, o predomínio foi de métodos quantitativos de pesquisa.

A3: [4] Therefore, we applied both thermoluminescence (TL) and infrared-stimulated-luminescence (IRSL) multi-aliquot dating methods. [5] We also applied these methods to samples from the present-day surface soils on the surrounding limestone hill slopes. [6] Within the uppermost 4 m of the cave deposits at Gran Dolina, TL and paired TL and IRSL ages range stratigraphically from 198 ± 19 ka to 244 ± 26 ka.

L11: [1] Five nonfluent aphasia patients participated in a picture-naming treatment that used an intention manipulation (opening a box and pressing a button on a device in the box with the left hand) to initiate naming trials and was designed to re-lateralize word production mechanisms from the left to the right frontal lobe. [2] To test the underlying assumption regarding re-lateralization, patients participated in fMRI of category-member generation before and after treatment.

L15: [1] The lexical and phonetic mapping of auditorily confusable L2 nonwords was examined by teaching L2 learners novel words and by later examining their word recognition using an eye-tracking paradigm. [2] During word learning, two groups of highly proficient Dutch learners of English learned 20 English nonwords, of which 10

contained the English contrast /ɛ/-æ/ (a confusable contrast for native Dutch speakers). [3] One group of subjects learned the words by matching their auditory forms to pictured meanings, while a second group additionally saw the spelled forms of the words.

Os exemplos acima foram retirados de cada um dos periódicos citados aqui. A metodologia em todos eles é extensa e bem detalhada, com informações precisas do que foi analisado, em quais quantidades e de que forma. Em A3, por exemplo, os autores aplicam termoluminescência em amostras de sedimentos colhidos de locais distintos a fim de verificar as quantidades de luminescência presente nos dois locais. L11 descreve com exatidão os participantes da pesquisa (cinco pacientes com afasia), as atividades desenvolvidas por eles (nomeação das figuras vistas após pressionarem um botão) com qual propósito (analisar a re-lateralização dos mecanismos de produção de palavras nos lobos frontais). Da mesma forma, L15 descreve detalhadamente o processo analisado por eles: o mapeamento lexical e fonético de vocábulos confusos em inglês por meio da observação e análise de dois grupos de estudantes altamente avançados no idioma.

— grupo 2: CA, APSR e JOP. Já as metodologias referentes a esse grupo de periódico, além de menos recorrentes, são menores em extensão e não tão detalhadas quanto as anteriores. Para exemplificar melhor, o grupo anterior utilizou 1476 palavras no total em M3, já este grupo utilizou apenas 440, suportando a hipótese de que a metodologia no primeiro grupo apresenta uma relevância maior no que no segundo. Além disso, os métodos utilizados são qualitativos, ou seja, mais interpretativos, calcando-se principalmente na análise e interpretação de dados já existentes de algum tipo de banco de dados nacional, análise de entrevistas com participantes empíricos e aplicação de teorias e modelos em alguma situação real.

A18: [3] Examination of the different historical experiences of two San groups, one largely dependent on its Bantu-speaking neighbours and the other (until recently) substantially autonomous [...]

P5: [2] Employing standard methodological approaches in behavioral genetics—specifically, comparisons of the differential correlations of the attitudes of monozygotic twins and dizygotic twins—we analyze data drawn from a large sample of twins in the United States, supplemented with findings from twins in Australia.

P19: [1] Using data from the 1976–1994 American National Election Studies and the 1992–94 ANES panel survey, this paper demonstrates [...]

No exemplar A18, o método empregado é análise das diferenças históricas de dois grupos distintos, um autônomo e outro dependente de outro grupo. Além do método aqui ser mais interpretativo, não há informações muito específicas, como, por exemplo, como essa análise será feita e como esses dados foram encontrados. Em P5 ocorre a mesma coisa, apesar de haver mais informação sobre a metodologia, não se sabe quantos gêmeos foram analisados nos EUA e de que forma, dados esses que seriam primordiais para os periódicos do primeiro grupo. Por fim, em P19, há apenas a informação de onde os dados foram retirados, mas não há mais detalhes sobre a forma como foram colhidos, o que foi considerado, a quantidade de dados analisados e assim por diante.

4.1.4 Movimento 4 (M4): Resultados

O quarto movimento retórico previsto é denominado Resultados e seu propósito é, de maneira breve, apresentar os principais achados da pesquisa. Juntamente com o movimento de metodologia, é encarado como um movimento obrigatório por Bhatia (1993), por ser ele que mostra a “novidade” da pesquisa. Por essa razão costuma ser o movimento com maior número de sentenças. A sua recorrência no corpus comprova a sua importância, quase 70%, mas não exprime sua obrigatoriedade.

	Periódicos	Movimento 4	Porcentagem
Antropologia	JHE	10 de 12	83,3%
	CA	1 de 12	8,3%

	Disciplina	11 de 24	45,8%
Ciências Políticas	APSR	4 de 12	33,3%
	JOP	9 de 11	83,3%
	Disciplina	13 de 23	58,3%
Linguística	BL	12 de 12	100%
	JPh	12 de 12	100%
	Disciplina	24 de 24	100%
Total		48 de 71	67,6%

Tabela 5: Recorrência do Movimento 4 no corpus

A recorrência de M4 foi próxima a recorrência de M2 (69%) e M3 (70,4%). Apesar de ser considerado por Bhatia (1993) como o movimento mais importante do abstract, ele não foi o que apresentou maior recorrência, inclusive quase não ocorrendo em CA e APSR, o que nos faz questionar sua obrigatoriedade no abstract em todas as disciplinas. Ao todo, M4 não aparece em 23 abstracts do corpus: A9, A12, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A22, A23, A24, P1, P2, P6, P7, P9, P10, P11, P12, P15, P23.

Assim como em M3, M4 foi absoluto em Linguística, apareceu em todos os exemplares desta disciplina. JHE e JOP também apresentaram uma recorrência alta do movimento, mais de 80%. Pelos motivos já explicados anteriormente quanto à estruturação diferente encontrada no corpus CA e APSR foram os que apresentaram menos exemplos de M4, sendo os responsáveis pela queda da recorrência do movimento em suas respectivas disciplinas, como ilustrado nos gráficos abaixo.

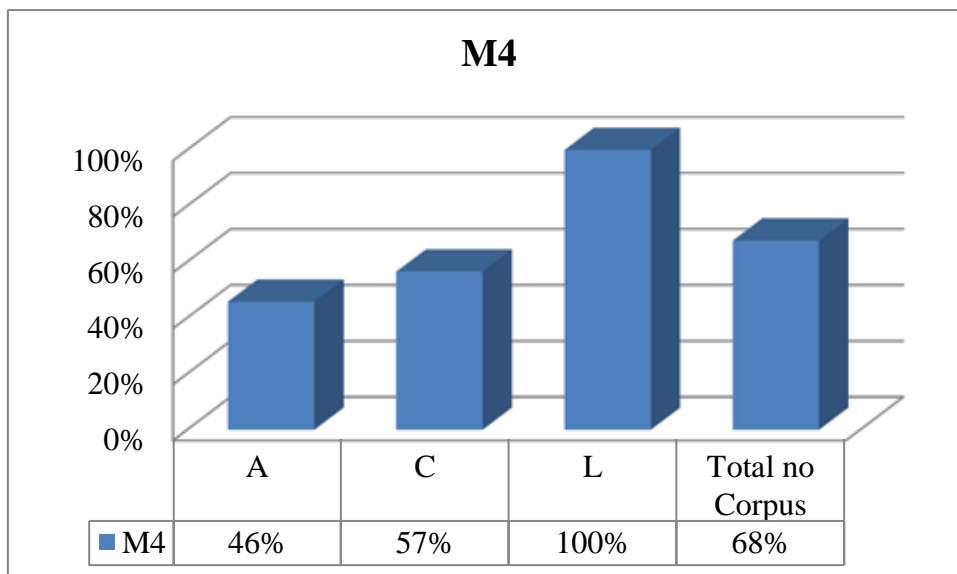


Gráfico 7: Recorrência de M4 por disciplinas

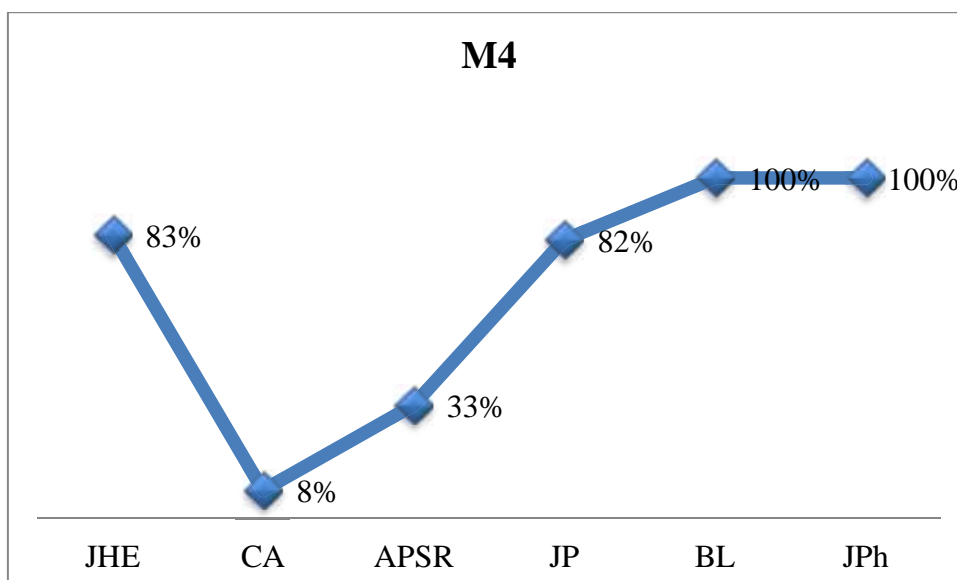


Gráfico 8: Recorrência de M4 por periódicos

Apesar de existirem algumas exceções, este movimento, geralmente, aparece em posição final no *abstract*, pode ser tanto o penúltimo ou o último movimento apresentado, seguido pelo movimento de conclusões ou não.

Quanto às características linguísticas deste movimento foram analisados os tempos e vozes verbais mais comuns em M4 e também o uso de estruturas com *that* e sujeitos vazios (*it, there to be*)

— uso de estruturas *that*: Hyland e Tse (2005) argumentam que no movimento de resultados é comum o uso *that* (*The results show that...*) como uma estratégia para detalhar melhor os achados da pesquisa e enfatizá-los, ao mesmo tempo em que permite ao autor criar uma gradação em seu argumento, usando um booster (*prove, show*) ou um hedge (*suggest, indicate*). Normalmente, *that* também é usado com sujeitos inanimados, sendo mais incomum com sujeitos humanos (*I/We*).

Esse tipo de estrutura foi encontrado em 16 amostras do corpus (A1, A2, A5, A6, P5, P8, P13, P16, P17, L3, L8, L9, L13, L15, L21, L22). Os resultados encontrados suportam a evidência de que *that* ocorre com sujeitos inanimados, normalmente sintagmas nominais com *results* ou *analyses* como núcleo, e os verbos mais recorrentes foram *show* e *indicate*.

A5: [4] Results from a separate quartz and crystal-quartz sample may indicate that different adhesive [...]

P5: [3] The results indicate that genetics plays an important role [...]

P8: [6] The results show, first, that considerations of national [...]

P13: [3] However, our evidence indicates that since the 1970s, [...]

P16: The results indicate that personal economic circumstances [...]

P17: [5[...]] the analysis shows that [...]

L8: [5] A network analysis of neuroimaging data showed that interactions involving [...]

L22: [6] The results further show that [...] [7] We therefore assume that [...].

No entanto, também ocorreram usos de *that* com sujeitos pessoais:

A1: [4] Based on this new, U/Th-based GreenlandHulu chronology, we confirm that the radiocarbon timescale [...]

L3: [4] Based on the Simulation Framework, we hypothesized that the ACTION component depends on [...]

L9: [3] We demonstrate that processing of the different [...]

L15: [4] We found that the group [...]

— It e There to be: outra possibilidade encontrada em M4 para os sujeitos além do pessoal (*I/We*) ou impessoal relacionado com a pesquisa (*results, analyses, evidence*), é o uso dos sujeitos vazios *It e There to be*.

A2: [5] It was probably excavated from [...]

P13: [4] There are now large differences [...].

L1: [12] At 3 and 6 mo. post-TMS, there was no longer significant [...]. [14] Over time, there was little or no change in his activation.

L13: [8] There was a strengthening effect [...]

— tempos verbais:

— uso de verbos no passado: 23 exemplares (A8, P19, L1, L2, L3, L4, L5, L7, L9, L10, L11, L12, L13, L14, L15, L16, L18, L19, L20, L21, L22, L23, L24).

A8: [5] Great apes followed gaze to the ceiling based mainly on the human's head direction (although eye direction played some role as well). [6] In contrast, human infants relied almost exclusively on eye direction in these same situations.

P19: [2] This shift in the party loyalties of the electorate was based on the increased ideological polarization of the Democratic and Republican Parties during the Reagan and post-Reagan eras. [3] Clearer differences between the parties' ideological positions made it easier for citizens to choose a party identification based on their policy preferences.

L14: [3] Metrics of interval standard deviation such as ΔV and ΔC were strongly influenced by speech rate, but rate-normalised metrics of vocalic interval variation, VarcoV and nPVI-V, were shown to discriminate between hypothesised "rhythm classes", as did %V, an index of the relative duration of vocalic and consonantal intervals. [5] VarcoV offered the most discriminative analysis in this part of the study, with %V also suggesting insights into the process of accommodation to second language rhythm.

— uso de verbos no presente: 22 amostras (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A10, A11, A13, P3, P5, P13, P14, P16, P17, P18, P21, P22, P23, L6, L17).

A3: [6] Within the uppermost 4 m of the cave deposits at Gran Dolina, TL and paired TL and IRSL ages range stratigraphically from 198 ± 19 ka to 244 ± 26 ka. [7] Throughout Gran Dolina, all luminescence results are stratigraphically self-consistent and, excepting results from

two stratigraphic units, are consistent with prior ESR-U-series ages from progressively deeper strata. [8] Thermoluminescence ages culminate at 960 ± 120 ka approximately 1 m below the 780 ka B-M boundary. [9] At Galería, with one exception, TL and IRSL ages range stratigraphically downward from 185 ± 26 ka to 503 ± 95 ka at the base of the lowermost surface-inwash facies.

P5: [3] The results indicate that genetics plays an important role in shaping political attitudes and ideologies but a more modest role in forming party identification; as such, they call for finer distinctions in theorizing about the sources of political attitudes.

L6: [3] Using the Aprosodia Battery, which was developed to differentiate left and right hemisphere patterns of affective-prosodic deficits, functional-anatomic evidence is presented in patients with focal ischemic strokes to support the concepts that (1) affective prosody is a dominant and lateralized function of the right hemisphere, (2) the intrahemispheric organization of affective prosody in the right hemisphere, with the partial exception of Repetition, is analogous to the organization of propositional language in the left hemisphere and (3) the aprosodic syndromes are cortically based as part of evolutionary adaptations underlying human language and communication.

Quanto ao seu posicionamento, M4 foi encontrado:

— como primeiro e único movimento do *abstract*: em 3 amostras (A11, A13, P21).

A11: [1] [M4] The late Cenozoic climate of East Africa is punctuated by episodes of short, alternating periods of extreme wetness and aridity, superimposed on a regime of subdued moisture availability exhibiting a long-term drying trend. [2] [M4] These periods of extreme climate variability appear to correlate with maxima in the 400-thousand-year (kyr) component of the Earth's eccentricity cycle. [3] Prior to 2.7 Ma the wet phases appear every 400 kyrs, whereas after 2.7 Ma, the wet phases appear every 800 kyrs, with periods of precessional-forced extreme climate variability at 2.7-2.5 Ma, 1.9-1.7 Ma, and 1.1-0.9 Ma before present. [4] [M4] The last three major lake phases occur at the times of major global climatic transitions, such as the onset of Northern Hemisphere Glaciation (2.7-2.5 Ma), intensification of the Walker Circulation (1.9-1.7 Ma), and the Mid-Pleistocene Revolution (1.0-0.7 Ma). [5] [M4] High-latitude forcing is required to compress the Intertropical Convergence Zone so that East Africa becomes locally sensitive to precessional forcing, resulting in rapid shifts from wet to dry conditions. [6] [M4] These periods of extreme climate variability may have provided a catalyst for evolutionary change and driven key speciation and dispersal events amongst mammals and hominins in East Africa.

Em P21, apesar de o *abstract* iniciar com uma sentença que remete ao sinalizador de M2 (*this paper demonstrates*) o que segue não é o objetivo da pesquisa,

mas sim os resultados encontrados de que mulheres são menos interessadas, informadas e eficientes do que homens no que concerne engajamento político.

P21: [1] [M4] This paper demonstrates that women are less politically interested, informed, and efficacious than men and that this gender gap in political engagement has consequences for political participation. [2] [M4] Only when gender differences in political interest, information, and efficacy are considered along with gender differences in resources can we explain the relatively small disparity between the sexes with respect to political activity. [3] [M4] When we searched for the origins of the gender gap in political engagement, we found that it can be explained only partially by gender differences in factors such as education that are associated with political engagement. [4] [M4] Furthermore, these gender differences in political orientation seem to be specific to politics—rather than the manifestation of general personal attributes. [5] [M4] Investigation of the extent to which the cues received by males and females that politics is a man's world are responsible for the gender gap in political engagement yielded results that were suggestive, but mixed.

— como segundo movimento do corpus: em três amostras (P4, L1, L20). Em P4, M4 ocorreu após M6 e em L1 e L20 após M3.

L1: [1] [M3] Two chronic, nonfluent aphasia patients participated in overt naming fMRI scans, pre- and post-a series of repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) treatments as part of a TMS study to improve naming. [2] [M3] Each patient received 10, 1-Hz rTMS treatments to suppress a part of R pars triangularis. [3] [M4] P1 was a 'good responder' with improved naming and phrase length; P2 was a 'poor responder' without improved naming. [4] [M4] Pre-TMS (10 years poststroke), P1 had significant activation in R and L sensorimotor cortex, R IFG, and in both L and R SMA during overt naming fMRI (28% pictures named).

— como terceiro movimento do corpus depois de M2 e M3: em dezesseis exemplares (A1, A5, P5, P8, P14, P16, P19, L9, L10, L11, L12, L13, L14, L15, L21, L22).

A5: [1] [M1] This contribution provides direct evidence for the use of ochre in adhesive recipes during the Howiesons Poort of South Africa. [2][M3] Stone segments from two KwaZulu-Natal sites were microscopically analyzed to document ochre and resin microresidue occurrences. [3] [M4] These microresidues show a clear distribution pattern on the tool portions that are associated with hafting. [4] [M4] Results from a separate quartz and crystal-quartz sample may indicate that different adhesive recipes were applied to different raw materials.

A única exceção encontrada foi L10, no qual M4 ocorreu após M1 e M3, e não M2 e M3.

L10: [1] [M1] Previous laterality studies have implicated the right hemisphere in the processing of metaphors, however it is not clear if this result is due to metaphoricity per se or another aspect of semantic processing. [2] [M3] Three divided visual field experiments varied metaphorical and literal sentence familiarity. [3] [M4] We found a right hemisphere advantage for unfamiliar sentences containing distant semantic relationships, and a left hemisphere advantage for familiar sentences containing close semantic relationships, regardless of whether sentences were metaphorical or literal.

— como quarto movimento do corpus após M1, M2 e M3: 20 amostras (A2, A3, A4, A7, A8, A10, P3, P13, P17 P18, P24, L2, L3, L4, L7, L8, L16, L18, L19, L24).

A7: [1] [M1] The divergent molar characteristics of *Pan troglodytes* and *Pongo pygmaeus* provide an instructive paradigm for examining the adaptive form-function relationship between molar enamel thickness and food hardness. [2] [M1] Although both species exhibit a categorical preference for ripe fruit over other food objects, the thick enamel and crenulated occlusal surface of *Pongo* molar teeth predict a diet that is more resistant to deformation (hard) and fracture (tough) than the diet of *Pan*. [3] [M2] We confirm these predictions [M3] with behavioral observations of *Pan troglodytes schweinfurthii* and *Pongo pygmaeus wurmbii* in the wild and describe the mechanical properties of foods utilized during periods when preferred foods are scarce. [4] [M4] Such fallback foods may have exerted a selective pressure on tooth evolution, particularly molar enamel thinness, which is interpreted as a functional adaptation to seasonal folivory and a derived character trait within the hominoid clade.

L16: [1] [M1] Research on pause duration has mainly focused on the impact of syntactic structure on the duration of pauses within an utterance and on the impact of syntax, discourse, and prosodic structure on the likelihood of pause occurrence. [2] [M1] Relatively little is known about what factors play a role in determining the duration of pauses between utterances or phrases. [3] [M2] Two experiments examining the effect of prosodic structure and phrase length on pause duration are reported. [4][M3] Subjects read sentences varying along the following parameters: (a) the length in syllables of the intonation phrase (IP) preceding and following the pause, and (b) the prosodic structure of the IP preceding and following the pause, specifically whether or not the IP branches into smaller phrases. [5][M3] In order to minimize variability due to speech rate and individual differences, speakers read sentences synchronously in dyads. [6] [M4] The results showed a significant postboundary effect of prosodic branching and significant pre and postboundary phrase length effects.

— fusão com M3: M4 apareceu em 5 casos de fusão, todos com M3 (P17, P22, L6, L17, L23). Os exemplos já foram discutidos no subtópico anterior, devido a isso não os repetiremos.

— ciclicidade: em dois casos A6 e L14, ambos também já discutidos no subtópico anterior.

O mesmo agrupamento retórico proposto para M3 é proposto aqui. Assim como no movimento anterior, foi possível detectar diferenças não só na recorrência de M4, mas também na forma pela qual os autores estabelecem o movimento. No primeiro grupo (JHE, BL e JPh), a apresentação dos principais resultados da pesquisa é o movimento mais longo, que utiliza maior número de sentenças no abstract, descreve fielmente os achados, presença de numerais, porcentagens e estatística. Já no segundo grupo (CA, APSR e JOP), M4 é breve, apresenta resultados interpretativos e, por esse motivo, o uso de números e porcentagens não é tão comum. Essa diferença se acentua mais ao se comparar a quantidade de palavras usadas entre os grupos para o estabelecimento de M4. Enquanto o primeiro grupo usa 3889 vocábulos na descrição dos achados de pesquisa, o segundo utiliza apenas 862, reforçando a hipótese de que o status de M4 entre os dois grupos é diferente.

Observe os exemplos abaixo, um retirado de JHE e outro de JOP:

A2: [4] [M4] Stratigraphic reasons for earlier uncertainties about the antiquity of the skull are examined, and it is shown not to be an 'intrusive' artifact. [5] [M4] It was probably excavated from fluvial-pond-desiccation deposits that accumulated episodically in a shallow basin immediately behind the cave entrance lip, in a climate that ranged from times of comparative aridity with complete desiccation, to episodes of greater surface wetness, changes attributed to regional climatic fluctuations. [6] [M4] Vegetation outside the cave varied significantly over time, including wet lowland forest, montane forest, savannah, and grassland. [7] [M4] The new dates and the lithostratigraphy relate the Deep Skull to evidence of episodes of human activity that range in date from ca. 46,000 to ca. 34,000 years ago. [8] [M4] Initial investigations of sediment scorching, pollen, palynomorphs, phytoliths, plant macrofossils, and starch grains recovered from existing exposures, and of vertebrates from the current and the earlier excavations, suggest that human foraging during these times was marked by habitat-tailored hunting technologies, the collection and processing of toxic plants for consumption, and, perhaps, the use of fire at some forest-edges.

P18: [4] [M4] When issues are framed in ways that draw attention to a policy's beneficiaries, group-centrism increases; when issues are framed in ways that deflect attention away from the beneficiaries, group-centrism declines.

A2 utiliza cinco sentenças longas para descrever M4, começa apresentando um resultado mais geral “x não é um artefato intrusivo”, e depois descreve resultados mais específicos enquanto os justifica tanto com base em evidências quanto com base em interpretações. Já P8 utiliza apenas uma sentença para M4 e apresenta apenas resultados bem genéricos, somente a leitura do *abstract* não cria uma ideia clara no leitor sobre o que foi feito e descoberto, enquanto os resultados do primeiro grupo são tão detalhados que poderiam até dispensar a leitura do artigo como um todo.

4.1.5 Movimento 5 (M5): Conclusões

O quinto e último movimento, Conclusões, pode trazer a interpretação e discussão dos dados encontrados, encaminhamentos para pesquisas futuras e até mesmo uma avaliação da importância do que foi encontrado para a respectiva área.

M5 foi observado em 43 dos 72 abstracts analisados, ou seja, em 60,5% do corpus. Até o momento, M5 foi o movimento menos recorrente, aproximando-se mais da porcentagem de M1 (65,2%), corroborando pesquisas anteriores na área que argumentam que o movimento de contextualização e de conclusões são movimentos opcionais nos resumos por apresentarem incidência menor. A tabela abaixo mostra a quantificação de M5 no corpus:

	Periódicos	Movimento 5	Porcentagem
Antropologia	JHE	11 de 12	91,6%
	CA	5 de 12	41,6%
	Disciplina	16 de 24	66,6%
Ciências Políticas	APSR	4 de 12	33,3%
	JP	3 de 11	27,2%
	Disciplina	7 de 23	30,4%
Linguística	BL	11 de 12	91,6%

	JPh	9 de 12	75%
	Disciplina	20 de 24	83,3%
Total		43 de 71	60,5%

Tabela 6: Incidência do Movimento 5 no corpus

Seguindo a mesma lógica observada nos movimentos anteriores, diferenças são notadas ao se estudar a recorrência de M5 separadamente em disciplinas e periódicos. Na disciplina de Linguística, M5 aparece 20 dos 24 exemplares analisados, ou seja, quase na totalidade dos *abstracts*. Já em Ciência Política, M5 é encontrado em apenas 7 exemplares de 24. Antropologia aparece como intermediária, apresentando 16 exemplos de M5.

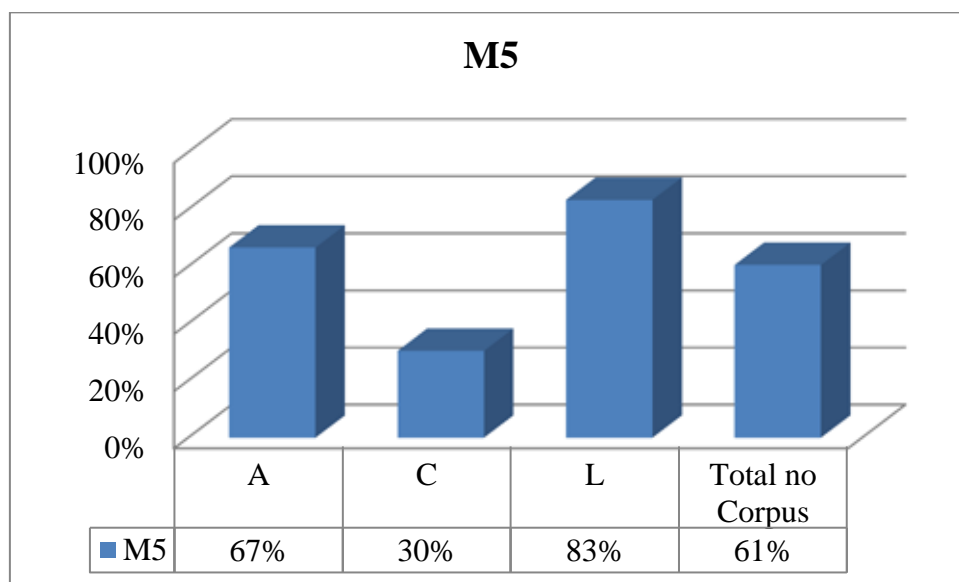


Gráfico 9: Recorrência de M5 por disciplina

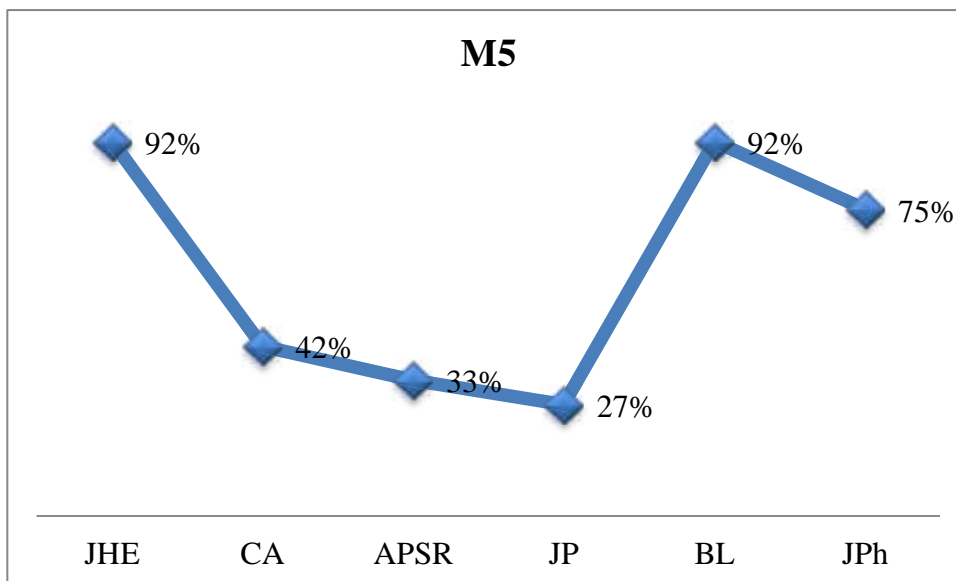


Gráfico 10: Recorrência de M5 por periódico

Observando separadamente os periódicos, novamente, observa-se JHE com recorrência alta deste movimento, mais de 90%, sendo CA o responsável pela queda da porcentagem de M5 na disciplina. Os periódicos de Ciência Política e Linguística são consistentes dentre de suas respectivas disciplinas; ambas publicações de Política apresentam baixa recorrência e ambas de Linguística recorrência alta. M5 não aparece em 28 amostras do corpus (A11, A13, A16, A19, A20, A21, A22, A23, A24, P1, P6, P7, P8, P9, P11, P12, P13, P15, P16, P17, P19, P21, P23, P24, L6, L14, L16, L20).

A justificativa para esse comportamento retórico é o mesmo já mencionado anteriormente: CA, APSR e JOP apresentam exemplares com uma estrutura menos convencional, combinação de apenas 2 ou 3 movimentos, e a presença de M6.

Os sinalizadores linguísticos de M5 são semelhantes às estruturas encontradas em M2, ou seja:

— uso de pronome dêitico ou artigo definido (*This/These/The*) + substantivos que remetes aos achados da pesquisa (*results, findings, data*) + verbo no presente (*suggest, provide, support, demonstrate*)

A22: [10] Taken together the models suggest two competing foraging goals: feeding one's family and gaining social benefits instead. [11] This highlights conflicts of economic interest among family members.

P10: [9] The results provide insight into when rationality assumptions apply and, also, have broad implications for political psychology and experimental methods.

L11: [10] This finding is consistent with reviews suggesting both hemispheres are involved in recovery of language in aphasia patients.

L15: [7] However, and most importantly, this study suggests that [...]

— uso de sujeito pessoal (*I/We*) + verbo:

A10: [12] We conclude that [...]

A17: [4] We consider the question itself spurious, [...]

P5: [4] We conclude by urging political [...]

Quanto ao seu posicionamento, M5 aparece das seguintes formas:

— como segundo movimento do corpus: em A17, após M1

A17: [1] [M1] The time when there were no archaeological data for the Kalahari and the prevailing paradigm persuaded us that all the archives were empty, when presumed foraging peoples were consigned to simplicity in social relations, when we believe we could explain ourselves through evolution alone is long gone. [2] [M1] Neither anthropological knowledge claims nor the peoples upon which those claims are based nor the policy decisions influenced by them are well served by denying this. [3] [M1] Nevertheless, a “Kalahari San debate” has arisen around the question was raised by Fritsch against Passarge’s “revisionism” in the first “Bushman debate” of 1906. [4] [M5] We consider the question itself spurious, arguing that “Bushman” and “San” are invented categories and “Kalahari foragers” an ethnographic reification drawn from one of several subsistence strategies engaged in by all of Botswana’s rural poor.

— como terceiro movimento do corpus: em seis amostras (A9, A8, P2, P4, P10, L1)

A9: [1] [M1] Powerful categories of evidence for symbolically mediated behaviour, variously described as 'modern' or 'cognitively modern' human behaviour, are geometric or iconographic representations. [2] [M1] After 40,000 years ago such evidence is well documented in much of the Old World and is widely considered as typifying 'modern human culture,' but earlier evidence is rare. [3] [M1] In Africa, this includes two deliberately engraved ochre pieces from c. 75,000 year old levels at Blombos Cave, Western Cape, South Africa and the greater than 55,000 year old incised ostrich egg shell

from the Diepkloof shelter, located in the same province. [4] [M2] Here we report on thirteen additional pieces of incised ochre recovered from c. 75,000-100,000 year old levels at Blombos Cave. [5] [M5] These finds, taken together with other engraved objects reported from other southern African sites, suggest that symbolic intent and tradition were present in this region at an earlier date than previously thought.

— como quarto movimento do corpus: em 22 amostras (A1, A5, A6, A12, A14, A15, P5, P14, L9, L10, L11, L12, L13, L15, L16, L17, L18, L19, L21, L22, L23)

P5: [1] [M1] We test the possibility that political attitudes and behaviors are the result of both environmental and genetic factors. [2] [M3] Employing standard methodological approaches in behavioral genetics—specifically, comparisons of the differential correlations of the attitudes of monozygotic twins and dizygotic twins—we analyze data drawn from a large sample of twins in the United States, supplemented with findings from twins in Australia. [3] [M4] The results indicate that genetics plays an important role in shaping political attitudes and ideologies but a more modest role in forming party identification; as such, they call for finer distinctions in theorizing about the sources of political attitudes. [4] [M5] We conclude by urging political scientists to incorporate genetic influences, specifically interactions between genetic heritability and social environment, into models of political attitude formation.

L22: [1] [M2] The influence of information structure on tonal scaling in German is examined experimentally. [2] [M3] Eighteen speakers uttered a total of 2277 sentences of the same syntactic structure, but with a varying number of constituents, word order and focus-given structure. [3] [M4] The quantified results for German support findings for other Germanic languages that the scaling of high tones, and thus the entire melodic pattern, is influenced by information structure. [4] [M4] Narrow focus raised the high tones of pitch accents, while givenness lowered them in prenuclear position and canceled them out postnuclearly. [5] [M4] The effects of focus and givenness are calculated against all-new sentences as a baseline, which we expected to be characterized by downstep, a significantly lower scaling of high tones as compared to declination. [6] [M4] The results further show that information structure alone cannot account for all variations. [7] [M4] We therefore assume that dissimilatory tonal effects play a crucial role in the tonal scaling of German. [8] [M4] The effects consist of final f0 drop, a steep fall from a raised high tone to the bottom line of the speaker, H-raising before a low tone, and H-lowering before a raised high tone. [9] [M5] No correlation between word order and tone scaling could be established.

— como quinto movimento do corpus: em 15 amostras (A2, A3, A4, A7, A8, A10, P3, P18, L2, L3, L4, L5, L7, L8, L24).

P18: [1] [M1] Public opinion on government policy is *group-centric*: that is, strongly influenced by the attitudes citizens possess toward the social groups perceived as the beneficiaries of the policy. [2] [M1] Though commonplace, this mode of political thinking is not inevitable. [3] [M3] In four experiments, [M2] we show that groupcentrism hinges in part on how issues are *framed* in public debate. [4] [M5] When issues are framed in ways that draw attention to a policy's beneficiaries, group-centrism increases; when issues are framed in ways that deflect attention away from the beneficiaries, group-centrism declines. [5] [M5] We conclude by drawing out the implications of these findings for the concept of frame, considered both as a rhetorical weapon in elites' hands and as a cognitive structure in citizens' minds.

L5: [1] [M1] Consistent with a functional role of the motor system in speech perception, disturbing the activity of the left ventral premotor cortex by means of repetitive transcranial magnetic stimulation (rTMS) has been shown to impair auditory identification of syllables that were masked with white noise. [2] [M1] However, whether this region is crucial for speech perception under normal listening conditions remains debated. [3] [M2] To directly test this hypothesis, [M3] we applied rTMS to the left ventral premotor cortex and participants performed auditory speech tasks involving the same set of syllables but differing in the use of phonemic segmentation processes. [4] [M5] Compared to sham stimulation, rTMS applied over the ventral premotor cortex resulted in slower phoneme discrimination requiring phonemic segmentation. [5] [M4] No effect was observed in phoneme identification and syllable discrimination tasks that could be performed without need for phonemic segmentation. [6] [M5] The findings demonstrate a mediating role of the ventral premotor cortex in speech segmentation under normal listening conditions and are interpreted in relation to theories assuming a link between perception and action in the human speech processing system.

— fusão com M3: A18 foi o único caso no qual M5 apareceu em fusão com outro movimento, M3, como já foi discutido no subtópico reference a M3 não o discutiremos novamente.

O agrupamento retórico dos periódicos, conforme já discutido nas seções anteriores, também se repete, fortalecendo a hipótese de que os periódicos JHE, BL e JPh podem ser agrupados como apresentando um comportamento retórico semelhante, enquanto CA, APSR e JOP são outro agrupamento e apresentam outro tipo de comportamento. Enquanto, no primeiro grupo M5 tem uma recorrência alta e quase absoluta nos exemplos analisados, no segundo grupo, M5 apresenta uma incidência baixa, em menos de 50% dos *abstracts* analisados.

4.1.6 Movimento de Estruturação (ME)

O último movimento previsto pelo modelo de 2011 é o de Estruturação, incorporado ao modelo pela sua recorrência no corpus de pesquisa anterior. É interessante notar que os *abstracts* nos quais esse movimento foi encontrado possuem cunho de pesquisa mais interpretativo. Em ME, a informação é apresentada como se seguisse a estrutura do artigo, principalmente, a ordem dos argumentos e afirmações desenvolvidos pelo autor.

A tabela abaixo mostra a recorrência de ME no corpus:

	Periódicos	Movimento E	Porcentagem
Antropologia	JHE	0 de 12	0%
	CA	6 de 12	50%
	Disciplina	6 de 24	25%
Ciências Políticas	APSR	7 de 12	58,3%
	JP	2 de 11	18,1%
	Disciplina	9 de 24	39,1%
Linguística	BL	0 de 12	0%
	JPh	0 de 12	0%
	Disciplina	0 de 24	0%
Total		15 de 71	21,1%

Tabela 7: Recorrência do Movimento 6 no corpus

A recorrência de ME não é alta, pelo contrário, é a mais baixa do corpus. Entretanto, a presença de ME e a forma pela qual sua argumentação é feita nos dá indícios da presença de pesquisas mais reflexivas e interpretativas. Ele somente apareceu em metade dos periódicos do corpus (CA, APSR e JP), fazendo com que esses periódicos tenham mais características parecidas entre si do que com os outros que não o apresentaram (JHE, BL e JPh). Em JOP, ME aparece em apenas dois exemplares, entretanto em CA e APSR ele aparece em 50% e 58,1% do corpus, respectivamente. Ao todo, este movimento está presente em 15 amostras do corpus (A16, A20, A21, A22, A23, A24, P1, P2, P4, P6, P7, P11, P12, P15, P23).

A possibilidade de aplicar ME neste estudo levantou aspectos não observados e/ou não considerados inicialmente. O primeiro aspecto de diferenciação foi quanto a ocorrência de ME com outros movimentos. Na pesquisa de IC, ME não ocorreu com mais nenhum outro movimento, por este motivo foi classificado como movimento único. Já nesta pesquisa, ME não apareceu sozinho, ele sempre aparece em co-ocorrência com outros movimentos.

Outro aspecto observado é que, na realidade, ME não apresenta um conteúdo diferente do esperado nos outros movimentos (M1, M2, M3, M4 e M5). Nos exemplares nos quais observamos ME foi possível depreender o objeto da pesquisa, em alguns casos a metodologia, e o que foi defendido e concluído pelos autores. O que diferencia ME do restante é a forma pela qual este conteúdo é apresentado. Enquanto os sinalizadores linguísticos dos outros movimentos tendem a ser mais objetivos (*this paper presents; the methodology used; the results show/suggest, etc.*) e mostrar ações mais concretas da pesquisa e do pesquisador (*show, examine, analyze*), ME se materializa com elementos menos objetivos e que acabam por focalizar a presença do pesquisador e de suas ações mentais de pensar e interpretar os dados (*argue, hypothesize, think*), tornando a pesquisa e seus achados mais interpretativos e subjetivos.

ME, portanto, não seria um movimento novo para o abstract e sim seria uma nova possibilidade de materialização do conteúdo já esperado nos outros movimentos. Seria uma forma na qual os sujeitos manipulam o gênero e seus elementos linguísticos de forma a atingir efeitos distintos, ao mesmo tempo em que cumpre o esperado pela comunidade. O fato de essa estratégia ter sido observada nos periódicos CA, APSR e JOP reforçam o defendido ao longo deste capítulo de que esses periódicos representam

pesquisas com viés interpretativos, uma vez que essa estratégia de ME cria um efeito de sentido de uma pesquisa mais interpretativa cuja ação do pesquisador é mais valorizada.

A análise de ME foi pautada pelos elementos linguísticos citados anteriormente. Dessa forma, o que influenciou a decisão de considerar ME ou não foi a estruturação do abstract, no sentido de um passo a passo na ordem dos argumentos encontrados no texto, e o paralelismo de estruturas como *We/I argue, hypothesize, discuss, think, interpret*, entre outros.

Nove dos 15 exemplos de ME apresentaram a combinação do movimento com M1:

A20: [1] [M1] The symbolic anthropology that is increasingly ascendant in our discipline takes the study of cultures to be preeminently an interpretive quest. [2] [M6] Although finding much of deep value in it, I argue that our task goes well beyond interpreting cultural meanings and that interpretation itself is fraught with difficulties, some perhaps ultimately intractable. [3] [M6] I suggest that views of culture as collective phenomena need to be qualified by a view of knowledge as distributed and controlled – that we need to ask who creates and defines cultural meanings, and to what ends. [4] [M6] I further suggest that cultures as texts allow alternative readings and that, with our predilection for the exotic, we may read cultural metaphors too deeply.

A combinação M1+ ME foi a mais comum no corpus. No exemplo acima, M1 reivindicou a centralidade do tema em [1], e nas sentenças seguintes, [2],[3], [4], o autor estruturou os argumentos levantados e defendidos por ele, em uma ordem que sugere a seguida por ele no artigo. Além disso, ele utilizou as estruturas linguísticas relacionadas ao movimento: *I argue, I suggest*.

As outras amostras utilizaram a combinação M2 + ME ou ainda M1 + ME + M5:

P7: [1] [M1] This paper reframes our inquiry into voter turnout by making aging the lens through which the traditional resource and cost measures of previous turnout research are viewed, thereby making three related contributions. [2] [M6] (1) I offer a developmental theory of turnout. [3] [M6] This framework follows from the observation that most citizens are habitual voters or habitual nonvoters (they display inertia). [4] [M6] Most young citizens start their political

lives as habitual nonvoters but they vary in how long it takes to develop into habitual voters. [5] [M6] With this transition at the core of the framework, previous findings concerning costs and resources can easily be integrated into developmental theory. [6][M6] (2) I make a methodological contribution by applying latent growth curve models to panel data. [7] [M6] (3) Finally, the empirical analyses provide the developmental theory with strong support and also provide a better understanding of the roles of aging, parenthood, partisanship, and geographic mobility.

Em P7, a primeira sentença do abstract, [1], é a introdução aos objetivos de pesquisa. Todas as outras sentenças do corpus, [2-7] apresentam a estruturação do artigo, que neste caso fica ainda mais explícita pela enumeração proposta pelo autor. Há a estruturação de três ações diferentes feitas pelo autor: oferecer uma teoria, fazer uma contribuição metodológica e, por fim, concluir que a análise empírica proposta promove um melhor entendimento da teoria. Nesta amostra, consegue-se saber qual a metodologia empregada (sentença 6), assim como alguns dos resultados encontrados (sentença 7), mas a forma pela qual o autor apresenta e relaciona as informações desperta no leitor a ênfase na sequência estrutural e lógica do artigo e dos argumentos.

A22: [1] [M1] People who hunt and gather for a living share some resources more widely than others. [2] [M1] A favored hypothesis to explain the differential sharing is that giving up portions of large, unpredictable resources obligates others to return shares of them later, reducing everyone's variance in consumption. [3] [M6] I show that this insurance argument is not empirically supported for Kung. Ache, and Hadza foragers. [4] [M6] An alternative hypothesis is that the cost and not sharing these resources is too high to pay. [5] [M6] If exclusion costs are high, then these resources are like public goods. If so, why does anyone provide them? [6] [M6] I briefly review treatments of the problem of public goods by economists and use a simple model to show why self-interested actors will rarely find the consumption value they place on collective goods sufficient reason to supply them. [7] [M6] The model underlines the obvious corollary that individuals get more to consume if *others* provide collective goods. [8] [M6] This is a reason to prefer neighbors and associates who are suppliers. [9] Such a preference may itself be a benefit worth seeking. I construct another simple model to explore this. [10] [M5] Taken together the models suggest two competing foraging goals: feeding one's family and gaining social benefits instead.

Em A22, a estrutura encontrada é M1 + ME + M5. As sentenças relacionadas a ME [3-8] estruturam uma série de ações do pesquisador na mesma ordem quem estão

dispostas no artigo: (i) mostrar que determinado argumento não é suportado por Kung, (ii) revisar os problemas encontrados e usar um modelo para condução da análise e (iii) construir um outro modelo para explicar os achados.

No que tange a esse movimento, o modelo de 2011 não foi totalmente pertinente. Apesar de o modelo prever o movimento, tendo uma vantagem em relação aos outros modelos da literatura, ele era considerado movimento único, a forma pela qual ocorreu no corpus de pesquisa anterior. Como visto acima, neste corpus ele se combinou com outros movimentos, portanto, a descrição de ME pelo modelo foi parcialmente pertinente.

3.1.7 A hierarquia dos movimentos

A análise da recorrência de cada movimento indicou que a importância de cada um deles para cada publicação é diferente. Para suportar essa interpretação, foi feita uma quantificação do número de palavras utilizadas nos *abstracts* para cada movimento. Parte-se da premissa de que, considerando a quantidade limitada de palavras no abstract, as informações consideradas mais importantes serão as mais desenvolvidas e, conseqüentemente, serão as que apresentam maior quantidade de palavras.

O corpus possui o total de 13478 palavras, 4854 palavras na disciplina de Antropologia, com média de 202 vocábulos por *abstract*; 3680 em Ciência Política e média de 160 vocábulos por periódico; e 4944 em Linguística, com média de 206 palavras por periódico. Apesar dos periódicos restringirem o número de palavras, foi comum os *abstracts* estourarem esse limite, utilizando mais palavras que o recomendado.

No corpus como um todo, a maior porcentagem de palavras foi utilizada para o movimento de resultado (33% de todas as palavras do corpus), seguido de

contextualização (20%), metodologia (14%), estruturação (13%), objetivos (10%) e conclusões (10%).

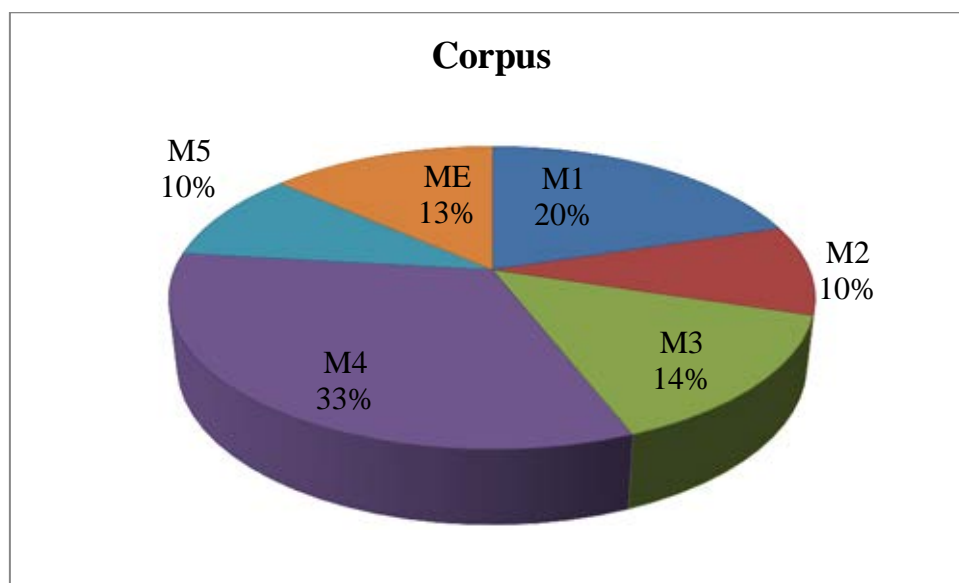


Gráfico 11: Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos

Os movimentos de objetivo e conclusão foram os que apresentaram menor uso de palavras. Ambos os movimentos foram os menores do corpus, normalmente estabelecidos apenas por uma sentença, e no caso de M2, até menos de uma sentença considerando as estruturas de fusão. Apesar de M1 ser uma das menores recorrências do corpus, devido à sua função introdutória de estabelecer a pesquisa, utiliza um número de palavras maior, uma vez que é o movimento que exige maior esforço retórico do autor. Metodologia e Estruturação são os movimentos mais descritivos. Por fim, resultados é o movimento com mais palavras, o que se justifica por esse movimento trazer a novidade da pesquisa, e logo, a informação que mais interessa ao meio acadêmico.

Todas as análises baseadas no corpus total, sem distinção de disciplina ou periódico, corroboraram pesquisas anteriores sobre *abstracts*. M1 e M5 como movimentos mais acessórios para o gênero, por causa de sua menor recorrência, e M3 e M4 como movimentos obrigatórios por apresentarem as informações de maior interesse

para a academia, como a pesquisa foi feita (permitindo a repetição do experimento) e quais os resultados encontrados (novidade). Contudo, ao separarmos essa análise pelos periódicos, notam-se duas tendências no corpus. Como já discutido anteriormente, o corpus apresenta dois agrupamentos distintos quanto ao seu comportamento retórico. Esse agrupamento reforça-se com esta quantificação de palavras, mostrando, mais uma vez, que os periódicos JHE, BL e JPh comportam-se de uma forma, enquanto CA, APSR e JOP de outra. Os gráficos abaixo apresentam as porcentagens da quantidade de palavras por movimento em JHE, BL e JPh:

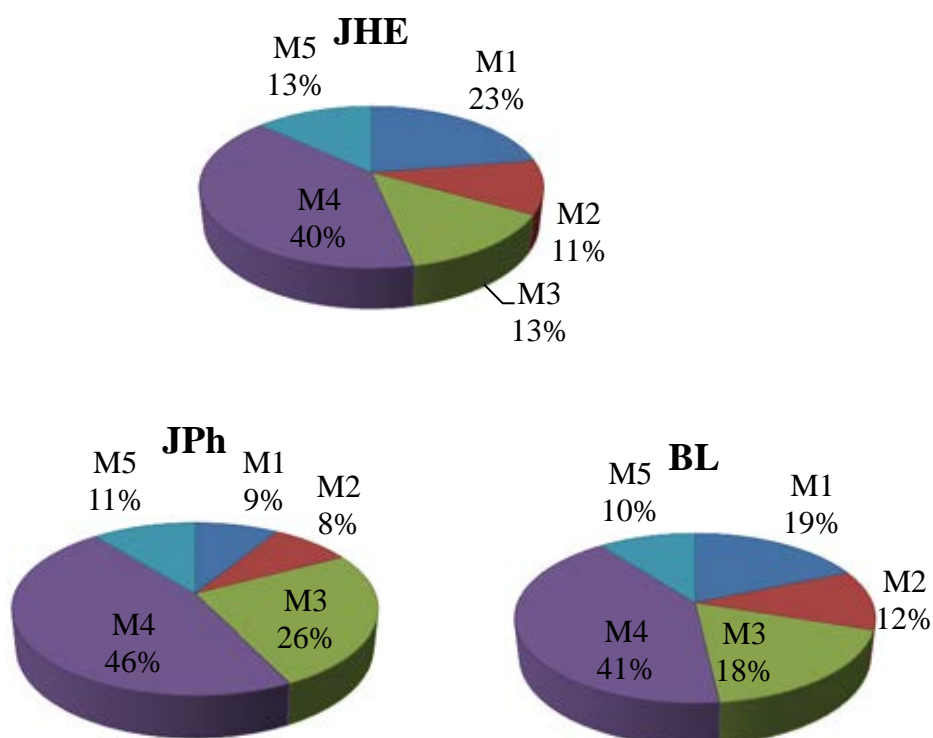


Gráfico 12: Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (Grupo 1)

A porcentagem de palavras destinadas a cada movimento é muito semelhante nos três periódicos, os gráficos apresentam, basicamente, a mesma divisão de cores. A maior diferença encontrada foi em M1 e M3: JPh apresentou recorrência baixa de contextualização em seus *abstracts* (33,3%), motivo pelo qual a porcentagem destoou. M3 compensa a falta de palavras de M1 em JPh, é como se todas as palavras que não usadas para M1 tivessem sido empregadas em M3.

JOP é um caso atípico do corpus, pois seu comportamento é híbrido. Suas recorrências e a quantificação de palavras o aproxima de JHE, BL e JPh, como pode ser visto no gráfico abaixo:

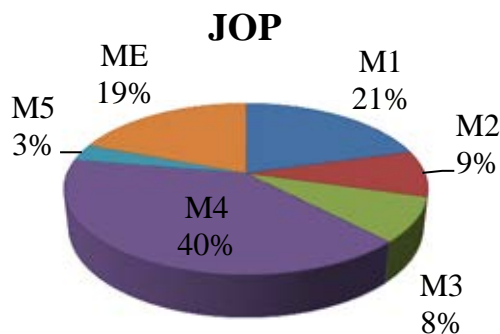


Gráfico 13: Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (JOP)

Contudo, a presença de ME e a natureza dos métodos e resultados encontrados nele, aproxima-o de CA e APSR, como argumentado anteriormente. Agrupamos JOP com CA e APSR, uma vez que compartilham uma visão mais aproximada na forma de conceber e fazer pesquisa.

Os gráficos de CA e APSR mostram uma divisão de cores semelhantes: grande parte das palavras foi utilizada para estabelecimento de ME (40%). Todos os movimentos possuem quantificação parecidas, exceto M2 que utilizou apenas 3% das palavras de CA, justificando-se pela recorrência baixa do movimento neste periódico.

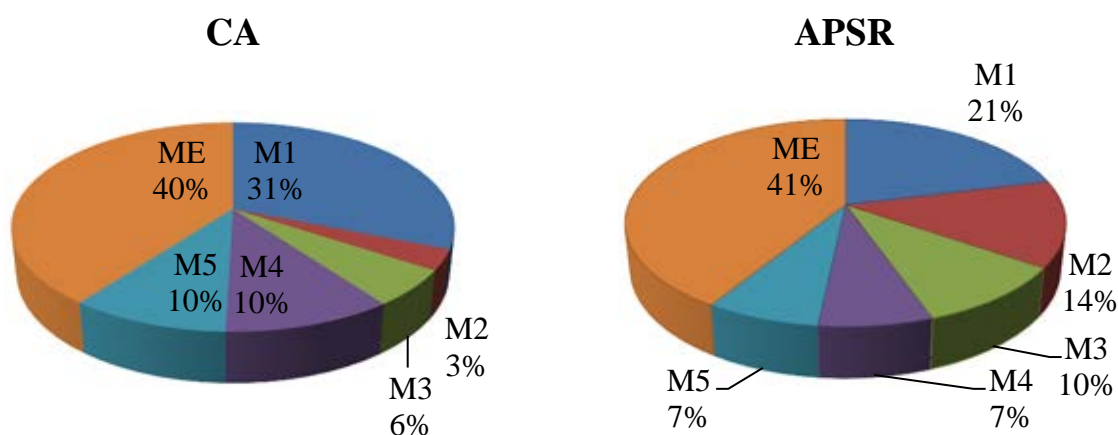


Gráfico 14: Porcentagem de palavras no corpus dividida por movimentos (Grupo 2)

A última análise proposta neste relatório foi inspirada na pesquisa de Martín (2003) que analisou, em média, quantos movimentos retóricos os *abstracts* de seu corpus usavam. Aplicando esta análise neste corpus, tem-se que:

	Periódicos	Um mov.	Dois mov.	Três mov.	Quatro mov.	Cinco mov.	Seis Mov.
Antropologia	JHE	1	0	1	3	7	0
	CA	1	7	2	2	0	0
	Disciplina	2	7	3	5	7	0
Ciências Políticas	APSR	0	3	6	2	1	0
	JOP	1	2	3	4	1	0
	Disciplina	1	5	9	6	2	0
Linguística	BL	0	0	2	4	6	0
	JPh	0	1	1	4	6	0
	Disciplina	0	1	3	8	12	0
Total		3	13	15	19	21	0

Tabela 8: Quantidade de movimentos retóricos utilizados no corpus

Esta última análise retórica corrobora, mais uma vez, o agrupamento retórico dos periódicos. Enquanto em JHE, BL e JPh foi padrão o uso dos movimentos 4 e 5 movimentos para a escrita do abstracts, em CA, APSR e JOP foi mais comum o uso dos movimentos 2 e 3 movimentos.

Essa discrepância pode levantar questões sobre a validade do modelo, uma vez que em cada disciplina o abstract é materializado de formas diferentes. Entretanto, a posição defendida aqui é que a função do modelo é oferecer instrumentos e subsídios necessários para que o pesquisador iniciante consiga começar a fazer parte da comunidade que almeja pela conscientização das práticas de pesquisa e escrita esperadas. Bhatia (2004) afirma que há duas formas de o pesquisador iniciante se tornar um expert em seu meio: por meio da experiência e por meio da observação. A sistematização dos gêneros através dos modelos permite que este pesquisador comece a se familiarizar com as práticas por meio da estabilidade, para que ao longo do seu desenvolvimento e de sua experiência, manipule o gênero pela dinamicidade.

O modelo é uma estrutura genérica que deve compreender o maior número de possibilidades, a fim de que possa ser validado em um maior número de contextos possíveis, afinal não seria instrumental nem viável a criação de um modelo para cada disciplina ou subdisciplina existente, seria um trabalho homérico. Além disso, as estruturas mais gerais previstas no modelo só fazem sentido quanto pensadas em função de um contexto e em consonância com os aspectos sociais da comunidade discursiva. São essas características sociais que direcionam o modelo e o tornam viável por validá-lo e/ou modificá-lo por meio do uso. É o contexto que restringirá dentre as opções fornecidas quais são as melhores e mais aceitas.

Pensar em um modelo geral que não se transforme quando inserido em contextos diferentes, é retroceder décadas de estudo e pesquisa e postular o gênero como algo estático e imutável, apenas como um tipo texto com traços fixos e padrões.

O princípio do modelo não é prescrever e sim descrever. É instrumentalizar por meio do estável e do padrão, mas apenas como um andaime. Somente pela conscientização do que é esperado é que o pesquisador pode desenvolver consciência dos seus espaços de ação dentro da comunidade e do gênero, e começar a manipulá-lo a fim de alcançar tanto as convenções pré-estabelecidas quanto seus propósitos individuais.

3.2 Stance: a emersão da escritor

A última análise linguística proposta nesta pesquisa é calcada nos estudos de Hyland (1998, 2002, 2005, 2012). Ele defende que o uso de *hedges* e *boosters* oferece pistas sobre a forma pela qual as disciplinas concebem o fazer científico. Em linhas gerais, disciplinas exatas e biológicas compartilham alguns pressupostos, tais como valorização da objetividade na escrita em detrimento da subjetividade, que influenciam diretamente na escrita. Essa crença na objetividade contrapõe-se às premissas das

Ciências Humanas e Sociais, conhecidas por serem mais flexíveis quanto a presença da voz do autor do texto e ao reconhecimento do papel e da influência do pesquisador na pesquisa.

O uso de palavras de tais categorias é recorrente e comum em todas as disciplinas, o que muda é a quantidade de vezes em que são usadas. Os dados da pesquisa de Hyland suportam o indício de que os *hedges* aparecem com mais frequência do que os *boosters* em todas as disciplinas, independente de sua natureza. Entretanto, nas Ciências Exatas e Biológicas, a frequência de *hedges* é menor comparado com as Ciências Humanas e Sociais. Além disso, *boosters* são mais facilmente encontrados na primeira.

Para esta análise, utilizamos a mesma lista de palavras usada por Hyland (2012). Esta lista é composta por 115 *hedges*, dos quais 55 foram observados no corpus, e 80 *boosters*, dos quais 37 foram encontrados nas amostras de *abstracts*. Os termos foram buscados por meio da ferramenta Concord, do programa WordSmith Tools, conforme explicado na metodologia desta dissertação.⁶⁷ Dentre todos os vocábulos analisados destacam-se por causa de sua maior presença no corpus os *hedges suggest* e suas conjugações de pessoas e tempos verbais (24 exemplos), *most* (23 exemplos), *may* (22 exemplos) *relatively* (10 exemplos), *argue*, *could*, *rather* e *would* (8 exemplos cada). Quanto aos *boosters*, destacam-se *show/shows/showed* (44 exemplos), *evidence* (21 exemplos), *demonstrate* e suas variações de pessoa e tempo (12 exemplos) e *consistent with* (9 exemplos)

Dentre todos os movimentos analisados, a recorrência de tais termos boosters é maior em M4, resultados. O resultado é o que mostra o novo da pesquisa, logo um maior uso de *stance* se justifica pela necessidade do autor convencer o leitor de suas

⁶⁷ Os anexos IV e VII trazem a lista integral dos stances analisados e a recorrência em cada abstract.

interpretações, tanto por meio de estratégias que fortificam o apresentado, aproximando-o de um fato, quanto por meio da modalização do que está sendo dito. Os exemplares abaixo trazem em grifo simples os *hedges* e negrito *boosters*.

A4: [1] **M1** Few Middle Stone Age sites have yielded convincing evidence for a complex bone technology, a behavior often associated with the emergence of modern cultures. [2] **M2** Here, we review the published evidence for Middle Stone Age bone tools from southern Africa, analyze an additional nine bone artifacts recently recovered from Middle Stone Age levels at Blombos Cave, describe an unpublished bone tool from probable Middle Stone Age levels at Peers Cave, examine a single bone awl found at Blombosch Sands (an open site near Blombos Cave), and reappraise marked bone artifacts and a bone point recovered from Klasies River. [3] **M2** To determine the chronological and cultural attribution of these artifacts, document bone-manufacturing techniques associated with the southern African MSA, and discuss the symbolic significance of the markings present on some of these objects **M3** we use (1) available contextual information; (2) morphometric comparison of Later Stone Age, Modern San, and purported Middle Stone Age projectile points; (3) analysis of the carbon/nitrogen content of bone tools and faunal remains from Peers and Blombos caves; and (4) microscopic analysis of traces of manufacture and use. [4] **M4** Previously undescribed bone artifacts from Blombos Cave include a massive point manufactured on weathered bone, two complete awls and two awl tips manufactured on small-sized mammal and bird bone, a probable projectile point with a tang manufactured by knapping and scraping, a shaft fragment modified by percussion, used as retoucher and bearing a set of incised lines on the middle of the periosteal surface, and two fragments with possible engravings. [5] **M4** The point from Peers Cave can be assigned to the Middle Stone Age and bears tiny markings reminiscent of those recorded on projectile points from Blombos and used as marks of ownership on San arrow points. [6] **M4** The awl from Blombosch Sands and the bone point from Klasies River can be attributed to the Later Stone Age. [7] **M4** Two notched objects from Klasies are attributed to the Middle Stone Age and interpreted as tools used on soft material; a third object bears possible deliberate symbolic engravings. [8] **M4** Although low in number, the instances of bone artifacts attributable to the Middle Stone Age is increasing and demonstrates that the bone tools from Blombos Cave are not isolated instances. [9] **M5** New discoveries of bone tools dating to this time period can be expected.

P2: [1] **M1** One of the most important developments over the past three decades has been the spread of liberal economic ideas and policies throughout the world. [2] **M1** These policies have affected the lives of millions of people, yet our most sophisticated political economy models do not adequately capture influences on these policy choices. [3] **M1** Evidence suggests that the adoption of liberal economic practices is highly clustered both temporally and spatially. [4] **ME** We hypothesize that this clustering might be due to processes of policy diffusion. [5] **ME** We think of diffusion as resulting from one of two broad sets of forces: one in which mounting adoptions of a policy alter the benefits of adopting for others and another in which adoptions provide policy relevant information about the benefits of adopting. [6] **ME** We develop arguments within these broad classes of mechanisms, construct appropriate measures of the relevant concepts, and test their effects on liberalization and restriction of the current account, the capital account, and the exchange rate regime. [7] **M5** Our findings suggest that domestic models of foreign economic policy making are insufficient. [8] **M5** The evidence shows that policy transitions are influenced by international economic competition as well as the policies of a country's sociocultural peers. [9] **M5** We interpret the latter influence as a form of channeled learning reflecting governments' search for appropriate models for economic policy.

L11: [1] **M3** Five nonfluent aphasia patients participated in a picture-naming treatment that used an intention manipulation (opening a box and pressing a button on a device in the box with the left hand) to initiate naming trials and was designed to re-lateralize word production mechanisms from the left to the right frontal lobe. [2] **M2** To test the underlying assumption regarding re-lateralization, **M3** patients participated in fMRI of category-member generation before and after treatment. [3] **M4** Generally, the four patients who improved during treatment showed reduced frontal activity from pre- to post-treatment fMRI with increasing concentration of activity in the right posterior frontal lobe (motor/premotor cortex, pars opercularis), demonstrating a significant shift in laterality toward the right lateral frontal lobe, as predicted. [4] **M4** Three of these four patients showed no left frontal activity by completion of treatment, indicating that right posterior lateral frontal activity supported category-member generation. [5] **M4** Patients who improved in treatment showed no difference in lateralization of lateral frontal activity from normal controls pre-treatment, but post-treatment, their lateral frontal activity during category-member generation was significantly more right lateralized than that of controls. [6] **M4** Patterns of activity pre- and post-treatment suggested increasing efficiency of cortical processing as a result of treatment in the four patients who improved. [7] **M4** The one patient who did not improve during treatment showed a leftward shift in lateral frontal lateralization that was significantly different from the four patients who did improve. [8] **M4** Neither medial frontal nor posterior perisylvian re-lateralization from immediately pre- to immediately post-treatment images was a necessary condition for significant treatment gains or shift in lateral frontal lateralization. [9] **M4** Of the three patients who improved and in whom posterior perisylvian activity could be measured at post-treatment fMRI, all maintained equal or greater amounts of left-hemisphere perisylvian activity as compared to right. [10] **M5** This finding is consistent with reviews suggesting both hemispheres are involved in recovery of language in aphasia patients.

O estudo geral de *stance* no corpus, sem dividir as recorrências em *hedges* e *boosters*, mostra uma porcentagem parecida em JHE, CA, APSR e JOP.⁶⁸ De todas as palavras existentes em cada periódico (100%), são *stance* 3,27% dos vocábulos de JHE, 3,28% os de CA; 3,12% os de APSR e 3,02% os de JOP. Em Linguística, essa porcentagem cai para 1,59% em BL e 2,55% em JPh.

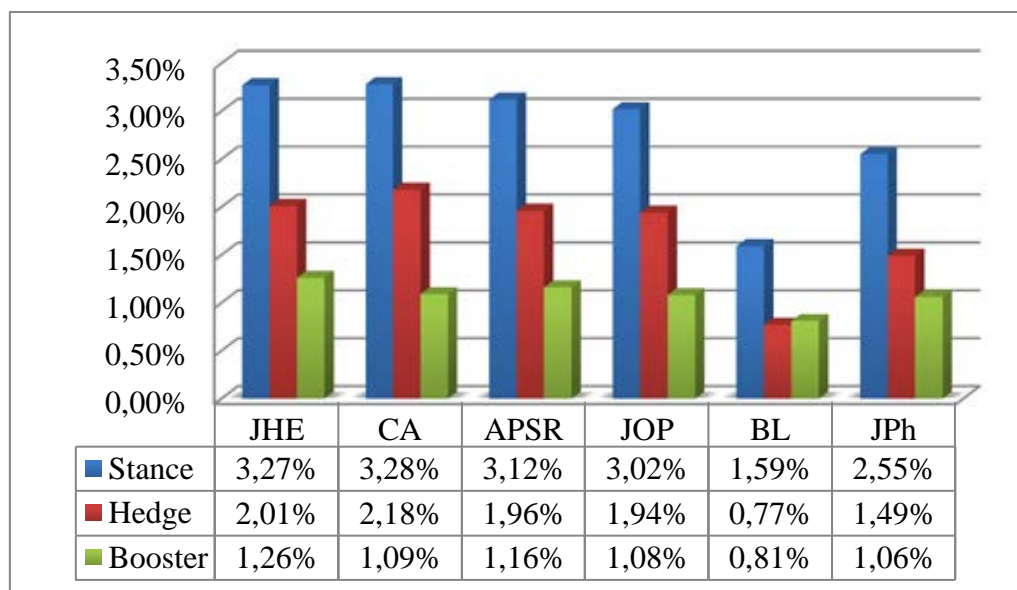


Gráfico 15: Porcentagem de Stance, hedges e boosters no corpus

A análise de *hedges* e *booster* no corpus alinha-se com os achados de Hyland. Assim como o defendido pelo autor, os *hedges* foram mais recorrentes no corpus, sua porcentagem foi mais ou mesmo a mesma para todos os periódicos, exceto BL e JPh. Quanto aos *booster*, a recorrência também seguiu um mesmo padrão em todos os periódicos, merecendo atenção BL, cujo uso de *booster* foi maior que o de *hedges* e JHE que apresentou a maior recorrência de *booster* dentre os seis periódicos.

Outro ponto que é importante salientar é que enquanto as pesquisas de Hyland lidaram com gêneros retirados de disciplinas de todas as áreas do conhecimento, aqui lidamos apenas com disciplinas humanas, o que torna a análise de diferenças, seja elas

⁶⁸ Para mais detalhes sobre a análise de Stance no corpus, consulte os anexos IV e VII.

linguística ou retóricas, mais sutil, uma vez que elas são parte um território comum, e estão agrupadas nele por dividirem certos traços constitutivos. O argumento principal feito aqui para justificar os achados do corpus é que apesar de dividirem esse mesmo território e partirem de um ponto comum, cada periódico estudado ocupa diferentes fronteiras com outras disciplinas e áreas, o que agrega características pertencentes a outros domínios.

De maneira sutil, esta análise corrobora nossos argumentos anteriores da existência de dois agrupamentos retóricos. Discutindo primeiramente CA, APSR e JOP, vê-se por meio dos gráficos que eles apresentam porcentagens bem parecidas no que tange a recorrência de *hedges* e *boosters*. O uso de *hedges* também é mais comum que o de *boosters* nos três periódicos. No grupo 1, BL e JPh possuem recorrência baixa de *hedges* e ainda menor de *boosters*. JHE apresenta recorrência de *hedges* parecida com os periódicos do grupo 2, contudo, faz mais uso de *boosters*, realinhando-o novamente com seu grupo.

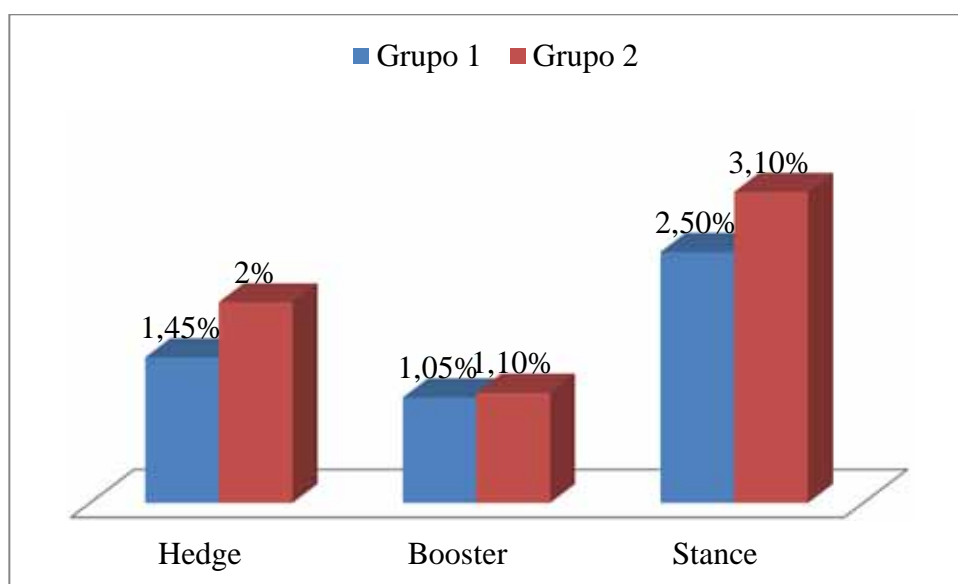


Gráfico 16: Porcentagem de *stance*, *hedge* e *booster* pelo agrupamento retórico do corpus

O gráfico acima agrupa os número de stance, hedges e booster de acordo com o agrupamento proposto no corpus. Pode-se ver que, como já alertado, apesar de sutil e das recorrências não terem sido muito diferentes uma das outras, o grupo 1 (JHE, BL e JPh) tem, no geral, recorrência ligeiramente menor de stance, e principalmente de hedges, e o grupo 2 (CA, APSR, JOP) recorrência maior. Cruzando estes dados com os de Hyland, podemos estabelecer um paralelo que suporta os argumentos defendidos ao longo desta análise: os periódicos do grupo 1 comportam-se, retórica e linguisticamente, de forma mais semelhante a disciplinas exatas e biológicas por causa das influências que recebem de seus “vizinhos”, o do grupo 2 se comporta da mesma forma, mas suas características são reforçadas por outras disciplinas Humanas e Sociais.

O objetivo deste capítulo foi apresentar a análise e a interpretação do corpus de pesquisa, com base nos conceitos apresentados no capítulo de Fundamentação Teórica e seguindo a organização e os critérios previsto no capítulo de Metodologia. Na sequência, o último capítulo que compões essa dissertação: Considerações Finais.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quis mudar tudo. Mudei tudo. Agora, pós-tudo, ex-tudo mudo.
Augusto de Campo

Do momento de elaboração do projeto até a escrita desta dissertação algumas ideias e perguntas iniciais a respeito do conceito de gênero e do gênero *abstract* foram modificadas. Como reforçado nos capítulos anteriores, a ideia desta pesquisa de mestrado é fruto de uma pesquisa conduzida em nível de Iniciação Científica, por essa razão já havia certa fundamentação teórica e algumas hipóteses e formulações a respeito do gênero *abstract*, sua importância e sua veiculação dentro de uma comunidade.

O objetivo principal desta pesquisa foi comparar *abstracts* retirados das disciplinas de Antropologia, Ciência Política e Linguística, situadas dentro das Ciências Humanas e Sociais, área muitas vezes negligenciada nos estudos do gênero. Uma das perguntas de pesquisa que nortearam este estudo foi se haveria ou não diferenças na materialização retórica e linguística do gênero *abstract* nas disciplinas analisadas, mesmo pertencentes a uma mesma grande área de conhecimento.

O capítulo de fundamentação teórica desta dissertação apresentou os principais conceitos teóricos da Análise de Gênero, na linha sociorretórica, na perspectiva de Swales (1990, 1992, 2004) e Bhatia (1993, 2004). Além disso, discute noções das abordagens da Nova Retórica e Gêneros entre disciplinas que passaram a ser consideradas nesta pesquisa como auxílio para análise e entendimento das evidências linguístico-discursivas do corpus. Nesta revisão, destacam-se Bazerman (2006, 2009, 2010) e Miller (1984, 2011) e as discussões em torno da Nova Retórica, na linha sócio-interativa, assim como Hyland (1998, 2002, 2005, 2012) e Becher e Trowler (2001) com questões relacionadas aos Gêneros entre disciplinas. Por fim, propôs-se uma descrição do *abstract*, tanto em seus elementos retóricos quanto linguísticos, revisando

as informações correntes na literatura sobre este gênero a fim de auxiliar a análise de dados.

Dentre os pontos discutidos nesse capítulo, as principais ideias revisadas e aplicadas na análise foram as relações de hierarquia e rede de gêneros (SWALES, 2004), a problematização do conceito de comunidade discursiva e sua importância (SWALES, 1990, 2004; BIASI-RODRIGUES, 2009), a noção de subgênero (BHATIA, 1993, 2004), o equilíbrio entre estabilidade e mudança constituindo os gêneros (SWALES, 2004; BHATIA, 2004; BAZERMAN, 2006, 2009, 2010), as diferenças entre o pesquisador experiente e o iniciante no que concerne a *expertise* (SWALES, 2004; BHATIA, 2004; BAZERMAN, 2006, 2009, 2010) e as influências das disciplinas no discurso acadêmico (BECHER E TROWLER, 2001; HYLAND, 1998, 2002, 2005, 2012).

O capítulo 2, Metodologia, descreveu as características de todos os instrumentos usados ao longo de nosso estudo: os traços constitutivos das disciplinas, assim como subdivisões em subdisciplinas e linhas de pesquisa; os periódicos escolhidos, qual seu fator de impacto para área, regras editoriais e guias para autores; e os *abstracts* analisados, filiações teóricas, extensão, quantidade de autores, entre outros. Um dos principais objetivos desse capítulo foi mostrar ao leitor a heterogeneidade constitutiva de cada uma das disciplinas estudadas aqui e como isso se reflete e se relaciona com os periódicos analisados, embasando os achados do capítulo 3, o qual mostrou que há tanto diferenças linguísticas quanto retóricas na materialização do *abstract* entre as disciplinas, respondendo assim as perguntas de pesquisa.

O comportamento retórico observado contrariou uma das expectativas iniciais de que essas diferenças seriam observadas entre as disciplinas (ex: os periódicos de Antropologia apresentariam características semelhantes, diferenciando-se dos de

Linguística), quando na realidade as diferenças foram observadas dentro delas. O que foi marcante em nosso corpus de pesquisa foi a influência das subdisciplinas e suas fronteiras dentro da área. A literatura dos estudos do gênero mostra que há muitas diferenças quando comparamos especialmente disciplinas situadas em grandes áreas do conhecimento distintas. Apesar de mais sutis, tentamos mostrar ao longo do capítulo 3 que é possível achar diferenças retóricas até mesmo dentre disciplinas inseridas em uma mesma orientação, no caso, das Ciências Humanas e Sociais.

A análise de dados apontou para um agrupamento retórico de periódicos no corpus. De um lado, apresentando recorrência retórica, aspectos linguísticos e combinações de movimentos parecidos, tem-se JHE, BL e JPh e, de outro, CA, APSR e JOP. Esse agrupamento, de início, foi problemático, uma vez que ele não seguiu a divisão das disciplinas.

Durante o aprofundamento das leituras em Análise de Gênero e também em outras abordagens, a heterogeneidade não só entre as disciplinas, mas dentro delas se destacou. Todas as disciplinas são heterogêneas em sua natureza, elas não são orientadas por apenas uma teoria, uma metodologia e uma forma de fazer pesquisa. Ao contrário, as Ciências Humanas e Sociais são palco de debates e embates entre diversas perspectivas e conseguem estudar o mesmo objeto, o ser humano, de formas bastante distintas. Essas características se repetem dentro de cada disciplina. Como argumentado no capítulo de Metodologia, as três disciplinas apresentam subdivisões em orientações e linhas de pesquisas, cada qual responsável por fragmentar ainda mais o objeto de estudo das Humanas e estudá-lo de forma cada vez mais específica.

Essas subdivisões nas áreas faz com que elas se posicionem em locais diferentes, fazendo fronteiras com outras áreas e disciplinas. As fronteiras das Ciências Humanas são mais permeáveis e osmóticas, permitindo uma troca maior com o que está ao seu

redor. JHE e CA posicionam-se em lugares bem distintos dentro da Antropologia. Enquanto o primeiro se foca em questões evolutivas e arqueológicas, relacionando-o com as linhas de pesquisa de Antropologia Biológica e Arqueologia, e em relação direta com disciplinas biológicas e exatas, o segundo volta-se para questões antropológicas culturais e sociais, alinhando-se com a linha de pesquisa da Antropologia Cultural, e privilegiando o contato com outras disciplinas humanas, tais como Política, História e Sociologia.

A fronteira entre as disciplinas citadas faz com que as subdisciplinas de Antropologia Biológica e Arqueologia agreguem traços mais característicos das Ciências Exatas e Biológicas, como metodologias mais longas e detalhadas, com procedimentos focados em análises laboratoriais e evidências físicas, e presença de vários resultados, especialmente com número e porcentagens.

Já a Antropologia Cultural se entrelaça com outras disciplinas e subdisciplinas das Ciências Humanas, caracterizando-se por um viés mais interpretativo. Ao contrário de JHE, portanto, em CA prioriza-se a interpretação dos fatos do que a prova deles, por esse motivo os movimentos de contextualização, estruturação e conclusão são mais recorrentes e importantes para esse periódico. Os jornais de Ciência Política não apresentam essa diferenciação no escopo de pesquisa, ambos se interessam pelos mesmos assuntos, colocando-se em uma mesma fronteira não só quanto à disciplina, mas, principalmente, quanto à subdisciplinas.

As duas publicações de Linguística, coincidentemente, também apresentam forte intersecção com disciplinas biológicas, como, por exemplo, neurologia e fisiologia. Como ambas ocupam uma mesma fronteira no contato com as Ciências Biológicas, também apresentam a mesma organização e estruturas retóricas. Por esse motivo, os periódicos dessas disciplinas não se diferenciaram quanto a sua retoricidade. Talvez se

os periódicos de Linguística apresentassem focos diferentes, como, por exemplo, um voltado para aspectos neurológicos da fala e outro para questões de educação, essas diferenças retóricas e linguísticas também seriam observadas.

Apesar de JHE ser de Antropologia, suas fronteiras são mais próximas dos periódicos de Linguística, fazendo com que tenha mais características comuns com eles do que com seu “irmão” CA. As fronteiras, portanto, como discutido por Becher e Trowler (2001), provam ser uma questão de grande importância nos estudos do gênero entre disciplinas.

Com essas considerações, percebeu-se mais claramente a relação de auto-alimentação entre as políticas editoriais de cada periódico e as atividades desenvolvidas por cada comunidade que representam. Todas as instruções encontradas nas regras editoriais sobre o que fazer ou evitar, implicam no que é considerado padrão e prestigioso para a comunidade na qual o periódico circula. Ao mesmo tempo perpetuam essas características ao incentivar os autores e pesquisadores a se guiarem por elas na escrita do artigo e do *abstract*.

De um lado, há o argumento de que a existência de regras e modelos ajuda na padronização do discurso acadêmico, tornando-o mais acessível para os pesquisadores de todos os lugares do mundo, facilitando não só a leitura destes textos, mas, principalmente, a escrita deles. De outro lado, essa padronização sufoca outras formas de fazer pesquisa que poderiam se mostrar até mais eficientes do que a atual. Pensando no indivíduo pesquisador, o excesso de regras e do que é considerado aceito ou não pela comunidade pode ser um facilitador, pois uma vez que essas práticas são dominadas e as convenções internalizadas, ele já tem condições de se estabelecer dentro de sua comunidade. Em contrapartida, até que o pesquisador internalize essas convenções, elas também representam um obstáculo, uma vez que ele/ela ainda não apresenta destreza

necessária para lidar com elas. Além disso, o excesso de regras dificulta a expressão de um lado mais criativo da escrita científica, já que se corre o risco de rejeição ao propor algo novo e que não segue o pré estabelecido.

Apesar de o propósito norteador neste momento não ter sido a criação de uma proposta pedagógica, os achados desta pesquisa permitem, como encaminhamentos futuros, que um de seus pontos de aplicabilidade seja a criação e elaboração de um ou mais módulos de um curso de escrita voltado para alunos e pesquisadores notadamente das disciplinas estudadas. Teoricamente, talvez fosse possível relacionar cada uma das três abordagens utilizadas aqui como um estágio do processo de ensino do gênero.

Em um primeiro estágio, a Análise de Gênero, permitindo a discussão sobre o contexto atual de pesquisas, conscientização sobre a comunidade discursiva e suas expectativas influenciando o gênero e, não menos importante, a instrumentalização do aluno por meio dos modelos de estruturas retóricas e elementos linguísticos relacionados a elas.

Em um segundo estágio, os Gêneros entre Disciplinas, permitindo ao aluno uma reflexão mais aprofundada de como essas estruturas retóricas e elementos linguísticos podem variar de acordo com o contexto das disciplinas, e como essas nuances representam a forma consagrada de fazer pesquisa de cada disciplina e/ou subdisciplinas. E, por fim, a Nova Retórica, utilizada no sentido de aumentar a consciência do pesquisador que já aprendeu as características essenciais do gênero e consegue cumprir suas funções dentro de sua comunidade, mas que precisa desenvolver sua criatividade ao lidar com o gênero.

Salienta-se que apesar de falarmos em “estágio”, não há como separar pontualmente o emprego de cada abordagem neste processo, na realidade elas são postas em uma relação contínua e cíclica, na qual o uso de uma sobrepõe-se ao uso da

outra. Talvez uma orientação teórica mista ajude o pesquisador em suas diversas fases de amadurecimento acadêmico: de sua iniciação no que é considerado estável e padrão até sua ascensão a expert no uso do gênero.

Além disso, um curso baseado nesses moldes, voltado para ensinar o gênero como uma entidade viva e dinâmica, pode ajudar na conscientização de que o *abstract* não é apenas uma representação do artigo, um simples apanhado das ideias principais do texto. Por meio do *abstract* é possível enxergar e apreender um número de informações a respeito do posicionamento da disciplina dentro da sua área, a relação entre a disciplina com outras, as características da comunidade na qual esse gênero circula, como fazem pesquisa, o que é padrão ou não.

O *abstract* em sua complexidade não é um tipo de texto, com uma estrutura fixa e com um propósito definido. Pelo contrário, ele é moldado pela heterogeneidade constitutiva das áreas e disciplinas, lapidado pelas expectativas das comunidades discursivas, esculpido pelas exigências dos periódicos e suas regras editoriais e, não menos importante, manipulado pelos autores a fim de cumprir seus propósitos individuais. Apesar de sua curta extensão, é inegável seu equilíbrio entre estabilidade e mudança, padronização e estilização. É inegável seu status de gênero do discurso acadêmico.

Referências:

AMERICAN POLITICAL SCIENCE REVIEW: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://journals.cambridge.org/action/displayJournal?jid=PSR&tab=mostdownloaded#a>>

ARANHA, S. *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos da área de Química*. 1996. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

ARANHA, S. *Contribuições para a introdução acadêmica*. 2004. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista – Campus de Araraquara, 2004.

ASKEHAVE, I; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. *Applied Linguistics*, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.

BATHIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. Longman Group UK, 1993.

BAZERMAN, C. *Gênero, agência e escrita*. In: HOFFNAGEL, J. C. & DIONISIO, A. P. (Trad./Org.). São Paulo: Cortez, 2006.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais: tipificação e interação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BAZERMAN, C. *Shaping Written Knowledge – The Genre and Activity of the Experimental Article in Science Rhetoric of the Human Services*. III, 1998.

BAZERMAN, C. *The informed writer using sources in the disciplines*. Fort Collins, Colo: WAC Clearinghouse, 2010.

BAZERMAN, C.; MILLER, C. *Bate Papo Acadêmico*. Angela Paiva Dionisio, Carolyn Miller, Charles Bazerman, Judith Hoffnagel (orgs), v.1. Recife: 2011.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. In: DIONISIO, A. P. & HOFFNAGEL, J.C. (Trad./Org.). São Paulo: Cortez, 2005.

BECHER, T; TROWLER, P. *Academic tribes and territories: intellectual enquiry and the culture of disciplines*. 2ed. Buckingham: Society for Research into Higher Education & Open University Press, 2001.

BHATIA, V.K. *Worlds of Written Discourse: Integrating Research Methods*. London: Continuum, 2004.

BIASI-RODRIGUES, B. et all. *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BIASI-RODRIGUES, B. O papel do propósito comunicativo na Análise de Gênero: diferentes versões. *Linguagem em (dis)curso*, v. 12, n. 1, 2012, p. 729-742.

BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. Propósito comunicativo em análise de gênero. *Linguagem em (dis)curso*, v. 12, n. 1, 2012, p. 231-249.

BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina, PR: Moriá, 2004.

BRAIN AND LANGUAGE: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://www.journals.elsevier.com/brain-and-language/most-cited-articles/>>

BRAZILIAN SCIENCE ON THE RISE. Acessado em: 10 nov 2012. <<http://sciencewatch.com/ana/fea/09julaugFea/>>

CARSTENS, A. *The effectiveness of genre-based approaches in teaching academic writing: subject-specific versus cross-disciplinary emphases*. 2009. (Doctoral in Linguistics) University of Pretoria, South Africa, 2009

CARVALHO, G. A Nova retórica. IN: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 130-149.

CIENTISTAS PRECISAM SABER ESCREVER AFIRMA EDITOR. Acessado em: 05 dez 2012. <<http://agencia.fapesp.br/15832>>

COFFIN, C; DONAHUE, J.P. Academic Literacies and systemic functional linguistics: How do they relate? *Journal of English for Academic Purposes*, v. 11, p. 64-75, 2012.

CURRENT ANTHROPOLOGY: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://www.jstor.org/action/showMostCitedArticles?journalCode=curranth>>

DUDLEY-EVANS, T. Genre analysis: A key to a theory of ESP? *Ibérica*, v. 2, p. 3-11, 2000.

DUSZAK, A. Academic discourse and intellectual styles. *Journal of Pragmatics*, v. 21, n.3, p.291-313, 1995.

FLOWERDEW, J. Scholarly writers who use English as an additional language: what can Goffman “stigma” tell us? *English for Specific Purposes*, v.7, p. 77-86, 2008.

GIL, B. Comparação entre resumos e seus respectivos *abstracts* publicados em revistas brasileiras sobre Tradução. Relatório de Iniciação Científica. São José do Rio Preto: Fapesp. Fevereiro de 2011.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais IN: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 108-129.

HYLAND, K. *Boosting, hedging and the negotiation of academic knowledge*. TEXT 18 (3), 1998, p. 349-382.

HYLAND, K. *Metadiscourse – exploring interaction in writing*. London: Continuum, 2005.

HYLAND, K. 2012. *Disciplines and Discourse: Social Interactions in Construction of Knowledge*. In: Starke-Myerring, Doreen, Paré, Anthony, Artemeve, Natasha, Horne, Miriam, and Yousoubova Lariss (Eds.) (2011). *Writing in knowledge societies. Perspectives on Writings*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press. p. 193-214.

HYLAND, K. *Directives: Argument and Engagement in Academic Writing*. Applied Linguistics, 23/2, 2002, p. 215-239.

HYNNIDEN, N.; MAURANEN, A.; RANTA, E. English as an academic lingua franca: the ELFA project. *English for Specific Purposes*, v.29, p.183-190, 2010.

JAMES, C. Genre in Translation Studies. *O ensino da tradução*. In: ANAIS DO 3º ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, p. 28-41, Porto Alegre, 1987.

JOHNS, T. *It is presented initially: linear dislocation & interlanguage strategies in brazilian academic abstracts in English and Portuguese*. University of Birmingham, UK, 1991.

JOHNS, A. *Introduction*. In: JONHS, A. (2012) *Genre in the classroom*. Mahway, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. p. 3-13.

JOURNAL OF HUMAN EVOLUTION: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://www.journals.elsevier.com/journal-of-human-evolution/most-cited-articles/>>

JOURNAL OF PHONETICS: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012. <<http://www.journals.elsevier.com/journal-of-phonetics/most-cited-articles/>>

JOURNALS RANKED BY IMPACT: LINGUISTICS. Acessado em: 05 dez 2012. <http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/08/oct26-08_2/>

JOURNALS RANKED BY IMPACT: POLITICAL SCIENCE. Acessado em: 05 dez 2012. <http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/09/mar29-09_1/>

MARCONI, M.A. *Antropologia: uma introdução*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTIN, P. M. A genre analysis of English and Spanish research paper abstracts in experimental social sciences. *English for Specific Purposes*, v.22, p.25-43, 2003.

MILLER, C. Genre as social action. *Quarterly journal of speech*, v. 70, p. 151-167, 1984.

MOTTA-ROTH, D. Uma análise transdisciplinar do gênero *abstract*. *Intercâmbio*, v. VII, p. 125-134, 1998.

NIDA, E. Sociolinguistic implications of academic writing. *Language in Society*, p. 477- 485, 1992.

PRODUCAO CIENTIFICA CRESCE 56% NO BRASIL. Acessado em: 30 jan 2012. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u561181.shtml>>

RIBEIRO, G.C.B. Tradução Técnica, Terminologia e Linguística de Corpus: a ferramenta WordSmith Tools. *Cadernos de Tradução*, p. 159-174, 2004.

SAMRAJ, B. An exploration of a genre set: Research article abstracts and introductions in two disciplines. *English for Specific Purposes*, v.24, p. 141-156, 2005.

SOBRE O VOLUME E IMPACTO DE PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS. Acessado em: 3 de agosto de 2011. <<http://sufnec.wordpress.com/2010/02/22/sobre-volume-e-impacto-de-publicacoes-brasileiras/>>

SUPATRONONT, P. Developing a writing template of research article abstract: A corpus-based method. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, v. 66, p. 144-156, 2012.

SWALES, J. *Research genre: Explorations and Applications*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004.

SWALES, J. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J.; FEAK, C. B. *Abstract and the Writing of Abstracts*. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

SWALES, J.; FEAK, C. B. *Academic writing for graduate students*. Michigan: The University of Michigan Press, 1994.

SWALES, J.; VAN BONN, S. English and French journal abstracts in the language sciences: Three exploratory studies. *Journal of English for Academic Purposes*, v.6, p. 93-108, 2007.

TARDY, C. The role of English in Scientific Communication: lingua franca ou Tyrannosaurus rex? *Journal of English for Academic Purposes*, v.3, p.247-269, 2004.

THE JOURNAL OF POLITICS: MOST CITED ARTICLES. Acessado em: 20 mai 2012.<<http://journals.cambridge.org/action/displayJournal?jid=JOP&tab=mostcited#ta>>

TOP 20 COUNTRIES: CITATIONS IN FIVE-YEAR INCREMENTS. Acessado em: 10 nov 2012.<<http://sciencewatch.com/dr/cou/2012/12janALLgraphs>>

TOP 20 COUNTRIES: IN ALL FIELDS. Acessado em: 10 nov 2012.<<http://sciencewatch.com/dr/cou/2011/11decALL/>>

TOP 20 JOURNALS IN ANTHROPOLOGY. Acessado em: 05 dez 2012.<http://archive.sciencewatch.com/dr/sci/11/jun12-11_1D/>

TSENG, F. Analysis of Move Structure and Verb Tense of Research Article Abstract in Applied Linguistic Journals. *International Journal of English Linguistics*, v. 1, p.27-39, 2011.

TURNER, J. Language as academic purpose. *Journal of English for Academic Purposes*, v.3, p. 95-109, 2004.

YAKHONTOVA, T. Cultural and disciplinary variation in academic discourse: The issue of influencing factors. *Journal of English for Academic Purposes* v. 5. 2006. p. 153-167.

ANEXO I
DADOS DOS ABSTRACTS

Resumo	Nº de autores	Nº de sentenças	Nº de linhas	Nº de palavras	Data de publicação	Volume	Número
A1	2	9	23	286	Nov 2008	55	5
A2	27	8	30	376	Mar 2007	52	3
A3	6	12	27	317	Aug 2008	55	2
A4	2	9	29	381	Fev 2007	52	2
A5	1	6	11	129	Out 2007	53	4
A6	6	16	26	317	Mai 2007	52	5
A7	6	7	18	215	Jul 2008	55	1
A8	4	7	14	174	Mar 2007	52	3
A9	3	5	12	147	Jul 2009	57	1
A10	2	13	27	328	Mar 2007	52	3
A11	6	6	15	193	Nov 2007	53	5
A12	3	8	18	221	Aug 2007	53	2
A13	2	7	15	197	Abr 1995	36	2
A14	19	5	11	135	Abr 1998	29	2
A15	16	4	11	126	Ago 1992	33	4
A16	3	5	9	119	Fev 1996	37	1
A17	12	4	11	134	Dez 1990	31	5
A18	22	3	9	99	Abr 1990	31	2
A19	1	3	7	94	Jun 1995	36	3
A20	9	5	12	156	Abr 1987	28	2
A21	4	4	11	125	Fev 1996	37	1
A22	10	12	18	245	Ago 1993	34	4
A23	1	9	22	287	Fev 1995	36	1
A24	1	5	9	123	Jun 1995	36	3
P1	2	6	14	185	Fev 2003	97	1
P2	2	9	17	219	Fev 2004	98	1
P3	4	7	14	156	Fev 2004	98	1
P4	2	4	7	107	Set 1995	89	3
P5	3	4	11	124	Mai 2005	99	2
P6	1	4	13	151	Mai 2004	98	2
P7	1	7	12	151	Mar 2002	96	1
P8	3	6	15	180	Fev 2004	98	1
P9	1	4	9	105	Mar 2002	96	1
P10	1	9	13	164	Nov 2004	98	4
P11	2	6	13	128	Fev 2005	99	1
P12	3	6	17	215	Mai 2004	98	2
P13	2	6	12	175	Abr 2008	70	2
P14	2	6	12	158	Nov 1996	58	4
P15	2	9	17	227	Nov 1991	53	4
P16	4	4	10	119	Ago 1997	59	3
P17	1	6	11	138	Mai 1998	60	2
P18	1	5	9	118	Nov 1996	58	4

P19	2	4	9	111	Ago 1998	60	3
P21	3	5	12	83	Nov 1997	59	4
P22	2	4	6	183	Aug 1994	56	3
P23	1	5	12	169	Fev 1993	55	1
P24	2	7	12	175	Jul 2008	70	3
L1	11	18	27	473	Out 2009	111	1
L2	4	7	16	192	Fev 2007	100	2
L3	5	6	19	217	Out 2008	107	1
L4	5	8	25	293	Mar 2007	100	3
L5	3	6	12	173	Out 2009	111	1
L6	2	3	13	145	Jan 2008	104	1
L7	5	6	11	152	Mai 2009	109	2-3
L8	4	6	20	223	Jun 2007	101	3
L9	5	7	14	161	Fev 2007	100	2
L10	3	4	10	103	Fev 2007	100	2
L11	12	10	22	310	Nov 2009	111	2
L12	5	7	11	133	Fev 2007	100	2
L13	3	10	18	206	Abr 2007	35	2
L14	2	5	14	163	Out 2007	35	4
L15	3	7	17	224	Abr 2008	36	2
L16	1	7	13	166	Abr 2007	35	2
L17	2	5	20	269	Out 2007	34	4
L18	5	8	18	205	Out 2009	37	4
L19	2	8	14	176	Jan 2008	36	1
L20	4	6	13	144	Abr 2008	36	2
L21	5	8	19	225	Out 2008	36	4
L22	2	9	15	200	Out 2008	36	4
L23	3	6	14	168	Jan 2009	37	1
L24	2	7	19	199	Out 2008	36	4

ANEXO II
FILIAÇÕES TEÓRICAS

A1	Antropologia, Laboratório de Radiocarbono.
A2	Arqueologia, Geografia.
A3	Evolução Humana, Pré-Histórica, Ciências da Terra.
A4	Geologia, Evolução Humana, Antropologia.
A5	Estudos Históricos, Ciências Humanas.
A6	Paleobiologia, Biomedicina, Evolução.
A7	Biologia Comportamental.
A8	Antropologia Evolutiva.
A9	Arqueologia.
A10	Evolução Humana.
A11	Geologia, Geocronologia.
A12	Antropologia, Evolução Humana, Paleontologia.
A13	Evolução Humana, Fósseis, Adaptação Humana.
A14	Arqueologia Cognitiva.
A15	Demografia, Biologia Reprodutiva, Crescimento Populacional.
A16	Economia, Arqueologia, Política Econômica.
A17	Política Econômica, Arqueologia.
A18	Estudos femininos.
A19	Antropologia do corpo, Economia das Emoções.
A20	Teoria Cultural, Estrutura Social, Linguagem.
A21	Economia Política, Etnologia, Pesquisa Cross-Cultural, Sociedades Complexas.
A22	Ecologia Humana, Comportamento humano, Sociedade.
A23	Antropologia Social.
A24	Antropologia Cognitiva, Comportamento Humano, Sociedade.
P1	Ciências Políticas, Guerra Civil.
P2	Ciências Políticas Governamentais.
P3	Política, Governo.
P4	Ciências Políticas.
P5	Ciências Políticas, Governo, Relações Públicas.
P6	Ciências Políticas.
P7	Ciências Políticas, Sociologia.
P8	Ciências Políticas, Relações Públicas.
P9	Ciências Políticas, Jornalismo, Comunicação.
P10	Ciências Políticas.
P11	Ciências Políticas, Filosofia, Relações Internacionais.
P12	Política, Ciências Políticas.
P13	Ciências Políticas.
P14	Ciências Políticas.
P15	Ciências Políticas.
P16	Ciências Políticas.
P17	Saúde Política.
P18	Ciências Políticas.
P19	Ciências Políticas.
P21	Ciências Políticas.

P22	Ciências Políticas.
P23	Ciências Políticas.
P24	Ciências Políticas.
L1	Neurologia.
L2	Psicologia, Cognição cerebral.
L3	Biomedicina, Psicologia, Neurociência, Cognição.
L4	Psicologia, Psiquiatria, Neurologia, Biomedicina.
L5	Neurologia, Cognição.
L6	Neurologia.
L7	Neurologia, Afasia, Bilinguismo.
L8	Neurociência, Psiquiatria.
L9	Neuropsiquiatria.
L10	Psicologia.
L11	Neurologia, Psiquiatria.
L12	Psiquiatria, Neurobiologia.
L13	Psicolinguística.
L14	Psicologia Experimental.
L15	Fonética, Psicolinguística.
L16	Linguística.
L17	Linguística.
L18	Cognição Humana, Ciência do Cérebro.
L19	Fala, Patologia.
L20	Fala, Psicologia.
L21	Fonética, Fonologia.
L22	Linguística.
L23	Fonética.
L24	Fonética.

Anexo III – EM CD

ANEXO IV
LISTA DE PALAVRAS PARA A ANÁLISE DE STANCE NO DISCURSO ACADÊMICO

*Os termos grifados em negrito são os que tiveram uma ou mais recorrência no corpus de análise. Os termos não grifados foram analisados, mas não ocorreram no corpus. Entre parênteses, o número de vezes que o termo apareceu.

Hedges				
	Claims (2)	In most instances	Perhaps (2)	Somewhat
About (12)		In my view	Plausible	Suggest (14)
Almost (1)	Could (8)	In our opinion	Plausibly	Suggested (1)
Apparent (1)	Could not	In our view	Possible (6)	Suggests (9)
Apparently	Doubt	In this view	Possibly	Suppose
Appear (3)	Doubtful	Indicate (5)	Postulate	Supposed
Appeared	Doubtless	Indicated (1)	Postulated	Supposes
Appears (1)	Essentially	Indicates (2)	Postulates	Suspect
Approximately (1)	Estimate	Interpret (2)	Presumable	Suspects
Argue (8)	Estimated	Interprets	Presumably	Tend to
Argued	Estimates (1)	Largely (2)	Probable (3)	Tended to (1)
Argues (1)	Fairly	Least (3)	Probably (1)	Tends to
Around (1)	Feel	Likely (3)	Propose (2)	Theoretically (3)
Assume (1)	Feels	Mainly (4)	Quite	To my knowledge
Assumed (2)	Felt	May (22)	Rare (1)	Typical
Assumes (1)	Frequently	Maybe	Rarely (1)	Typically
Assumption (5)	From my perspective	Might (3)	Rather (8)	Uncertain
Broadly (2)	From our perspective	More or less	Relatively (10)	Uncertainly
Certain amount	From this perspective	Most (23)	Roughly	Unclear
Certain extent	General (3)	Mostly	Seems	Unclearly
Certain level	Generally (4)	Not necessarily (1)	Seem (2)	Unlikely
Certain that	Guess	Often (8)	Sense (2)	Usually (1)
Certainly	In general (1)	On the whole	Should (5)	Would (8)
Claim (1)	In most cases			

Claimed	In my opinion	Ought	Sometimes (2)	Would not (1)
Boosters				
Actually	Decidedly	In fact (1)	Obviously	Think (1)
Always (1)	Definitely	Incontestable	Of course	Thinks
Believe (1)	Definite	Incontestably	Predict (2)	Thought (2)
Believed	Demonstrate (5)	Incontrovertible	Prove	True (2)
Believes	Demonstrated (3)	Incontrovertibly	Proved	Truly
Beyond doubt	Demonstrates (4)	Indeed (1)	Proves	Unambiguously
Certain (1)	Determine (3)	Indisputable	Realize	Unarguably
Certainly	Doubtless	Indisputably	Realized (1)	Undeniable
Clear (2)	Establish (1)	Inevitable (1)	Realizes	Undeniably
Clearly (2)	Established (2)	Know	Really	Undisputedly
Conclude (5)	Evidence (21)	Known (3)	Show (20)	Undoubtedly
Conclusively	Evident (1)	Must (2)	Showed (14)	Unequivocal
Confirm (2)	Evidently	Necessarily (1)	Shows (6)	Unmistakably
Consistent with (9)	Find (3)	Never	Shown (4)	Unquestionably
Convincing (1)	Finds (1)	No doubt	Sure	Will (7)
Convincingly	Found (8)	Obvious (1)	Surely	Without doubt

ANEXO V
QUANTIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS POR PERIÓDICOS E DISCIPLINAS

	M1	M2	M3	M4	M5	M6	Ordem dos movimentos	Quantidade de movimentos	Total de Palavras
A1 -	0	16	31	194	45	0	M2, M3, M4, M5	4	286
A2 -	79	50	44	175	28	0	M1, M2, M3, M4, M5	5	376
A3 -	87	20	3	107	100	0	M1, M3/M2, M4, M5	5	317

A4 -	24	107	49	188	13	0	M1, M2/M3, M4, M5	5	381
A5 -	0	20	16	54	39	0	M2, M3/M2, M4, M5	4	129
A6 -	91	24	83	103	16	0	M1, M2, M3, M4, M3, M4, M5	5	317
A7 -	71	19	14	85	26	0	M1, M2/M3, M4, M5	5	215
A8 -	52	13	37	37	35	0	M1, M2/M3, M3, M4, M5	5	174
A9 -	95	20	0	0	32	0	M1, M2, M5	3	147
A10 -	91	29	61	98	49	0	M1, M2, M3, M4, M5	5	328
A11 -	0	0	0	193	0	0	M4	1	193
A12 -	104	14	76	0	27	0	M1, M3/M2, M3, M5	4	221
	694	332	414	1234	410	0	3084		3084
A13 -	0	0	0	197	0	0	M4	1	197
A14 -	30	5	64	0	36	0	M1, M2/M3, M3, M5	4	135
A15 -	65	11	17	0	33	0	M1, M3/M2, M5	4	126
A16 -	20	0	0	0	0	99	M1, M6	2	119
A17 -	99	0	0	0	35	0	M1, M4	2	134
A18 -	51	0	24	0	24	0	M1, M3/M5	3	99
A19 -	76	18	0	0	0	0	M1, M2	2	94
A20 -	21	0	0	0	0	135	M1, M6	2	156
A21 -	37	0	0	0	0	88	M1, M6	2	125
A22 -	46	0	0	0	57	142	M1, M6, M5	3	245
A23 -	135	0	0	0	0	152	M1, M6	2	287
A24 -	0	25	0	0	0	98	M1, M6	2	123
	580	59	105	197	185	714	1840		1840
A	1274	391	519	1431	595	714	4924		4924

P1 -	34	0	0	0	0	0	0	0	0	151	M1, M6	2	185
P2 -	68	0	0	0	57	94	M1, M6, M5	3	219				
P3 -	35	36	29	38	18	0	M2, M1, M3, M4, M3/M5	5	156				
P4 -	0	0	0	11	16	80	M6, M4, M5	3	107				
P5 -	0	18	43	39	24	0	M2, M3, M4, M5	4	124				
P6 -	33	6	19	0	0	93	M1, M2/M3, M6	4	151				
P7 -	0	32	0	0	0	119	M2, M6	2	151				
P8 -	0	77	56	47	0	0	M2, M3, M4	3	180				
P9 -	32	47	26	0	0	0	M1, M3/M2, M3/M2	3	105				
P10 -	113	31	0	0	20	0	M1, M2, M5	3	164				
P11 -	83	0	0	0	0	45	M1, M6	2	128				
P12 -	0	8	14	0	0	193	M6, M2/M3	3	215				
	398	255	187	135	135	775	1885		1885				
P13 -	33	14	14	114	0	0	M3/M2, M1, M4	4	175				
P14 -	24	0	41	81	12	0	M2, M3, M4, M5	4	158				
P15 -	60	0	0	0	0	167	M1, M6	2	227				
P16 -	0	32	13	74	0	0	M2, M3/M2, M4	3	119				
P17 -	49	11	23	55	0	0	M1, M2/M3, M3/M4	4	138				
P18 -	38	15	3	30	32	0	M1, M3/M2, M4, M5	5	118				
P19 -	0	29	17	65	0	0	M3/M2, M4	3	111				
P21 -	0	0	0	155	0	0	M4	1	155				
P22 -	29	0	10	35	9	0	M1, M3/M4, M4, M5	3	83				
P23 -	37	0	0	0	0	146	M1, M6	2	183				
P24 -	68	15	17	69	0	0	M1, M2, M3, M4	4	169				

	338	143	138	651	53	313	1636		1636
P	736	398	325	786	188	1088	3521		3521
L1 -	0	0	47	389	37	0	M3, M4, M5	3	473
L2 -	78	33	33	19	29	0	M2, M3, M1, M4, M5	5	192
L3 -	47	15	54	79	22	0	M1, M2/M3, M1, M4, M5	5	217
L4 -	93	38	81	55	26	0	M1, M2, M3, M4, M5	5	293
L5 -	60	5	30	40	38	0	M1, M2/M3, M4, M5	5	173
L6 -	53	75	17	0	0	0	M1, M3/M4	3	145
L7 -	61	24	13	33	21	0	M1, M3/M2, M4, M5	5	152
L8 -	56	74	30	45	18	0	M1, M2, M3, M4, M5	5	223
L9 -	0	13	46	81	21	0	M3/M2, M4, M5	4	161
L10 -	33	0	11	33	26	0	M1, M3, M4, M5	4	103
L11 -	0	7	62	222	19	0	M3/M2, M2/M3, M4, M5	4	310
L12 -	0	13	40	69	11	0	M2, M3, M4, M5	4	133
	481	297	464	1065	268	0	2575		2575
L13 -	0	14	72	95	25	0	M2, M3, M4, M5	4	206
L14 -	0	14	75	74	0	0	M2/M3, M4, M3, M4	3	163
L15 -	0	29	59	106	30	0	M2/M3, M3, M4, M5	4	224
L16 -	58	16	65	18	9	0	M1, M2, M3, M4	4	166
L17 -	98	0	25	99	47	0	M1, M3/M4, M5	4	269
L18 -	0	28	73	63	41	0	M2, M3, M4, M5	4	205
L19 -	0	27	45	83	21	0	M2, M3, M4, M5	4	176
L20 -	0	0	66	78	0	0	M2, M4	2	144
L21 -	0	22	31	138	34	0	M3/M2, M4, M5	4	225

L22 -	0	13	25	151	11	0	M2, M3, M4, M5	4	200
L23 -	25	28	6	86	23	0	M2, M1, M3/M4, M5	5	168
L24 -	24	7	56	99	13	0	M1, M2/M3, M4, M5	5	199
L	205	198	598	1090	254	0	2345		2345
	686	495	1062	2155	522	0	4920		4920
Total no corpus	2696	1284	1906	4372	1305	1802	13365		13365

ANEXO VI
REALIZAÇÕES LINGÜÍSTICAS DO CORPUS

	M1	M2	M3	M4	M5	M6	FUSÃO	Ciclicidade
A1 -	-	This paper combines	By x, y	we have established we confirm, x are observed x is characterized	Not extreme as proposed Leaves ample room for application	-	-	-
A2 -	Recent research suggests that ...	This paper presents	X has been developed through AMS-dating using x	It is shown X are examined X suggest	X demonstrates sophisticated	-	-	-
A3 -	X is of great importance to y. However x have been difficult to date	To fine-silt fractions To test	We applied We also applied	All results are self-consistent These results indicate that	This suggests y	-	X to y X to y	-

A4 -	X have yield y	We review Analyze Describe Examine reappraise	We use (4 métodos diferentes)	X can be attributed to X is increasing and demonstrate y	New discoveries can be expected	-	To determine and discuss x, we used y	-
A5 -	-	This contribution provides	X were analyzed	Results may indicate X show	The evidence presented expand	-	X to y	-
A6 -	It has been proposed that One hypothesis, a second hypothesis There have been relatively few attempts	This paper uses x to y	A x was created The model was modified (2 etapas de metodologia)	This suggests X may have evolved Appears to be consistent with	More functional studies are needed	-		Sim M3, M4, M3, M4
A7 -	X provide y Although x, y	We confirm these predictions... And describe	With behavioral observations By comparing	X is interpreted as We discuss X gaze y In contrast, y relied	This data fill an important void These results demonstrate and suggest	-	Confirm with x	-
A8 -	Human have x One hypothesis	In the current study, we tested that hypothesis	-	-	These findings suggest	-	X by comparing y	-
A9 -	Powerful categories are representations Earlier evidence is rare In Africa, this includes	Here we report x	-	-	-	-	-	-
A10 -	X is widely cited	We present	We measured	Our results	We conclude	-	-	-

	However, it is difficult to measure		These were processed	show	Our analysis does not support			
A11 -	-	-	-	The late Cenozoic is punctured Appear to correlate These may have provide	-	-	-	-
A12 -	The x is punctuated by A few researchers have proposed	Here we use...to show	We use These test are based We compare	-	We conclude	-	We use...to show	
A13 -	-	-	-	There is no significant correlation The hypothesis suggest The incorporation was essential	-	-	-	-
A14 -	X is hampered by an absence of directly relevant data	This paper approaches	By constructing It is then applied to show	-	Some of the implications are briefly considered	-	By X to y	Sim M2/M3 M3 M3/M2
A15 -	X and y presuppose that	This paper explores	Using simple-models	-	One conclusion is	-	Using x, this paper	-

	However, fundamental conceptual problems confound						that				
A16 -	Ideology is ...	We argue that	We illustrate this process	-	-	-	-	Enumeração dos argumentos usados (this process makes it possible. Ideology becomes)	-	-	-
A17 -	The time when persuaded us X has arisen around the question	-	-	-	-	We consider the question spurious	-	-	-	-	-
A18 -	Recent studies have sought In this revisionism, there is danger	-	Examination of the different historical experiences	-	-	Suggests that	-	-	M3, M5	-	-
A19 -	In x truths we hold Cultural relativism is no longer appropriate	This paper is an attempt to imagine	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A20 -	The symbolic anthropology is	-	-	-	-	-	-	I argue that, I suggest that, I	-	-	-

	increasingly ascendant								further suggest		
A21 -	Current x is inadequate because it lacks	We propose a remedial program	We lay out a behavioral theory	-	-	-	-	-	We argue that	-	-
A22 -	People who hunt A favored hypothesis	-	-	Taken together the models suggest	It is a direct challenge	-	-	-	I show that An alternative hypothesis I briefly review	-	-
A23 -	In the contemporary debate Anthropology needs	-	-	-	-	-	-	-	I argues I conclude	-	-
A24 -	-	This paper examines	-	-	-	-	-	-	The current model The problems involved An argument is made	-	-
P1 -	An influential convention holds...	-	-	-	-	-	-	-	We show that We also find We argue	-	-
P2 -	One of the most developments has been Evidence suggest	-	-	-	Our finding suggest The evidence shows	-	-	-	We hypothesize We think We develop	-	-
P3 -	Scholars have addressed with	We address two research problems	We measure With analysis,	Variability reveals	We show how x can mislead.	-	-	-	-	M3, M5	Sim M2, M1,

	uneven success		simulation, and cross-national surveys	Monte Carlo analysis showed that	The utility of our approach is demonstrated	We examine We show We also provide		M3, M5, M3, M5
P4 -								
P5 -	-	We test the possibility	Employing standard approaches	The results indicate	We conclude	-	-	-
P6 -	Over the last decade...	This article question	By reconsidering the post 1970s	-	-	I demonstrate I argue	M2 by M3	-
P7 -	-	This paper reframes	This framework follows from observation	-	-	I offer I make The empirical analyses provide	-	-
P8 -	-	This paper examines The specific aim is The large aim is	The analysis is based on	The results show	-	-	-	-
P9 -	Exposure is widely assumed Nonetheless,	I examine I further substantiate	Drawing on national survey Utilizing a laboratory experiment	-	-	-	M3, M2 M3, M2	M1, M3, M2, M3, M2.

P10 -	One of the most Virtually no work has sought	I fill this gap I show	-	-	The results provide insight	-	-	-
P11 -	Debates about globalization have centered	We identify ... and consider We hope to identify	-	-	-	-	-	-
P12 -	-	We develop We show how Our goal is to provide	-	-	-	-	-	M2, justificativa, M2
P13 -	Fiona argues that...	To test Fiona's assertion	This article uses data from...	Our evidence indicates There are no large These divisions are not confirmed	-	-	-	M3, M2, M1, M4
P14 -	-	We examine what determines	Each group's membership	The model is general enough	We derive these results theoretically	-	-	-
P15 -	Rapid change often occurs It can be seen	In this paper, we argue To examine the process To trace agenda	Here we use x We rely on data	-	-	-	M3 to M2 M3 to M2	M1, M2, M1, M3, M2, M3, M2
P16 -	-	This paper tests hypothesis To test diverse conceptualizations	Using the 1992 and 1994 surveys	The results indicate	-	-	M3 to M2	-

P17 -	Public opinion Previous research offers x, but the available evidence is insufficient	This article seeks	By examining... Through barometer surveys	The analysis show...	-	-	M2 by M3 M3, M4	-
P18 -	Public opinion on	We show that	In 4 experiments	When issues are framed	We conclude	-	M3, M2	-
P19 -	-	This paper demonstrates	Using data from...	This shift was The results has been	-	-	M3, M2, M4	-
P21 -	-	This paper demonstrates	-	We can explain the disparity Investigations are responsible	-	-	-	-
P22 -	Recent research documents	We also identify	Using experimental survey	The data reveal	This may not always be effective	-	M3, M2	M1, M3, M2, M4, M5
P23 -	Although much recent work	I show that	Using the 1980 panel study	Models derived I argue that The results show	-	-	M3, M2	-
P24 -	The consensus in the empirical is	Our primary purpose is	We utilize	Our results call	-	-	-	-
L1 -	-	-	Two chronic patients participated in	P1 showed P2 also had	The fMRI data of our patient support the	-	-	-

								notion				
L2 -	According to x, y In the present study, x represented y	X were studied	Subjects read hour types	A direct comparison revealed	These results support	-	-	-	Sim M2, M3, M1, M4, M5			
L3 -	X also known as These classes were selected because	To test several prediction	We used	We hypothesized that All predictions were confirmed	These findings support x, extend our understanding	-	M2, M3 To x, y	Sim M1, M2, M3, M1M4, M5				
L4 -	Recent studies report This may effect We have termed	This study determined	ERPs were measured under 4 conditions: 1, 2, 3, 4	Pragmatically non-thematic role violated...	These findings demonstrate	-	-	-				
L5 -	X has been shown however	To test this hypothesis	We applied x	X showed	The findings demonstrate	-	M2, M3					
L6 -	The organization has remained controversial because However, x are observed	-	Using Aprosodia Battery	Functional- anatomic is presented to support 1, 2, 3.	-	-	M3, M5	-				
L7 -	Bilingual aphasia is clinical problem However, we lack casual explanations Further advance	To examine the effects...	We combine x e y	Improved performance was associated	This functional approach holds great promise	-	M3 to M2					

	requires											
L8 -	Broca area has been assumed	We asked whether	We compare	A network analysis showed	Results are discussed	-	-	-	-	-	-	-
L9 -	-	To investigate	We used x to investigate	We demonstrated that We assigned	Our results do not support	-	M3 to M2	-	-	-	-	-
L10 -	Previous laterality studies However It is not clear	-	Three divided visual field experiments	We found	This pattern of results is consistent with	-	-	-	-	-	-	-
L11 -	-	To initiating naming trials To test the underlying assumption	Five non-fluent aphasia patient participated	The four patients showed	This finding is consistent with	-	M3 to M2 To M2, M3	-	-	-	-	-
L12 -	-	We investigates	Using x 17 health subjects...	Lateral indices were calculated	Results are discussed in the context...	-	M2 using M3	-	-	-	-	-
L13 -	-	We explore	In two cross-model experiments	Acoustic analysis showed	We discuss how may	-	-	-	-	-	-	-
L14 -	-	This paper presents	Comparing pairwise First, we examined Second, we applied	Metrics were strongly influenced Varco v offered	-	-	-	-	-	-	Sim M2, M3, M4, M3, M4	-
L15 -	-	The lexical was	By teaching	We found that	This study	-	M2 by M3	-	-	-	-	-

		examined	Two groups learned		suggest			
L16 -	Research on pause duration has mainly focused Relatively little is known	Two experiments are reported	Subjects read sentences	The results showed	-	-	-	-
L17 -	Boundary-related has been shown Some evidence suggest However, only a small number have been examined	-	A survey of final lengthening in words	Shows that a, b, c.	These results suggest that	-	M3, M4	-
L18 -	-	To understand, we investigates how	Vocal expressions were elicited	All emotions could be recognized Analyses highlighted	Our data emphasize	-	-	-
L19 -	-	This study investigated	Vowels were produced Two groups were tested	The expo group performed The inexp group confused	Results suggest that	-	-	-
L20 -	-	-	Two groups of people were trained	Both groups showed Differences between the	-	-	-	-

L21 -	-	To address the question	We examined	two groups Speakers produced sentences The outcome was analogous	These results suggest	-	M3 to M2	
L22 -	-	The influence of...is examined	18 speakers uttered a total of...	The quantified results support The results further show	No correlation between w and y could be established	-	-	-
L23 -	Both English and Japanese have...	This paper examines	Acoustic analysis of the adult productions	Analyses showed Analysis revealed	The differences patterns are discussed	-	M3 revealed M4	Sim M2, M1, M3, M4, M5
L24 -	Despite x, no consensus has been reached	To shed new lights on the issue	All four lexical tones were elicited	Results showed	Implications are discussed	-	M2, M3	-

ANEXO VII
ANÁLISE DE HEDGES E BOOSTERS NO CORPUS

		Stance				
		Hedges	Total	Boosters	Total	Total Geral
A1 -	Apparent, most, relatively		3	Show, shows (2), will	4	7
A2 -	About, assume (2), perhaps, probably, suggest, suggests		7	Demonstrates, establish, evidence (3), shown	6	13
A3 -	Approximately, assumption, indicate, most, possible,		8	Consistent with (2), evidence	3	11

	probable, relatively						
A4 -	Often, possible (2), probable (2)	5		Convincing, demonstrates, determine, evidence (2) found	6	11	
A5 -	Indicate, may, possible (2)	4		Clear, evidence (2), show	4	8	
A6 -	Appears, assumption, likely, may (2), rather, relatively	10		Consistent with	1	11	
A7 -	May, relatively	2		Confirm, predict	2	4	
A8 -	Almost, likely, mainly, most, seem, suggest, would	7		demonstrate	1	8	
A9 -	Rare, suggest	2		Evidence (3), finds, thought	5	7	
A10 -	About, indicate, sometimes	3		Conclude, show, thought	3	6	
A11 -	Appear (3), may	4		Confirm	1	5	
A12 -	Could (2), may, most, rather, would	6		Conclude, show	2	8	
A13 -	Often, relatively (3), suggests	5		-	0	5	
A14 -	-	0		Show, known	2	2	
A15 -	-	0		Evidence, consistent with	2	2	
A16 -	Least, argue, broadly, perhaps, possible	5		-	0	5	
A17 -	Around, claims (2), could	4		Believe	1	5	
A18 -	Largely, may, rarely, suggests	4		Evidence	1	5	
A19 -	May, might, rarely, theoretically	4		Must, clearly, certain	3	7	
A20 -	Argue, perhaps, rarely, suggest (2)	5		Will (2)	2	7	
A21 -	Argue, may, perhaps, propose	4		Will (2)	2	6	
A22 -	Assumption, may, rarely, suggest	4		Will, show (2), obvious, finds	5	9	
A23 -	Argue, assumption, generally, perhaps, rather	5		Conclude	1	6	
A24 -	General, in general, may, rarely, should	5		-	0	5	
P1 -	Argue, likely, mainly, most, rather (2)	6		Evidently, show	2	8	
P2 -	About, interpret, more or less, most (2), suggest, suggests	7		Evidence (2), shows, think	4	11	
P3 -	Interpret, not necessarily	2		show	1	3	

P4 -	Least, often	2	Demonstrated, found, show (2), shows	5	7
P5 -	About, indicate	2	conclude	1	3
P6 -	Argue, broadly, most, theoretically	4	Demonstrate, indeed	2	6
P7 -	Most (2)	2	-	0	2
P8 -	-	0	Show	1	1
P9 -	Assumed	1	Demonstrated	1	2
P10 -	Assumes, most (2), suggest	4	In fact, show	2	6
P11 -	Should, about (2)	3	Clearly, evident	2	5
P12 -	Estimates, generally, theoretically, usually	4	Show	1	5
P13 -	About (2), argues, general, indicates (2), most	7	Evidence (2), found	3	10
P14 -	Often, theoretically	2	Will	1	3
P15 -	Argue, may, most, often (2)	5	Find	1	6
P16 -	About, indicate	2	True	1	3
P17 -	Sometimes	1	Determine, shows	2	3
P18 -	-	0	Conclude, inevitable, show	3	3
P19 -	-	0	Demonstrates	1	1
P21 -	General, may, rather, relatively, seem	5	Demonstrates	1	6
P22 -	-	0	Always, appear	2	2
P23 -	Argue, mainly, rather, suggests	4	Show (2)	2	6
P24 -	Certainly, most	2	-	0	2
L1 -	May	1	Showed (2)	2	3
L2 -	May, rather, suggest	3	-	0	3
L3 -	About	1	Known	1	2
L4 -	May, suggest	2	-	0	2
L5 -	Could not	1	Consistent with, demonstrate, shown	1	2
L6 -	May, suggest	2	Evidence	1	3
L7 -	About, should	2	Consistent with	1	3
L8 -	Assumed, relatively	2	Consistent with, showed	2	4

L9 -	Appear, sense	2	Demonstrate	1	3
L10 -	-	0	Clear, consistent with, found	3	3
L11 -	Assumption, could not, generally, suggested	4	Consistent with, showed (5)	6	10
L12 -	Might	1	Found	1	2
L13 -	Could not, may (2) most	4	Showed	1	5
L14 -	Most, should	2	Show, shown	2	7
L15 -	May, most, suggests	3	Demonstrate, found (2), showed	4	7
L16 -	Mainly, relatively	2	Known, showed	2	4
L17 -	Appears, indicated, least, may (2), most, probably, sense	10	Determine, evidence, shows, shown	4	14
L18 -	Could not, largely, most, tended to	4	-	0	4
L19 -	Often (2), suggest	3	-	0	3
L20 -	Most	1	Evidence, realized, showed	3	4
L21 -	Suggest	1	Must, show	2	3
L22 -	Around, could not	2	Established, show	2	4
L23 -	Generally	1	Showed, true	2	3
L24 -	Most	1	Evidence, realized, showed	3	4

